



**História da Literatura Infantil na Madeira:
Reflexos de um mundo em mudança**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Dina Isabela Lemos Ramos

MESTRADO EM GESTÃO CULTURAL



UNIVERSIDADE da MADEIRA

A Nossa Universidade

www.uma.pt

Novembro | 2010

**UNIVERSIDADE DA MADEIRA
CENTRO DE COMPETÊNCIAS DE ARTES E
HUMANIDADES**

DINA ISABELA LEMOS RAMOS

NOVEMBRO 2010

DINA ISABELA LEMOS RAMOS

**PROFESSOR ORIENTADOR:
PROF.^a DR.^a Luísa Marinho Antunes Paolinelli**

À minha mãe, à minha filha e ao meu marido.

Agradecimentos

Agradeço à minha orientadora, Profa. Dra. Luísa M. Antunes Paolinelli, pelo apoio, pelo tempo dispensado e pela simpatia com que sempre acompanhou o meu percurso.

Resumo

O aumento substancial do número de livros infantis publicados na Madeira, ou produzidos por autores nativos da Ilha, mais cedo ou mais tarde, daria como resultado a escrita de um ensaio teórico acerca deste assunto. Esta é a essencial finalidade deste trabalho.

Percorrendo diversas matérias em redor da Literatura Infantil pretende-se dar uma ideia da sua evolução e crescimento na Ilha. Através de uma contextualização inicial do género Literatura Infantil, fornecem-se diversos dados acerca deste, mesmo que por vezes ainda exista controvérsia acerca da sua legitimação. Para a percepção do desenvolvimento da Literatura Infantil na Madeira é estritamente necessário rever esta mesma matéria a nível nacional. Para além disso, para considerar o desenvolvimento da Literatura Infantil na Ilha, deve-se ter em mente a existência de uma tradição oral popular.

Na Madeira, a religião cristã e a escola juntaram-se na educação das crianças por meio dos livros. Os livros direccionados para um leitor com menos idade, mas não menos exigente que o adulto, passaram por várias fases de maturação ao mesmo tempo que a posição da criança na sociedade ia mudando. Depois de uma análise geral, dá-se conta que existe uma variedade de temas, motivos e finalidades que seguem uma transformação na sociedade, o avanço tecnológico, a conjuntura histórico-político, e a mudança de mentalidades da população. Há, por fim, que ter em consideração a relação cada vez mais profunda que a literatura estabelece com outras artes, como o Teatro, a música e a Banda Desenhada, ou, em particular, a ilustração. Para finalizar, é importante rever a condição da crítica literária existente sobre escritos na Madeira.

Palavras-Chave: Literatura Infantil, Madeira, desenvolvimento, criança, mudança, educação, prazer

Abstract

The substantial increase in the number of children's books published in Madeira, or produced by authors native to the island, sooner or later, would result in writing a theoretical essay on this subject.

This is the essential purpose of this work. Going through several issues surrounding Children's Literature aims to give an idea of its evolution and growth on the Island. An initial contextualization of the gender of Children's Literature is done, in order to provide information about it, even though sometimes there is still controversy about its legitimacy. For the perception of the development of Children's Literature in Madeira it is strictly necessary to revisit this same issue at national level. In addition, to consider the development of Children's Literature on the island, one must bear in mind the pre-existence of an oral tradition.

In Madeira, the religious education and the school joined in the education of children through books. The books targeted to a reader of an earlier age, but no less demanding than the adult, went through various stages of maturation while the child's position in society was changing. After a general analysis, one realizes that there is a variety of themes, motives and purposes which follow a transformation in society, the technological advances, the historical-political conjuncture, and the change in mentality of the population. It is necessary, in this context, to take into account the increasing dialogue that literature establishes with other arts, such as theater, music and comics, and, in particular, with illustration. Finally, it is also important to review the existing conditions of literary criticism written about books produced in Madeira.

Keywords: Children's Literature, Madeira, development, child, change, education, enjoyment

INTRODUÇÃO	8
I. LITERATURA PARA A INFÂNCIA: DESENVOLVIMENTO E CONTROVÉRSIAS DE UM GÊNERO	13
I. 1. Evolução da escrita para crianças: da tradição oral ao papel	16
I.2. Literatura Infantil em Portugal	19
II. A LITERATURA PARA A INFÂNCIA NA MADEIRA: HISTÓRIA E AFIRMAÇÃO	22
II.1. A Importância da Poesia no Desenvolvimento da Literatura Infantil na Madeira	27
II. 2. A República: os primeiros passos para o desenvolvimento da literatura infantil na Madeira	32
II. 3. O Papel do Semanário Infantil ‘A Canoa’	41
III. TEMÁTICAS E MOTIVOS: A RESPOSTA À MODERNIDADE	44
III. 1 A religiosidade na literatura infantil na Madeira	44
III. 2. A Figura do Animal na Literatura Infantil na Madeira e a sua Importância	48
III. 3. A Preocupação Ecológica	51
III. 4. O Jogo: dos jogos tradicionais aos jogos mais comuns	59
III. 5. Educação Intercultural e Inclusão Social	62
III. 6. Como aprender a História da Madeira nos livros?	71
III. 7. À Descoberta do Mundo: da Moral dos Adultos à Ética do Homem, do Desconhecido ao Apreensível	75
III. 8. Mitos e Lendas nas Histórias da Infância	79
III. 9. A recuperação da tradição oral no século XXI: o caso de José Viale Moutinho	87
IV. NO ENTRELAÇAR DAS ARTES	89
IV.1 O Contributo da Banda Desenhada na Literatura Infantil	89
IV.2. O Teatro e a Literatura Infantil	92
IV. 3. A música e literatura infantil	95
V. AS PERSONAGENS NOS LIVROS PARA CRIANÇAS: RETRATOS DE UM MUNDO EM MUDANÇA	98
V.1. Outros Esboços: Ilustração e Ilustradores	106

V.2. Ainda outros Retratos: A Crítica Literária na Madeira no campo da Literatura Infantil	116
CONCLUSÃO	119
ANEXOS	124
Anexo 1	125
BIBLIOGRAFIA	134

Lista de Tabelas

Tabela 1. Imprensa Infantil Madeirense da 1ª metade do século XX de acordo com <i>A Sementeira do Livro</i>	24
Tabela 2. Gráfico do Desenvolvimento da Literatura Infantil na Madeira - estimativa	26
Tabela 3. Quadro dos vestígios de temáticas ou referências religiosas na literatura da Madeira nos séculos XX e XXI	46
Tabela 4. Quadro da Menção a jogos em livros da Madeira para crianças.....	61

Lista de Ilustrações

Ilustração 1: Gravura	107
Ilustração 2: Gravura	107
Ilustração 3. Da autoria de Dina Pimenta (retirada do livro <i>Sebastião, o Índio</i> de 1982)	110
Ilustração 4. Da artista Elisabete Henriques (retirada do livro <i>Madeira Arca de Tesouros: Quatro Histórias</i> de 2008)	112
Ilustração 5. ilustração de José Nelson Pestana Henriques (retirada do livro <i>Pedro Pesquito e o Câmara de Lobos</i> de 2009)	113
Ilustração 6. Da autoria de Joana Campante (retirada do livro <i>Estou a Crescer</i> de 2003)	114
Ilustração 7. Retirada do livro <i>A História de Monakus</i> de 2006.....	115

Introdução

Após uma breve pesquisa sobre o tema da Literatura Infantil, verifica-se a ausência de material teórico e crítico sobre este tema em relação à ilha da Madeira. Na constatação da pouca bibliografia e, por isso, de estudo mais específico sobre esta matéria, verifica-se que poderia ser extremamente frutífero realizar uma análise nessa área e contribuir, assim, para o seu aprofundamento e futura discussão e desenvolvimento. Com o intuito de realizar um texto onde estivessem presentes referências à história da Literatura Infantil na Madeira e, porventura no qual outros pesquisadores desta área pudessem se basear para prosseguir este tema e as suas análises literárias, assim como fornecer dados de cronologia necessária para uma abordagem e desenvolvimento desta área na Madeira, iniciou-se este trabalho intitulado História da Literatura Infantil na Madeira: Reflexos de um Mundo em Mudança.

A inexistência de uma teorização e abordagem sistemática de temáticas, constantes e mudanças, tradição e diálogo de tradições na literatura para crianças produzida na Ilha ou pertencente ao sistema literário da Madeira funcionou como forte incentivo para a análise que se apresenta.

Apesar de muitos especialistas em literatura terem excluído, durante várias décadas, os livros escritos para crianças da lista de textos considerados como literários, a Literatura Infantil desenvolveu-se e, actualmente, são os livros para crianças os que têm maior saída no mercado livreiro. Contudo, no período inicial da descoberta deste género literário destinado às crianças nesta dissertação, deu-se conta da existência ainda de muitas discordâncias entre os teóricos acerca do facto dos livros infantis pertencerem ou não à literatura.

Durante muito tempo, a designação Literatura Infantil foi considerada quase impensável. Os livros para crianças teriam características não literárias apenas por se dirigirem a um leitor infantil. Esta polémica em torno da Literatura Infantil agudizou-se ainda mais devido à posição que a criança foi tomando, ao longo dos tempos, na família e na sociedade. Se, inicialmente, os livros se dirigiam apenas a crianças de classes mais elevadas, que sabiam ler e tinham outras possibilidades financeiras, a partir de certa altura, a criança começa a ser o centro da família e a escola é obrigatória, sendo os livros acessíveis para a maior parte delas. Verifica-se, então, que a Literatura Infantil, como tudo, foi sofrendo alterações conforme as mudanças na sociedade. Temos também

de considerar que estas mudanças que afectam o mundo se ligam também à forma de compreender a religião, a política, a comunidade local e global, a tecnologia, etc..

A criança existiu desde sempre, a sua posição na sociedade é que variou. Contudo, esta não deixava de fazer parte da família e da sociedade. Inicialmente, ser criança era quase o mesmo que ser adulto, ambos partilhavam as mesmas experiências. Como é do conhecimento geral, a literatura compreende as tradições orais e a sua recuperação escrita como parte integrante. Muitos dos livros para crianças também se baseiam e recuperam as tradições orais populares. Numa época em que ainda não existiam os livros, os adultos contavam histórias a outros adultos e a crianças. Desta base oral, nasceram muitos contos, actualmente, até pela tendência crescente de dar importância às tradições orais e ao tradicional como memória, recolhidos em livros.

Quando se pretende analisar o tema do crescimento da escrita para crianças na região, é evidente que têm de ser focados os acontecimentos relevantes, em diferentes áreas, na Ilha. Um dos acontecimentos importantes na história da Literatura Infantil na Madeira foi a implantação da República, momento histórico essencial para compreender o desenvolvimento dos livros especificamente direccionados à criança e com que propósito. Outro factor importante foi o aparecimento de publicações periódicas dedicadas às crianças, por isso, uma das partes deste trabalho é dedicada ao Semanário Infantil *A Canoa*, no qual apareceram algumas das primeiras manifestações literárias no campo da Literatura Infantil na Madeira.

Esta dissertação inicia-se, para uma melhor compreensão da história da Literatura Infantil, com algumas páginas que abordam a história dos livros para crianças a nível mundial, nacional e, por fim, regional.

Em relação à Ilha, é através da escolha de escritores e livros considerados significativos e até de acontecimentos relevantes que se analisa o crescimento e variáveis da Literatura Infantil na Madeira. Ao fazer uma selecção de livros para este estudo, deparamo-nos com outra controvérsia ainda acesa entre os teóricos da Ilha. Qual os escritores que podem ser considerados madeirenses? A escolha de livros infantis deste trabalho baseou-se numa simples razão: a de pertencerem ao sistema literário da Região. De facto, escolheram-se obras que são produzidas ou vendidas na Madeira, ou que se encontram em arquivo, escritas por escritores que, estando a viver ou nascidos na Ilha, produziram os seus textos dentro do sistema do contexto e divulgação regional, não impedindo a sua pertença também ao sistema literário nacional. Isto é, o sistema de emissor-mensagem-receptor (escritor-obra-leitor) funciona a nível regional, podendo

também funcionar a nível mais alargado.

Nesta pesquisa, procurou-se, e atendendo ao número elevado de matérias sobre este tema, focar diferentes aspectos, temáticas e motivos que foram tidos como caracterizadores de um mundo em mudança, considerando o final do século XIX até ao século XXI, e dar uma ideia geral da Literatura Infantil na Madeira. Daí a razão para a abordagem das variadas temáticas utilizadas nos livros infantis na Madeira, assim como, por alto, a interacção de géneros que encontramos nos mesmos. Estas temáticas gerais encontradas nos livros variam também consoante a época em questão. Foram escolhidos, por isso, alguns textos para poder a partir da acção e personagens descrever as diferentes abordagens temáticas realizadas.

Dos diferentes conteúdos dos livros destacam-se os de maior presença, como a preferência pela escolha dos animais ou ainda, já a partir do final do século XX, a preocupação ecológica. De facto, um dos conteúdos de extrema importância, em relevo nos textos infantis, é o da natureza. Quase todos os livros sobre a Ilha contêm como fundo a sua paisagem e elementos e os seus animais. Contudo, esta preocupação com a preservação da natureza e dos animais só surge com força aquando da sensibilização realizada nas escolas, transformando-se em preocupação com a defesa do ecossistema.

Em grande parte dos livros infantis, no seguimento das fábulas, encontram-se personagens representativas que tentam transmitir uma série de ensinamentos morais e sentimentos que, como referem muitos especialistas, apenas chegam à criança através desta personagem animal, com qualidades humanas. No entanto, havia que compreender se hoje o entendimento moral de muitas histórias para crianças de grande parte do século XX ainda se verifica ou se foi substituída por intuítos mais pedagógicos ou mais do âmbito ético.

A religião e a educação intercultural são outros temas aqui mencionados. Como bem sabemos, a população actual vive cada vez mais numa sociedade com diferentes maneiras de ser e de estar, o que pode ser complicado para a criança. Nesse sentido, os escritores começaram a determinada altura a perceber a importância de educar as crianças para a diversidade cultural. Por outro lado, não podemos descurar o papel da religião, ainda presente de certa forma, na educação e na produção escrita. Alguns dos livros infantis actuais continuam a pôr em primeiro plano a importância moral da religião cristã.

Em primeiro plano, aparece também a História da Madeira em alguns livros infantis. As tradições e os costumes madeirenses evocados em passagens de livros para

crianças demonstram a preocupação identitária e com a preservação da memória de alguns escritores.

Por fim, em relação a conteúdos narrativos, ainda podemos verificar neste rol de livros infantis, o foco no jogo e nos sentimentos a transmitir à criança. A criança necessita não só de aprender, como necessita de se divertir e de interiorizar determinados sentimentos que representam uma mais-valia na sua vida futura. A amizade e a liberdade são considerados, por todos os escritores, os sentimentos mais importantes a transmitir aos mais pequenos.

Existem, no entanto, alguns outros temas dos quais não se fará uma referência pormenorizada no trabalho, como é o caso da presença do sonho e da imaginação, temáticas mais generalizadas a toda a Literatura Infantil a nível mundial, podendo ser mesmo consideradas próprias deste género literário.

A partir do século XX, inicia-se o estudo do desenvolvimento da criança e é nesse seguimento que os livros escritos para estes leitores começam a ter um carácter específico, consoante as pesquisas feitas neste campo. Aos livros puramente morais e pedagógicos seguem-se os livros com conteúdo lúdico-pedagógico. Há um crescimento a todos os níveis do livro para a criança. O texto, a determinada altura, deixa de proporcionar apenas um bom momento de leitura e passa a conseguir despertar todos os sentidos e capacidades da criança. A Literatura Infantil já não é mais um livro “escolar”, mas sim um desafio.

No século XXI, encontram-se livros para todos os gostos e para todas as idades, com variadas formas e conteúdos. Devido a esta realidade, ao escrever sobre os livros para crianças e as suas temáticas deve-se, quase que obrigatoriamente, fazer referência a outras artes, que influenciam e caracterizam de certa forma a escrita para crianças. Dessa forma, neste trabalho são mencionadas três artes diferentes indissociáveis da Literatura Infantil: o teatro infantil, a banda desenhada e a música.

O teatro é uma arte muito atractiva para as crianças, assim como a música. Daí o entrelaçar de ambas com a literatura. As peças teatrais tanto podem ser baseadas em narrativas de livros, como podem ser baseadas em textos produzidos precisamente para serem representados, os textos dramáticos. A música, por sua vez, está constantemente presente nos livros infantis, quer pelo ritmo das palavras, quer pelo facto de se adicionar ao livro, por exemplo, um CD.

Simple acções ou personagens podem desencadear sons ou representar algo relacionado com a música, como o chilrear de um pássaro ou o alvoroço de uma

multidão de pessoas, ou ainda a presença de instrumentos musicais, entre outros. A música pode também provocar a necessidade da escrita, por exemplo de práticas musicais para aulas ou para a aprendizagem da História da Música.

A banda desenhada é uma forma simples de cativar as crianças para a leitura, usando texto e imagem em simultâneo. Não podemos de modo algum deixar de referir esta arte e género, pois foi uma das primeiras a fazer parte do mundo de leitura das crianças. Também a análise do conjunto de ilustrações e ilustradores dos livros se reveste de importância significativa, já que, cada vez mais, ao texto se une a imagem.

Após a escrita, durante três séculos, de mais de cem livros infantis na Madeira, encontra-se alguma crítica literária, tanto positiva, como negativa. No entanto, há que referir que esta ainda carece de sistematização e de qualidade, sendo esporádica e por vezes realizada por pessoas talvez pouco indicadas para a exigência deste trabalho. A Literatura necessita da crítica literária, uma crítica dialogante que permita o desenvolvimento das potencialidades literárias.

Assim, de forma a responder às questões colocadas anteriormente, divide-se este trabalho em cinco partes: a primeira, em que se foca o desenvolvimento da Literatura Infantil e a controvérsia ligada à aceitação desta como género autónomo e o seu desenvolvimento no mundo e em Portugal; a segunda, que salienta a história deste género na Madeira, salientando-se a importância do período da República e do aparecimento do periódico *A Canoa*; a terceira contém as temáticas mais versadas e que podem ajudar a construir a ideia da literatura como resposta à modernidade; na quarta, apresentam-se as ligações da literatura infantil com o desenvolvimento da banda desenhada, do teatro e da música; finalmente, na quinta parte, a Literatura Infantil, através das personagens que elege e das imagens que associa através da ilustração é analisada como espelho da mudança no tecido social, histórico e cultural da Madeira, referindo-se ainda a importância da existência de uma crítica literária sistemática e exigente que aborde os textos produzidos.

Os textos teóricos de apoio são convocados para este texto consoante as várias necessidades: desde os da autoria de estudiosos da literatura aos da psicologia infantil. Tendo como principal base a análise dos próprios textos literários, o percurso que se realizará terá como ponto de partida preferencial a Literatura em si.

I. Literatura para a Infância: desenvolvimento e controvérsias de um género

A discussão é acesa quando se envereda pelo caminho da distinção entre escritores madeirenses e escritores não nativos ou estrangeiros na Madeira. Como o demonstram vários seminários e mesas redonda organizados nos últimos anos, há sempre controvérsia, apoio entusiasmado e oposições quando se trata de definir «Literatura Madeirense». Esta mesma questão se coloca em relação à «Literatura Infantil da Madeira». A via mais produtiva, mantendo-se afastada de uma discussão que está em parte à margem desta dissertação, é incluímos na Literatura Madeirense todas as obras que se destaquem na Ilha, aquelas que sejam lidas por um maior ou menor número de leitores, letrados ou não. Assim, os livros que estejam à venda nas livrarias ou tenham sido oferecidos a alguma biblioteca da Madeira, ou que apenas tenham sido trazidos por algum leitor viajante mas passaram por outras mãos tornando-se objecto de leitura frequente, por assim dizer, podem ser considerados Literatura Infantil da Madeira, se entram num determinado sistema comunicativo literário regional. O que aqui importa focar é a escolha do receptor, ou seja, o leitor, da obra, mensagem, como própria e não somente do escritor, pois é o gosto e interesse do leitor que fazem o livro viver e reviver num determinado espaço e/ou tempo.

A selecção dos livros e escritores correspondentes, nesta dissertação, foi feita segundo os critérios acima referidos. Deste modo, irão ser mencionados e citados, por exemplo, escritores nascidos na Madeira, mas que não estudaram nem se graduaram na Ilha ou nela publicaram. Contudo, o desvio geográfico, se é que o poderemos designar como tal, fê-los crescer literária e esteticamente, e produzir obras literárias de grande valor que acabaram por ser lidas por leitores da sua terra natal.

Por outro lado, também serão reconhecidos aqueles escritores que, apesar de não terem nascido na Madeira, tenham residido ou residam e tenham tido ou exerçam actividade profissional e literária na mesma. De entre estes, distinguem-se escritores nacionais e um ou outro estrangeiro. Ainda poderiam também ser inseridos neste trabalho aqueles escritores que são conceituados a nível mundial e, por essa razão, são escolhidos por um grande número de leitores nos «quatro cantos do mundo». Estes

escritores podem ser considerados estrangeiros, como podem ser colocados no rol de livros escolhidos pelos madeirenses e assim considerados parte integrante da Literatura Infanto-Juvenil Madeirense. Há, no entanto, que ressaltar que as suas obras não são entendidas como “próprias” do lugar, não se identificando com o ser colectivo, comunitário da Madeira.

O certo é que, quando se trata da educação escolar e dos livros escolhidos pelos professores para a aprendizagem e conhecimento dos alunos, os escritores que se destacam não são os que cá nasceram e cá ficaram a produzir livros, mas, em grande número, os de produção e divulgação nacionais e estrangeiras. Será por mera falta de consideração pelo trabalho exercido pelos escritores nativos ou, simplesmente, por uma questão de menos prestígio ou qualidade; ou, ainda, de acharmos que a experiência do outro é de grande relevo para uma abertura de conhecimentos e mais frutífera a nível literário. Na verdade, estas são apenas considerações necessárias, mas a qual não serão desenvolvidas, para se entender a razão da escassez literária durante várias décadas do século XX de produção destinada ao público infantil na Ilha, em relação ao continente português e a outros países.

Optar pelo termo «literatura» quando se refere a livros destinados a crianças ou escolhidos pelas mesmas levanta outra discussão sobre o inserir ou não estes livros numa variante da literatura, actualmente designada por Literatura Infantil. O que é afinal, Literatura Infantil? Juan Cervera ¹ dá a este conjunto uma ampla, mas breve definição: *toda producción que tiene como vehículo la palabra con un toque artístico o creativo y como destinatario al niño*. Se seguirmos esta concepção, os materiais a escolher para análise nesta dissertação serão mais do que simples livros, como atrás foi mencionado. Os livros, sejam de narrativas ou poesia, são com certeza o centro da análise, pois são estes que «guardam» por décadas a produção literária de um local.

Foi devido à falta de edição ou simples escrita de transmissões orais entre pessoas com conhecimentos mais simples ou mais abrangentes, nas regiões mais pobres, que se perdeu uma parte importante da história literária e social de determinados locais, e a Madeira está um pouco dentro deste contexto. Torna-se, então, importante observar outras produções artísticas que não o livro para entender o que rodeia todo este mundo infantil. E ao referir outras produções, literárias ou não, tem-se como exemplo os contos e histórias transmitidos apenas oralmente, fruto da imaginação e vivência dos povos de

¹*Teoría de la Literatura Infantil*, 2ªed., Bilbao, Ediciones Mensajero – Universidad de Deusto, 1992.

determinada época e local, os quais não distinguem ouvintes adultos de crianças; as publicações periódicas, como as revistas e jornais para adultos, mas que têm um espaço infantil, ou periódicos destinados só a crianças; as adivinhas, os provérbios ou as lengalengas, que podem ser populares ou não, mas que são de valor tanto na aprendizagem como no divertimento da criança e do jovem.

Há quem conteste esta definição de Literatura Infantil de Juan Cervera apenas por não haver uma distinção clara entre o que é «literário» e o que é «não literário». Como a palavra «literatura» vem do latim *litterae*, que significa “letras”, e possivelmente uma tradução do grego *grammatikee*. Cria-se um estrito conceito de «literatura» nestas bases. Para alguns, os livros para crianças não são suficientemente “fidedignos” para que possam entrar na abóbada exigente de que se revestem as leis e normas literárias. A palavra «infantil» parece tirar crédito ao conjunto de livros dirigidos às crianças. Se toda a produção artística que tem como meio a palavra e se destina à criança fosse designada por Literatura Infantil, então, esqueceríamos um aspecto importante da «literatura» em geral, a «literariedade», ou seja, a essência dos textos literários, de acordo com Marisa Lajolo.² As formas literárias não são diferentes das formas linguísticas, mas sua organização torna-as (pelo menos algumas delas) mais visíveis. Enfim, a «literariedade» não é apenas questão de presença ou de ausência, de tudo ou nada, mas de mais e de menos (mais tropos, por exemplo): é a dosagem que produz o interesse do leitor.

Não é, porém, necessário entrar por caminhos mais teóricos sobre esta matéria para chegar a uma conclusão sobre a mesma. Falar de livros para adultos não será com certeza falar de livros para crianças, e quando me refiro a crianças estou a apontar uma faixa etária que vai desde o nascimento até por volta dos 12 anos, pois após esta idade já começam a interessar-se por outro tipo de livros (tema que será abordado mais detalhadamente).

A conclusão a que se chega é a de que a «literatura» e os seus conceitos estão a modificar-se gradualmente e a frequência com que os especialistas ligados a esta área tentavam estabelecer regras morfo-sintáticas para definir um texto literário de um que não tivesse as mesmas características está a perder interesse para alguns autores.

Se considerarmos que a criança aprecia mais uma brincadeira com palavras ou frases sem lógica, mas com ritmo, do que um texto rigoroso e cheio de palavras mais complicadas, aprendendo não só a língua como outros conhecimentos necessários ao

² *Literatura: Leitores e Leitura*, São Paulo, Moderna, 2001.

seu desenvolvimento, as fronteiras devem alargar-se. Assim, é difícil inserir a Literatura Infantil nesses moldes clássicos de «literatura», todavia, pode-se dizer que a Literatura Infantil é uma variante da «literatura», fazendo uso de conceitos modernos e de uma visão mais aberta que inclui conceitos como intertextualidade, reescrita, paródia, literaturas em contacto, etc.. O mais importante, e volta-se a repetir, é o que o leitor elege. As crianças apesar de, por vezes, não poderem escolher os seus próprios livros, porque são influenciadas pelos adultos ou porque não sabem ler, nem sempre gostam do que estão a ouvir, e isso sim é muito relevante. Como refere Barbara Vasconcelos de Carvalho³: *O importante na Literatura é interessar a criança, sob todos os aspectos: intelectual, emocional, social ou ambiental, psicológico etc.*

As diferentes obras consideradas Literatura Infantil têm, ao longo dos tempos, vindo a crescer e a ser aperfeiçoadas. O vasto leque de livros que actualmente fazem parte deste conjunto podem, segundo afirma Juan Cervera e sublinha Américo António Lindeza Diogo, dividir-se em três tipos de «literatura»: «literatura gañada», «literatura creada para los niños» e «literatura instrumentalizada»⁴. Estes tipos de «literatura» não são mais do que a maneira como a escrita para crianças se foi formando através das épocas e de que modo é que estas crianças tinham acesso aos livros e os mesmos as cativavam. A «literatura» dita «gañada» é o conjunto de livros que podem ou não ter sido escritos para esta faixa etária, no entanto, são lidos pelas crianças ou para as crianças e nunca caem em desuso entre estes leitores. São então assim recuperados e modificados constantemente. A «literatura» que se diz criada para as crianças, como a própria expressão o indica, é aquela que é escrita exclusivamente para elas, e na qual se deve ter especial atenção aos pormenores da idade e da moralidade e pedagogia, assim como do divertimento, ideias que norteiam este tipo de escrita. Por fim, a literatura instrumentalizada, é definida como instrumento, conjunto de livros que os adultos escrevem com uma finalidade apenas pedagógica, de aprendizagem.

I. 1. *Evolução da escrita para crianças: da tradição oral ao papel*

A história da Literatura Infantil começa já na época medieval com a tradição

³ [*A Literatura Infantil: Versão Histórica e Crítica*](#), São Paulo, Global, 1987.

⁴ Cf. *op.cit.* e Américo António Lindeza Diogo, *Literatura Infantil: história, teoria, interpretações*, Porto, Porto Editora, 1994.

popular. Apesar de ainda não haver uma intenção da escrita direccionada ao público infantil, existia uma transmissão oral de contos, cantigas, entre outros, das quais as crianças faziam parte como ouvintes assíduos e atentos. Nesta época, as crianças partilhavam dos mesmas experiências que os adultos, trabalhando e não sendo poupadas de qualquer afazer. Era também uma época em que se acreditava muito no sobrenatural. A falta de uma explicação plausível, que mais tarde a ciência viria a dar, fazia com que se inventasse, por assim dizer, nomes e formas para aquilo que a vista não podia alcançar e a mente não sabia definir. Claro que é necessário distinguir dois tipos de «literatura» nesta altura, aquela que fazia parte das classes mais cultas, e na qual eram representados os viveres reais quotidianos, muitas vezes com normas e regras a serem seguidas pelas crianças no interior da sua comunidade, e aquela pertencente aos mais pobres e sem instrução, a popular, quase exclusivamente oral.

Com o renascimento, muda-se a maneira de pensar e a criança adquire um lugar na preocupação do adulto. O pensamento regia-se, agora, pelo ideal da criança como homem do futuro, logo, era imprescindível a batalha da educação, no domínio da moral e da pedagogia. Os contos e outras histórias de antiga tradição oral, readaptados mediante intencionalidades pedagógicas, constituíram a mais alta produção infantil destes anos.

Só no fim do século XVII é que se efectiva uma produção literária destinada ao leitor criança. Com o novo conceito de família e a importância da manutenção da mesma, no modelo burguês da «família nuclear», a criança começa a ser vista como algo necessário a longo prazo para a preservação do património familiar e, por isso, muito protegido.

Depois de um tempo em que a educação estava ligada à religião e aos seus fiéis, foram fundadas as instituições escola que, pertencendo ao Estado, tinham a mesma função que as instituições religiosas, a de educar e ensinar, mas com propósitos diferentes. Com esta evolução, começa-se a verificar um menor número de analfabetismo e, conseqüentemente, um aumento da cultura letrada.

A evolução mental, económica, cultural e social na época do romantismo contribuiu para uma ulterior mudança a nível literário e artístico no que toca à literatura para a infância.

A ideia de modernidade, com todas as conseqüências que acarreta, torna-se alavanca para o progresso e desenvolvimento económico. Promove-se cada vez mais a leitura e começam a aparecer vários livros para as crianças, baseados a maioria em

contos populares, como, por exemplo, as obras dos irmãos Grimm, Hans Christian Andersen, Lewis Carrol, e mesmo livros cuja temática era as viagens pedagógicas.

É através desta mudança de atitudes e abertura a novas ideias que no início do século XX se assiste à chamada «idade de ouro» da Literatura Infantil e da própria criança. O adulto idealiza a infância, concebendo a criança como um ser inocente e inofensivo que não conhece o mundo real e necessita assim da sua protecção. A preocupação social torna-se um facto com a ajuda a crianças mais pobres e vítimas de abusos.

O século XX é marcado por um estudo aprofundado a nível da psicologia infantil, muito importante para o conhecimento das necessidades das crianças e adaptação da escrita às mesmas. Teorias como as de Dewey, Montessori, Declory, Claparède, Piaget, Vigotski e alguns pesquisadores do imaginário, como Bachelard e Huizinga, tentam clarificar posições sobre a aquisição da linguagem e a importância do imaginário. Aparecem também as obras cujo objectivo não se prende directamente com o carácter moral ou pedagógico, pois entende-se que a criança também necessita de divertimento e é isso que a atrai para a leitura. No início do século, começa-se a variar a escrita ao nível da forma e dos conteúdos, surgindo, por exemplo, com um peso considerável na produção para crianças e jovens, os livros aos «quadrinhos», ou banda desenhada, e o teatro infantil.

O surgimento da sociedade de consumo foi um factor decisivo conducente a uma maior produção de livros e à atribuição de prémios e condecorações às melhores obras infantis. Foi também neste século que se realizou o Ano Internacional do Livro Infantil (1974) e o Ano Internacional da Criança (1979), com diversas actividades, colóquios e discussões sobre o tema da criança. Nas escolas superiores, iniciam-se cursos específicos nesta área.

Nos finais do século XX e inícios do século XXI, verifica-se uma preocupação de transmitir à criança novos valores que emergem e a não deixar de parte os problemas da sociedade. Alguns dos temas de livros infantis que começam a ser tratados nestes séculos são: o meio ambiente; a convivência multicultural; a política; a história; o património; a amizade; o desporto... Continua presente a preocupação com a criança e com os seus direitos, bem como com a necessidade de a formar o melhor possível, pensando, claro está, no futuro. Porém, não se deve esquecer que também é nesta altura que há uma possível «crise do livro» devido ao desenvolvimento e poder dos meios de comunicação e à globalização. No caminho de uma Era Virtual, na qual as crianças se

vêm rodeadas e bombardeadas com variadas formas de transmissão de contos e histórias, e recebem tanta informação que é difícil gerir a interiorização da mesma, vários autores equacionam qual o lugar do livro nesta odisseia.

I.2. Literatura Infantil em Portugal

Em Portugal, tal como nos outros países da Europa, os primeiros vestígios da Literatura Infantil são fruto das tradições orais populares.

Os primeiros escritos do século XVI que se podem considerar para um leitor infantil são, como bem indica Maria Bettencourt Pires⁵: os Romances de Cavalaria, depois adaptados a crianças, como, por exemplo, *Amadis de Gaula*, de Vasco Lobeira, de 1508; obras pedagógicas como as Cartilhas ⁶ e os Catecismos; os relatos de viagens; os Exemplários, ou seja, contos moralizantes e educativos; as Gramáticas; a Literatura de Cordel e o Teatro Medieval, como, *Monólogo do Vaqueiro* ou *Auto da Visitação*, de 1502, ou *Auto da Índia*, de 1510. Nesta altura, os escritos que se podem considerar parte do mundo infantil têm um forte carácter moral e pedagógico. O importante era ensinar a língua materna à criança e educá-la com bons modos, seguindo a doutrina cristã da moral e dos bons costumes. Nesta época, a educação e as leituras de contos ou outros eram afectadas pela classe a que pertencia a família, a qual permitia ter uma capacidade económica necessária para investir no futuro das suas crianças.

No século seguinte, foram as fábulas que dominaram a Literatura Infantil em Portugal, essencialmente as Fábulas de La Fontaine. Gonçalo Fernandes Trancoso, que escreve na última metade do século XVI, escreveu o que é considerado por muitos o primeiro livro para crianças português, *Contos e Histórias de Proveito e Exemplo* (1575). As histórias que apresenta seguem a tradição de Chaucer e Boccaccio, pautadas pelos ensinamentos morais e éticos, mas também por um carácter de certo divertimento. A primeira edição de 1575, que contém duas partes, a primeira com 20 contos e a segunda com 11 contos, feita em Lisboa pelo livreiro Antonio Gonçalves, permaneceu durante muito tempo desconhecida, até ser descoberta entre os livros

⁵ *História da Literatura Infantil Portuguesa*, Lisboa, Edições Veja, 1982, pp. 28-41

⁶ As «cartilhas» eram livros para ensinar a ler, dos primeiros na literatura infantil

doados pelo historiador brasileiro Oliveira Lima, em 1928, à Biblioteca da Universidade Católica da América, nos Estados Unidos. Teve grande sucesso pelos exemplos, provérbios e máximas que continha, tendo sido editada seis vezes durante o período da dominação espanhola, (1585, 1589, 1596, 1608, 1624, 1633). Sofre no século XVIII múltiplas reimpressões.

No século XVIII, existe uma escassez de textos destinados às crianças, e ainda não se produziam livros dedicados exclusivamente a estas, continuando a predominar os contos de fadas de autores estrangeiros e as obras pedagógicas.

O teatro de «fantoques»⁷ tem o seu início em Portugal com António José da Silva (1705-1739), porém, a sua obra que poderia ser muito mais vasta acaba por ser interrompida pelo facto de o autor ser executado por ser judeu. Natércia Rocha escreve mesmo, na *Encyclopedia of Children's Literature*, editada por Peter Hunt⁸, onde se encontra vasta informação sobre a Literatura Infantil nos vários países europeus: *During the first period...- que a autora considera que vai do século XVIII até ao ano 1920-, poetry and traditional stories dominated, with translations in a distant second place.* Alguns autores e livros destes anos são: *O Tesouro Poético da Infância*, de Antero de Quental, de 1883, ou *Versos para as Crianças e para o Povo*, de João de Deus, de 1883. Os mais conhecidos na actualidade, escritos no início do século XX, e muito estudados denominam-se: *Os Bonecos Falantes*, de Carlos Selvagem, de 1925 e *O Romance da Raposa*, de Aquilino Ribeiro, de 1924.

Neste novo século em que se entrava, o século XX, a literatura aparece fortemente influenciada por valores políticos e sociais. Os livros destinados às crianças começam a surgir, contudo o período da ditadura marca os temas escolhidos para estas redacções.

Os primeiros livros infantis em Portugal são, curiosamente, publicados por mulheres. Ana de Castro Osório é considerada como a mãe da Literatura Infantil em Portugal, repercusora do seu desenvolvimento. Publicou um vasto número de livros ligados ao leitor infantil desde o ano 1897 até, aproximadamente, o ano de 1900. Escreveu desde contos, novelas até traduções e teatro. Desta escritora encontram-se títulos como *Contos Tradicionais Portugueses*; *A Educação da Criança pela Mulher* ou *Alma Infantil*, entre muitos outros.

Outra escritora também muito importante neste século foi Emília de Sousa Costa

⁷ Bonecos usados em peças teatrais, através da manipulação interna deste por um ser humano. Também designados por «títeres» ou «bonifrates».

⁸ *International Companion Encyclopedia of Children's Literature*, Londres e Nova Iorque, Routledge, 1996.

que viveu entre 1877 e 1959. Esta escritora, tal como Ana de Castro Osório, dedica-se a defender os direitos das mulheres e, conseqüentemente, da escrita para crianças. Emília de Sousa Costa realiza, principalmente, traduções de livros infantis estrangeiros.

Já na segunda metade do século, dá-se uma revolução na literatura infantil em Portugal e aparecem novas escritoras com novos objectivos para os livros direccionados às crianças. Alice Vieira é o nome mais marcante nesta época. Os seus livros mudam em grande parte a ideia de que os livros para crianças deveriam ser meramente pedagógicos. Esta escritora coloca todos os sentidos das crianças em relevância e apela não só para a educação como para o lazer. Livros com cheiros e formas diferentes fazem parte das suas publicações. Como exemplo temos: *Livro com Cheiro a Chocolate*. Alice Vieira recebeu alguns prémios literários pela sua inovação neste campo.

II. A Literatura para a Infância na Madeira: história e afirmação

A Literatura em geral, assim como a Literatura Infantil na Madeira, foi-se desenvolvendo progressivamente consoante condições específicas do desenvolvimento da própria Ilha. Um dos factores relevantes para o atrás mencionado é a necessidade da existência de pessoas minimamente escolarizadas e com algum conhecimento geral que permitisse uma atracção pela escrita. Até ao século XVIII, o ensino na Madeira esteve sempre sob a alçada da Igreja, tendo sido a Companhia de Jesus que propiciou os estudos a alguns madeirenses nesta época. Muitos escritores saíram do Colégio dos Jesuítas para Universidades do Reino.

A Revolução Liberal propiciou, segundo se refere na História da Madeira⁹, uma nova aposta no ensino público, que deveria ser garantido a todos os cidadãos pelo facto de ser uma forma de regeneração da sociedade. Apesar de começarem a aparecer várias escolas, não só no Funchal, como nas zonas norte, o analfabetismo manteve-se elevado até finais do século XIX. É neste século que a preocupação com o universo infantil e o seu futuro começa a dar frutos.

Na Madeira, são editadas várias obras literárias com carácter puramente educativo, como é o exemplo de *Livro de Leitura*, do General José Vicente de Freitas, datado de 1869. Uns anos depois, e antes de qualquer outra obra especificamente para crianças em todo o Portugal, é compilada e editada a *Selecta de Poesias Infantis*, na Tipografia Comercial do Funchal, pelo editor Abraham Adida. Esta composição de vários poemas de escritores nacionais também inclui alguns madeirenses, como Francisco de Andrade (1506-1589), Francisco Vieira (1845-1889), João César Coutinho Gorjão e António Policarpo dos Passos e Sousa (1836-1875).

No início do século XX, a Madeira ainda estava muito ligada e dependente de Lisboa, o que representava uma certa fraqueza da Ilha. As influências tanto de Lisboa como do estrangeiro na Literatura são notáveis e benéficas para o seu crescimento, contudo, era preciso ter liberdade de acção a vários níveis para poder desenvolver o

⁹ *História da Madeira*, coord. Alberto Vieira, colab. Abel Soares, Emanuel Janes, Gabriel Pita, Funchal, SER, 2010, pp.17-33

arquipélago. Para que a Madeira caminhasse a nível educativo e literário, o poder económico e administrativo tinha de ser regido conforme interesses próprios da Ilha, dos quais só tinham conhecimento mais profundo aqueles que os presenciassem, ou seja, aquele que residissem no local. Por outras palavras, era generalizado um sentimento de necessidade de autonomia por parte dos populares madeirenses. Assim mesmo se declara na *História da Madeira: O Partido Republicano Português lutara contra o centralismo lisboeta do poder monárquico e as forças vivas da Madeira estavam cada vez mais conscientes de que a solução dos problemas da Ilha passavam por uma maior autonomia administrativa e económica e que o estatuto autónómico em 1901 estava ainda aquém de corresponder a estes anseios.*

A Literatura Infantil que se desenvolve na época da República é ainda muito escassa, constituindo na sua grande maioria em produção poética. Em 1903 e em 1910, António Feliciano Rodrigues (Castilho) é autor de duas poesias intituladas «Versos da Mocidade» e «Versos para os Meus Filhos». Em 1911, o *Cancioneiro Infantil*, obra de Sant'Iago Prezado, então governador da Madeira, reúne tradições orais populares com o intuito de as transmitir aos mais jovens.

Por outro lado, no «Poema do Lar», dedicado aos seus filhos pelo escritor Teodoro Correia, na década de 30, denota-se o carinho e especial atenção dada à família e a importância dos filhos para a sua continuidade. Esta importância com os filhos acarreta outra responsabilidade, a da educação e transmissão de conhecimentos dentro de uma família. Maria Francisca Tereza (pseudónimo), ou melhor, Laura Veridiano de Castro, é outro nome que se destaca, principalmente na época da República, que se preocupa também com a educação e transmissão, mas mais exclusivamente das tradições e costumes madeirenses às crianças. Com a sua obra *Em Casa da Avó na Ilha da Madeira* dá a conhecer a Ilha nas suas paisagens e costumes, através da história de uma criança da cidade de Lisboa que vem para a Madeira visitar a avó. Para além desta obra, a escritora ainda conta com outros dois títulos, como *Os Contos do Querido Tio Gustavo* e *Como a Chica Conheceu Jesus*.

É também nestes anos que se pensa na criança como possível consumidor, indirecto, de cultura, considerando-se, assim, a necessidade da escrita e publicação de periódicos, ou parte destes, destinada ao entretenimento do leitor infantil. Deste modo, alguns suplementos como «Magazine Infantil» ou periódicos como «Presente», «1º de Dezembro» ou «Torres Erguendo», segundo Maria Margarida Macedo Silva, na sua obra sobre a imprensa Infanto-Juvenil Madeirense, foram criados a partir da necessidade

de dar algo para os «mais pequenos». ¹⁰ Estes periódicos ou suplementos de periódicos da 1ª metade do século XX continham adivinhas, anedotas, antologias, entre outros, e eram dirigidos por jovens graduados da Mocidade Portuguesa.

ANO	TÍTULO	EDITOR	DIRECÇÃO	ILUSTRADORES
1937-1938	Magazine Infantil	Página Quinzenal do «Diário de Notícias»	-----	----- ----
Janeiro 1944	Presente	Brás Figueira	Carlos Ornelas Monteiro	----- ----
1945-1946	Presente	A. Borges Pitta	Carlos Ornelas Monteiro	Redacção Rui Faria Pereira
1946	1º de Dezembro	Rui Lima Gonçalves	Brás Figueira	----- ----
1947	1º de Dezembro	Graciano F. Alves	Rui Lima	----- ----
1960	Torres Erguendo	Corpo Distrital dos Graduados da M.P	Diário de Notícias	----- ----
1969	Presente	C.A.C.F do Liceu Nacional do Funchal	Isabel Correia; António Jorge Vasconcelos; Juvenal Xavier	<u>Orientadores:</u> Dr. Horácio Bento de Gouveia ; Dr. Margarida Camacho

Tabela 1. Imprensa Infantil Madeirense da 1ª metade do século XX de acordo com *A Sementeira do Livro*.

Nestes mesmos anos, tanto Viterbo Dias ¹¹ como o Padre Alfredo Vieira de Freitas dão início a uma esfera teatral, que, começando nas escolas, se desenvolve mais tarde dando asas a variadas peças de teatro infantis. Estas primeiras peças de teatro eram constituídas por textos poéticos, acompanhadas por notas musicais e ritmos, que criavam uma atmosfera imaginária de puro entretenimento e, por outro lado, educativa

¹⁰ Silva, Maria Margarida Macedo, *A Sementeira do Livro*, Educação Permanente 5, Funchal, 1999

¹¹ Viterbo Dias era professor e jornalista na Madeira e escrevia peças de teatro para as escolas.

para as crianças. Esta iniciação ao teatro deu-se, primeiramente, em ambiente escolar. Depois, mais tarde, chegam os grandes Teatros e, com eles, peças de teatro infantis mais complexas, trazidas do passado dos contos de fadas, do presente de figuras imaginárias ou de um futuro de sonho. Neste mesmo período, a importância da criança aumenta tanto a nível educativo como a nível do seu desenvolvimento mental. Começam assim a aparecer obras em torno da criança, pois para escrever para ela e educá-la era primeiro preciso percebê-la. Em 1937 e 1940, por exemplo, temos duas obras com este objectivo, *Cem Anos de Vida Escolar* de José Rafael Basto Machado e *À Volta da Esfera Mental da Criança* do Dr. Óscar Spínola de Brito. Com a chegada de um regime autoritário, tudo o que menos se previa era que a Literatura Infantil e a preocupação com os problemas e necessidades da criança progredisse, contudo este regime tradicionalista e nacionalista demonstrou estar preocupado com a educação e desenvolvimento do país e com a ideia de educar as crianças e jovens para a construção da Pátria.

Na Madeira, surge, neste contexto, o semanário infantil «A Canoa», de onde saem alguns esboços de obras literárias infantis posteriores como *A Mimi e os Sapatinhos*, de Helena Clode, ou *Histórias que o Vento Conta*, de Irene Lucília, para além de contos e poesias de escritores continentais.

Maria do Carmo Rodrigues é o nome da escritora madeirense de destaque na época Salazarista, que, com o seu lado tradicionalista, tenta dar a conhecer as maravilhas da Ilha aos mais pequenos. Esta autora tem três livros escritos durante a Ditadura: *Dona Trabucha, a Costureira Bucha; O Vencedor e Chamo-me Leovigildo* (1964, 1973 e 1974 respectivamente), com edições também no Brasil.

Denota-se uma graduação lenta do aparecimento e descrição da chamada Literatura Infantil Madeirense com a mudança definitiva de regime político em 1974. Com o 25 de Abril, novos horizontes se abriram para a Literatura através da liberdade de expressão. O aumento rápido e massivo na produção de livros destinados ao público infantil foi consequência desta abertura da Ilha a novas perspectivas e um governo mais autónomo.

O século XXI assiste a um grande aumento da produção literária, já que em cada ano são escritas várias obras infantis didácticas ou simplesmente de lazer, com variados temas e para variados gostos. É também nesta altura que se destacam vários escritores madeirenses, tanto na Ilha, como fora dela. A preocupação com a educação e com o destino da Humanidade nunca foi tão profunda. Obras como *Camélias Brancas, Os Anjos Descem: poesia da infância, Ser Criança, Juju, a Tartaruga, O Jardim de*

Rosalina e Outras Histórias, entre outras, fizeram as delícias das crianças, tanto nos finais do século XX como ainda o fazem actualmente. No século XXI, na Madeira, foram postos à venda mais de 60 obras infantis de escritores madeirenses, o que mostra o rápido progresso em relação aos séculos anteriores em que as obras não passaram das 20 (Gráfico 1). As obras crescem não só em número, como em género, e a banda desenhada é um exemplo disso. Junta-se no final deste trabalho, em anexo, um quadro de referência com as obras, autores e ilustradores considerados significativos para o estudo da Literatura Infantil na Madeira (v. Anexo 1)

	90-100						
	80-90						
	70-80						
	60-70						
	50-60						
	40-50						
Livros	30-40						
Publicados	20-30						
	10-20						
	05-10						
	0-5						
		1800-1850	1850-1900	1900-1950	1950-2000	2000-2010	
		Intervalo de Anos					

Tabela 2. Gráfico do Desenvolvimento da Literatura Infantil na Madeira - estimativa

Este desenvolvimento na literatura faz com que cresçam novos valores na cultura madeirense. Tudo o que gira em sua volta aperfeiçoa-se, como é o exemplo da Rede de Bibliotecas da Ilha ou o Teatro, os projectos do Baú de Leitura, da Direcção Regional de Educação, ligados à difusão da literatura infantil na população Madeirense.

Apesar do aumento da escrita para crianças, começa a haver uma preferência em relação aos novos media como a televisão e a internet, que no fundo desempenham o mesmo papel que os livros, mas com alguns senãos. Actualmente, a grande questão dos

estudiosos é, será que o livro tradicional está a perder-se, será um fim ou apenas um recomeço?

II.1. A Importância da Poesia no Desenvolvimento da Literatura Infantil na Madeira

A poesia é uma forma específica de linguagem que não se baseia somente no raciocínio, mas também na imaginação e sensibilidade do ser humano. Em vez de comunicar informações, esta transmite essencialmente emoções e daí a sua ligação com o universo infantil.

A poesia pode distinguir-se entre: poesia tradicional, poesia escrita por adultos para a criança ou simplesmente escolhida para estes lerem, e poesia escrita ou dita de forma natural pelas mesmas crianças. A poesia tradicional é a forma mais antiga de poesia enraizada numa cultura. O conjunto que reúne canções de embalar, trava - línguas, orações, canções, adivinhas, entre outros, é o mais original e puro da literatura. Por outro lado, a poesia que os adultos escrevem é muitas vezes proveniente ou influenciada pela sua própria infância e depois direccionada aos seus filhos ou netos ou simplesmente àqueles que irão passar pelas mesmas experiências e emoções. Contudo, também se pode considerar poesia aquela que é escrita pelas próprias crianças quando já têm conhecimento pleno da língua ou meras frases ditas por crianças em fase de aprendizagem da língua, que não sabendo ainda se exprimir usam as palavras que mais lhes parecem correctas.

A poesia foi considerada, durante muito tempo, como uma actividade «estética» que nada tinha a ver com a literatura. Esta actividade era uma espécie de talento direccionado apenas a uma elite dotada. Ainda hoje, é difícil definir poesia, pelo menos de uma forma concreta pois, esta entra numa esfera em que o homem não domina que é tudo aquilo que está fora da razão e do real, como bem afirma Garcia Lorca «Todas as coisas têm seu mistério, e a poesia é o mistério que todas as coisas têm.»

O Grupo Francês de Educação Nova sob a orientação de Michel Cosem¹² após um estudo sobre a poesia em função da observação e questões colocadas a crianças, define poesia de duas maneiras:

[...] essencialmente um estado, uma forma de entrar em contacto com os seres e com as coisas que constituem o mundo real, uma forma de «ser» ou, se preferirmos, de «encarar» as coisas e de assim as «possuir». É uma relação existencial que se institui mas que não se insere no campo do conhecimento, no sentido em que este implica um esforço para «medir rigorosamente o real», usando uma objectividade disciplinada. Este estado, que tem a sua origem na emoção, visa ele também aquilo a que se pode chamar o «conhecimento emocional» do real, as coisas são sempre mais do que aquilo que são, que «parecem ser»...A tentativa do poeta, com a sua sobrecarga de afectos, desejos e intencionalidades, de chegar até a «essência das coisas» e às suas significações, coincide com um esforço de conhecimento que passa por operações quase mágicas de decifração, de tradução, de transmutação. A coisa é primeira e essencialmente um signo - e mesmo assim são precisos «olhos férteis» para o descobrir.

e,

A poesia começa com a linguagem. É, essencialmente, «tratamento da linguagem», transformando-se depois em «linguagem adentro da linguagem». É um ofício, um labor, a braços com um material resistente e rebelde: o material verbal, ou seja a língua, as estruturas da língua.

Esta segunda tentativa de definir poesia é o espelho da criança que começa a aprender a ler e que diz algumas frases sem nexos ou palavras trocadas e que assim se assemelha ao poeta. A primeira definição dada por este Grupo Francês mostra de uma forma um pouco subjectiva o sentido da poesia e até que ponto o devemos manter e continuar. A poesia como expressão do imaginário é indispensável para o desenvolvimento da personalidade infantil. Ajuda-a a fugir da realidade onde habita os seus medos e angústias, fazendo com que a criança possa compreender e criticar essa mesma realidade. A poesia permite-lhe ser criativa e inventar novos mundos.

¹² *O Poder da Poesia*, Grupo Francês de Educação Nova, orientação de Michel Cosem, trad. Maria Helena Arinto, Coimbra, Livraria Almedina, 1980, p.34

As crianças são muito emotivas e crescem também nesse sentido. As suas emoções transformam-se em aprendizagens. A poesia é, assim, tão importante para as crianças como outro tipo de literatura o é. Através do estudo e gosto pela poesia, a criança aprende a língua materna, e não só, já que melhora a sua dicção e consegue comunicar mais rápida e eficazmente. Os poemas permitem também à criança aprender a memorizar ou divertir-se cantando ou jogando, pois grande parte dos poemas são musicados ou inserem-se em brincadeiras infantis. Os jogos servem para consciencializar as crianças de que a língua é uma matéria viva e de que estas se podem comprazer a divertir com ela, através de construções, destruições e reconstruções.

Para que se possa fazer uma análise geral da poesia é necessário dividir os poemas em grupos distintos. Os poemas podem ser divididos em três tipos: líricos, poemas geralmente curtos onde o poeta expressa os seus sentimentos numa primeira pessoa; narrativos, poemas na maior parte das vezes longos onde se conta uma história; ou dramáticos, poemas no mesmo registo que o narrativo mas, onde a história tem mais acção e desenrola-se através das falas das personagens. Para Juan Cervera, ainda se pode considerar mais um tipo de poema, aquele que *comprende desde sencillas muestras populares hasta creaciones innovadoras que superan estilísticamente las posibilidades apreciativas del niño, aunque responden a su espíritu lúdico*¹³, designado por este autor como poema lúdico.

Como afirma o poeta português Fernando Pessoa, a poesia é, por certo, qualquer coisa de infantil, de mnemónico, de auxiliar e inicial¹⁴.

Os primeiros poemas direccionados especificamente para crianças e escritos na Madeira datam do início do século XIX. São poemas que tinham como finalidade transmitir emoções e sonhos de gerações em gerações. Estes poemas não eram publicados porque faziam parte de famílias mais cultas e eram pessoais. Por esta razão, alguns destes poemas perderam-se no tempo. Outros foram publicados intencionalmente em periódicos e daí a sua continuidade. Os poemas «Versos Para os Meus Filhos», «Poema do Lar» ou «Lágrimas», ambos do início do século XX, retratam esta forma anteriormente mencionada que relaciona poesia com emoções, com a tentativa de fugir ao real. O primeiro e o segundo poemas foram escritos por António Feliciano Rodrigues (Castilho) e Teodoro Correia, respectivamente, e foram dedicados aos filhos, enquanto o terceiro é da autoria de Vitorino José dos Santos e foi escrito após a morte da sua filha

¹³ *Teoria de la Literatura Infantil*, 2ªed., Bilbao, Ediciones Mensajero – Universidad de Deusto, 1992

¹⁴ Fernando Pessoa, Livro do Desassossego, por Bernardo Soares, Lisboa, Ática, 1982, p.14

ainda jovem.

A primeira publicação de poesia para crianças na Madeira, data do ano de 1874 e, designa-se por *Selecta de Poesias Infantis*. Esta compilação de vários poemas, que, não sendo escritos especialmente para crianças, foram considerados com valor para o mesmo fim, foi editada no Funchal por Abraham Adida e composta por Henrique Augusto da Cunha Sousa Freire. Desta selecta faziam parte, para além de poetas portugueses, quatro madeirenses que passo a referir: Francisco de Andrade, Francisco Vieira, João César Coutinho Gorjão e António Policarpo dos Passos e Sousa. Segundo, Maria Margarida Macedo Silva, esta selecta foi a primeira publicação de poemas destinados ao leitor criança e teve muita aceitação em várias escolas do país. Só após a publicação deste conjunto de poemas começaram a aparecer outros poemas individuais e obras poéticas ou outras compilações de poemas por todo o país, como é o caso de: *Tesouro Poético para a Infância*, de Antero de Quental, de 1883.

A partir deste momento, na Madeira, os poemas dedicados a crianças deveriam aumentar, contudo, estes apenas tiveram a sua divulgação em publicações nos jornais e no semanário *A Canoa*. Apesar de alguns livros narrativos infantis da época conterem poemas ou versos no seu interior, o primeiro livro de poemas infantil escrito por um madeirense aparece, apenas, muitos anos depois, mais propriamente em 1981. *Os Anjos Descem: poesia da infância* é da autoria do poeta António Marques da Silva, também conhecido entre os mais pequenos como o «avô Maqui». Os seus poemas procuram retratar a infância, época de rebeldia cheia de travessuras, mas também de aprendizagens e experiências boas. São poemas, a maior parte deles, longos, que revivem a verdadeira essência das crianças, a sua inocência e pureza. Através de acções concretas, o poeta consegue descrever as mais simples vivências de uma criança nos seus erros gramaticais, nas suas curiosidades e nas suas travessuras. Birras, sorrisos, experiências com adultos, frases sem sentido e um mundo de divertimento e aprendizagem são meros momentos que reflectem o universo ideal e necessário para uma criança e o qual está explícito nesta obra.

Oito anos após a publicação da poesia da infância de António Marques da Silva, é editado outro livro infantil de poesia mas, desta feita, de António Manuel de Castro. Este segundo livro de poesia tem as mesmas finalidades que o anterior, dar a conhecer o universo infantil porém, completa-se com as várias definições, por assim dizer, do «ser criança». *Ser Criança* é o seu título e, os seus temas são: «saber brincar», «ter travessuras», «ganhar interesses», «ser afectivo», «saber sonhar», ter decepções» e

«ganhar a diferença». São poemas também longos, do tipo narrativos como os anteriores.

No início do século XXI, devido às crises mundiais, consequência de conflitos entre países, fortificam-se as crenças e tradições que marcam a nação dando largas a um sentimento conservador e nacionalista. Começam a aparecer obras que buscam um passado, as tradições e as raízes populares, obras como as de José Viale Moutinho, que reescrevem lendas, provérbios, orações, lenga-lengas, cantigas, adivinhas e outras tradições populares portuguesas, que fazem parte da cultura madeirense. Estas variadas formas de escrita podem ser por vezes consideradas poesia pois, são compostas por versos e rimas.

Passados muitos anos a escreverem-se vários livros narrativos e com a poesia um pouco esquecida no campo da literatura infantil, é editado o livro *ABCD...Alguma Bicharada até ao Z* de Octaviano Correia, que nos traz a poesia numa forma mais moderada a nível de extensão mas, com variados trocadilhos e uma distinção a nível de jogos linguísticos imprescindível.

*O hipopótamo
é grande
grande
grande
e pesadão
é gordalhudo
lento
focinhudo...
e tem uma boca onde cabe
quase tudo!!!
«Hi-po-pó-ta-mo
hi-po-pó-ta-mo
mas que grande boca tens»
diz para o hipopótamo o jacaré
«Ai é? Que engraçado!»
responde o hipopótamo
- de olhos em brasa -
«Certamente jacaré
não tens espelhos em casa!»*

Este é um poema que não só ajuda as crianças a aprenderem a língua portuguesa e a lerem as palavras de forma correcta e clara, como ensina vários termos relacionados com os diferentes animais. Joga com as palavras de maneira divertida com o intuito de despertar a atenção para a leitura. Para além destes poemas escritos por adultos, no mesmo ano, 2008, compilam-se e editam-se poemas escritos pelas próprias crianças, em ambiente escolar, como é o exemplo de *A Magia da Poesia - poetas em miniatura*, dos Alunos do 3º B da EB1/PE de Santa Cruz.

II. 2. A República: os primeiros passos para o desenvolvimento da literatura infantil na Madeira

A República, nova forma de governo que surge em contradição com o poder monárquico, caracteriza-se por princípios de liberdade, direito e justiça assim como visa à regeneração e ao progresso.

Este tipo de governo é, através das suas ideologias, um governo que aposta na educação como um bem nacional essencial ao desenvolvimento do país, e, assim, pretende iniciar reformas relevantes no ensino em Portugal. Esta visão realista dos republicanos e os consequentes debates em torno do ensino foram extremamente importantes para a actual ideia que temos sobre a educação.

O problema com a educação faz-se sentir através das várias publicações direccionadas ao adulto, mas referentes à criança e à sua educação. Foram editados, após a Implementação da República na Madeira, livros que resumem conferências ou congressos, como é o exemplo de: *Cem Anos de Vida Escolar*, de José Rafael Basto Machado, em 1937 e *A Família*, de Juvenal Henriques de Araújo, em 1940. Também no *Diário de Notícias da Madeira* saem muitos artigos sobre a educação e o ensino. Em 1921, por exemplo, aparece neste periódico o artigo «A Remodelação Geral do Ensino» e, em 1937, o artigo «O Livro Único no Ensino Elementar». Contudo, não é durante os anos da República que nos deparamos com uma melhoria substancial do ensino, nem com um crescimento rápido da literatura infantil. Joaquim Pintassilgo, no livro *República e Formação dos Cidadãos: a Educação Cívica nas Escolas Primárias da Primeira República*,¹⁵ sublinha mesmo que

¹⁵ *República e formação de cidadãos: a educação cívica nas escolas primárias da I República*

[...] parece-nos ter ficado [...] claramente demonstrada a importância assumida pelo projecto de formação de cidadãos então desenvolvido, projecto esse considerado vital para a transformação da sociedade no sentido idealizado pelo republicanismo e em que a escola primária desempenhava um papel nuclear. No entanto, esse projecto – fruto da época e da conjuntura – pouco tem a ver com os actuais propósitos da educação para a cidadania, aproximando-se muito mais das experiências baseadas na inculcação de valores.

O que se pretendia era educar as crianças segundo os valores determinados pela República e não educá-los para irem além fronteiras. Este novo governo prezava o que era nacional e vangloriava os seus feitos. São alguns destes valores que eram transmitidos às crianças através dos livros infantis, ainda muito escassos.

Antes de passarmos a referir e analisar os vestígios de literatura infantil na Madeira no período da República, é estritamente necessário rever a situação da Ilha nestes anos. O factor mais determinante do não desenvolvimento de uma literatura infantil na Madeira nestes anos é provavelmente o analfabetismo acentuado verificado na Ilha. Para termos uma ideia: a taxa do analfabetismo global de ambos os sexos no distrito do Funchal era de 90% em 1900 e de 82,7% em 1911.¹⁶

Outra característica do ensino no início do século XX era o de ser muito restrito, ou seja, ainda se fazia, por vezes, distinção entre escolas femininas e escolas masculinas para além de o número de escolas existentes na Ilha ser incapaz de acudir à «emergência» educativa verificada. Pode-se questionar quem seriam os intelectuais da época da República que se interessam pela escrita de textos literários para crianças? A resposta pode encontrar-se numa citação muito a propósito de um jornal madeirense, *A Opinião* (18 de Agosto de 1890, Órgão do Partido Regenerador, editor Henrique Félix de Freitas Vale, que se encontra em «A Madeira e a República», de António Luís Ferronha, na Revista Atlântico, 1989):

O que são e quem são os republicanos da Madeira? Se exceptuarmos

Portuguesa, 1998

¹⁶ Silva, F.A., & Meneses C.A., *Elucidário Madeirense*, Funchal, Junta Geral do Distrito do Funchal, 1965.

meia dúzia de rapazes inteligentes, trabalhadores e activos, (...) os restantes não são mais do que uma confusa massa de pessoas, que não sabem o que querem nem o que desejam, e que se deixam arrastar por essas encantadoras miragens, que se chama – nada de impostos e nada de senhorios.

Deduz-se que a quantidade de intelectuais e escritores era pouca para o número de habitantes da Madeira e, em contra censo, muita para o número de leitores existentes. A via mais rápida e fácil para chegar a alguns leitores, aqueles que tinham alguns conhecimentos mínimos da língua portuguesa foi, primeiramente, a dos periódicos. Como foram publicados muitos periódicos na época da República, mesmo sendo estes maioritariamente políticos, utilizou-se este meio para publicar alguns textos literários e poesia, para além de críticas e debates sobre a educação.

Nas duas primeiras décadas do século XX, são editados na Madeira 75 periódicos, contudo, alguns, têm uma vida muito curta. Em 1912, foram editadas também duas revistas pedagógicas, de periodicidade quinzenal, exclusivas do ensino primário, *O Defensor* e *A Escola*¹⁷. Os periódicos representavam um meio mais seguro de chegar até ao público, pois continham uma simplicidade estrutural e escrita e eram, ao mesmo tempo, mais acessíveis a nível financeiro. É, então, nos periódicos que muitos escritores deixam as suas primeiras marcas literárias.

O *Diário de Notícias* é, talvez, o periódico mais relevante nesta época em relação a matéria infantil. Porém, só em 1937 é que o Diário reserva dois espaços quinzenais ao leitor infantil: um no suplemento designado por «Infantil» e outro com o tema «Página Escolar do Diário da Madeira». O suplemento infantil era composto, na sua maioria, por banda desenhada. Este espaço continha anedotas, publicidade relacionada com a criança e histórias. Por outro lado, o espaço reservado à escola era mais variado, contendo artigos sobre o ensino, poemas, anedotas e outras informações sobre as escolas e o ensino na Madeira.

Entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX, eram a poesia e as histórias em verso a produção mais abundante na Madeira. Também em forma de verso encontravam-se recuperações da tradição oral popular. Alguns livros

¹⁷ Lume, Filomena O. F. de Nóbrega, «O Ensino Primário na Madeira nos Inícios do Século XX: Práticas Discursivas e Quotidianos Escolares», Inspeção Regional da Educação da Região Autónoma da Madeira, in <http://www.faced.ufu.br/columbe06/anais/arquivos/297FilomenaLumeAtual.pdf>

deste tipo são publicados por escritores madeirenses. Estas obras eram muito específicas, já que eram escritas com um objectivo um pouco diferente daquele ao qual se destinam os livros infantis no geral. Os livros *Versos para os Meus Filhos*, de António Feliciano Rodrigues (1910), *Lágrimas*, de José Vitorino dos Santos (1916) e *Rosas do Meu Canteiro* (1942), de Teodoro Correia, foram dedicados às famílias, amigos e filhos. São livros que não se destinam ao leitor criança no geral, mas, alguns, acabam por ser publicados e, como refere António Feliciano Rodrigues, «As Mães, a cujas mãos, por ventura, elle chegue, perdoar-nos-hão as deficiências que contem e se n'estas páginas acharem algo de útil as farão ler por seus filhos.»

O livro *Versos Para os Meus Filhos*, de 1910, foi um livro escrito após a morte da mãe e da esposa do escritor. Se analisarmos a fundo o livro, subentende-se nas suas divisões, um sentimento de alegria, por um lado, relacionado com os seus filhos e, por outro, de dor e saudade relacionado com a morte da sua mãe e da sua esposa.

Sendo um livro dedicado aos filhos, é uma obra muito infantil, tanto pela presença de um tom didáctico como moral, porém, podemos excluir alguns poemas, os mais ligados com a morte. Este livro é dividido em cinco partes: «A Primavera», «O Estio», «O Outono», «O Inverno» e «Sob Ciprestes». Quase todos os poemas, excluindo os da última parte, são puramente moralistas. Frases como: «Quão cega é a vaidade.» ou «Quem muito fala, pouco aprende.» finalizam algumas destas histórias escritas em verso. O escritor designa algumas das composições de ode, sátira e fábula. A figura do animal é importante em muitos dos poemas moralistas que se assemelham a fábulas em verso, como é o exemplo de «A Pega e o Tentilhão», «O Velho Lobo» ou «O Caracol e o Egoísta». António Feliciano Rodrigues não só usa a moral nestas histórias, como insere-lhes algum humor, necessário para cativar a criança à leitura.

Um dos textos deste livro intitula-se «Provérbios» e, como a própria palavra indica, é uma reunião de provérbios populares. Os provérbios são outra forma usada com o intuito moral de ensinar a criança.

Nem todos os versos são escritos pelo autor do livro. Estão aqui citados outros escritores como João de Lemos, Vítor Hugo e Tournier. Alguns destes versos são traduções, como o autor indica no fim dos mesmos, com a abreviatura «trad.», porém não são mencionados os nomes dos seus verdadeiros autores.

O sentimento religioso é outro tema presente na poesia, ensinando-se costumes da religião cristã e fazendo referências à Bíblia, o que é perfeitamente normal na época em questão. Os poemas: «Saudação», «Salve Rainha», «Na Bethania», «No Colgotha», «25

de Dezembro» e «Lenda» traduzem a forte crença na religião cristã da população madeirense, nestes anos. Apesar de a República seguir o caminho da completa separação entre Estado e religião, a literatura, a cultura e a religião são quase que indissociáveis.

Em 1931, Teodoro Correia publica em verso o livro *Nimbos*, impresso no *Diário da Madeira*. Este livro é composto por quatro partes. Na primeira parte, encontra-se o poema «Terra Mater», dedicado a Juvenal de Araújo, na segunda parte, intitulada «Revoadas», apresentam-se poemas dedicados a companheiros do autor do livro, o terceiro, «Cartas de Amor», é direccionado a Rebelo Bettencourt e o último, o que nos interessa mais directamente, intitula-se «Poema do Lar». Esta última parte do livro *Nimbos* é, como declara Teodoro Correia, para os seus filhos.

«Poema do Lar» contém oito poemas, seis dos quais que podem ser considerados, em parte, literatura infantil. Em «Canção da Infância», primeiro poema desta parte do livro, o poeta narra a sua infância na primeira pessoa, recordando-a com melancolia. Em «In Memoriam», segundo poema desta parte, recorda quem se pensa que será a sua companheira, pois o escritor refere a presença de um filho deixado por esta mulher, a qual apelida de Santa. «Lembranças do Natal» é a narração de um momento em que passou com o filho, o Natal. Este é, talvez, o poema que mais se assemelha a uma leitura para criança. E, para que se possa perceber a sua simplicidade, cita-se a poesia:

- «*Carlinhos*» - disse ao meu filho segundo
sentando-o no regaço brandamente:
- «*hoje é Dia de Festa, sobre o Mundo*
distribui suas bênçãos Deus clemente.

E em nome de Jesus, o Pai Natal
- um velho muito amigo das crianças -
traz-lhes brinquedos dentro de um bernal,
espalhando alegrias e esperanças!

Como lembrança do Natal divino,
que brinquedos preferes neste dia,
que desejas te ofereça o Deus menino?»

Respondeu-me a sorrir: - «Eu preferia

*pedir-lhe mais um mano pequenino
para eu brincar com maior alegria!»*

Os últimos poemas desta parte e deste livro são: «Inocência», «Ninhos», «Mães», «Berço» e «Via Dolorosa». Apenas os dois primeiros têm características de literatura infantil, os restantes são poemas mais complexos a nível de linguagem e estrutura e o tema principal não é a criança, nem são os animais, por exemplo, mas sim outros cujas temáticas não se inserem no mundo da criança. Em «Inocencia», o escritor descreve uma criança diferente, quase detentora de poderes mágicos, que salva uma ave com apenas um contacto entre bocas. Em «Ninhos», as aves são as únicas personagens que, ao fazerem os seus ninhos, estão a garantir uma geração de pássaros futura. Existe neste poema uma comparação, mesmo que indirecta, entre as aves e os humanos.

O escritor Teodoro Correia, em 1942, publica outro livro de poesia, *Rosas do Meu Canteiro*. Este é mais um livro que contém poemas muito simples, que abordam conteúdos como a religião, a importância dos sentimentos e o trabalho do campo, muito usual na Madeira e muito presente nas mentes da criança desta época. Alguns destes poemas são dedicados aos seus filhos, como é o caso de: «Mar Alto», «Bordados da Madeira» e «Vindima». São poemas que referem tradições madeirenses, com versos curtos e usando, por vezes, o objecto com características humanas. Se levarmos em conta os parâmetros específicos actuais que definem literatura infantil, chegaremos à conclusão que estes livros, apesar de não terem sido escritos seguindo estes objectivos, contêm poemas e histórias em verso que podem, perfeitamente, ser direccionadas ao leitor criança. O poema «Naquela Noite» é uma composição com diálogo, na qual o escritor conta um momento entre Luizinho e a sua avó. Esse momento especial é a noite de Natal.

[...]

*«E diz-lhe repreensiva: - «O meu Luizinho
Em ruidosa alegria, a esta hora
A chilrear (ave madrugadora)
Em vez de estar dormindo no seu ninho!*

Se Jesus ouve esta bulha estouvada,

*Se acaso sente este barulho teu,
- O Pai Natal (o carteiro do céu)
Não bate à porta e não te deixa nada!»*
[...]

A mais antiga obra literária para crianças editada na Ilha, de que se tem história, e o primeiro conjunto de poesias num único livro, editado em todo o Portugal, é a *Selecta de Poesias Infantis*, compilada e anotada por Henrique Freire e editada por Abraham Adida, em 1874. Este livro, editado no Funchal, e oferecido a José António Simões Raposo, provisor dos estudos da Real Casa Pia de Lisboa e professor de pedagogia e metodologia da escola normal do sexo feminino, passa então a circular por várias escolas primárias do país. Na carta prólogo desta compilação, Henrique Freire escreve a Simões Raposo as seguintes palavras:

Tu sabes amigo, a falta que ha muito se notava de uma colecção de poesias recreativas e moraes que servisse para a leitura de verso nas eschololas primarias. Sabes também, que a poesia esteve por muito tempo banida, de todo em todo, d'aquelle recinto, onde vozeiam as creancitas loiras e os rapasinhos de dez a quatorze annos. Tinham lá franca e festiva entrada o Mestre Ignacio, o Bertoldo, o Carlos Magno e semelhantes; davam por la boa guarida a livros, uns, superiores à intelligencia dos pequenos, como o Cathecismo de Montpellier, a Arte Manuscripta de Ventura; outros, tristes, massadores, e que mais convidavam a dormir do que despertavam curiosidade de ler; mas leitura amena, desenfadada, que recreasse os espíritos juvenis dos pobresitos; mas prosa ou poesia fácil, ligeira, infantil ate...isso não.

Esta *Selecta* é composta por um variadíssimo rol de escritores, de todo o Portugal e alguns estrangeiros. Faz referência, por exemplo, também, a escritores brasileiros. A *Selecta* agrupa João Dantas de Sousa, Casimiro de Abreu, Emília de Maia, Joaquim José Teixeira e Junqueira Freire, aos poetas Bocage e Luís de Camões, a escritores nacionais como João de Deus, Conde do Casal Ribeiro, José da Silva Mendes Leal, Júlio de Castilho, João de Lemos, Bulhão Pato, Tomás Ribeiro, Teófilo de Braga e a escritores das ilhas dos Açores. Henrique Freire não deixa de parte os poetas madeirenses. Três nomes são mencionados nesta *selecta*, são eles: António Policarpo dos Passos Sousa, Francisco de Andrade e J.C. Coutinho Gorjão.

A *Selecta de Poesias Infantis* é um livro que, sendo destinado aos mais pequenos, transmite uma moral tanto social como religiosa típica da época em questão. A frase que se segue resume o conteúdo do livro, nas diferentes partes em que este se divide: *A Providencia divina deu a cada um o seu lugar na terra, mas a estima e amizade podem muito bem ligar o grande e o pequeno, o que nada tem e o que possui grandes riquezas*. Encontra-se, assim, presente nestas poesias a distinção entre o bem e o mal e entre o pobre e o rico. Aparecem também aqui muitos poemas de índole religiosa, como é o caso dos poemas: “Messias” e “Salvé Rainha”, escritos por madeirenses.

Outro livro que segue o caminho da educação e da moral é o livro publicado na Madeira em 1903, por Alexandre José Sarsfield. *Leitura para os Meus Filhos* é outra obra escrita com o intuito da sua circulação nas escolas.

Em 1911, segundo Maria Margarida Macedo Silva¹⁸, foi publicado na Madeira um *Cancioneiro Infantil*. Este Cancioneiro tinha a autoria de Sant’ Iago Prezado, antigo governador da Madeira. O Cancioneiro continha versos de cantigas populares de tradição oral que foram então passados para o papel. Esta obra é composta por duas partes: «Poetas & Trovadores» e «Limiar Ensoalhado». O objecto destas cantigas é o pássaro. É nestes animais, cotovia, rouxinol, melro, entre outros típicos da Ilha, que se baseiam quase todos os versos deste livro.

Na pesquisa realizada para esta dissertação, compreendeu-se que, e muito naturalmente, a Natureza e tudo o que faz parte desta aparece descrito nos vários livros das várias épocas literárias. Isto quer dizer que, mesmo inconscientemente, os escritores mostravam à criança a importância da Natureza para a nossa sobrevivência. Pelos vistos, já se enaltecia a Natureza mesmo antes de haver qualquer tipo de escrita directamente ditada por preocupações ecológicas.

Esta temática emergente terá no final do século XX uma importância muito grande nos livros destinados a crianças e a jovens, como se terá a oportunidade de verificar mais à frente neste trabalho.

Já depois da Implantação da República, a escritora que publicou mais livros infantis foi Laura Veridiano de Castro, que usava o pseudónimo de Maria Francisca Teresa.

Laura Veridiano de Castro e Almeida Soares (1870-1964), apesar de não ter nascido na Ilha, foi a autora dos primeiros livros infantis publicados na Madeira. Esta escritora era casada com o madeirense Feliciano Soares. Era também prima da escritora

¹⁸ *Literatura Infanto-Juvenil*, Barcelos, Editora do Minho, 2001

Virgínia de Castro e Almeida, autora do livro *Fada Tentadora*, considerado como obra pioneira da literatura infantil em Portugal.

Virgínia de Castro e Almeida foi uma escritora muito conceituada que influenciou a prima a escrever para crianças. Tal como Virgínia de Castro e Almeida usava o pseudónimo de Gy, também Laura Veridiano de Castro e Almeida Soares optou por usar um pseudónimo, o de Maria Francisca Teresa. Das obras da escritora, temos conhecimento da existência de três, as quais se intitulam *Em Casa da Avó na Ilha da Madeira* (1922), *Como a Chica conheceu Jesus* (1925) e *O Querido Tio Gustavo* (1925). Contudo, cremos que estas obras não tiveram uma divulgação muito grande na literatura infantil na Madeira, pois não se encontram quaisquer exemplares nas maiores bibliotecas da Ilha, nem no arquivo da Ilha, enquanto existem vários exemplares destas obras tanto na Biblioteca Nacional, como na Universidade do Minho e outras bibliotecas nacionais. O mesmo se constatou com a *Selecta de Poesias Infantis* e com o *Cancioneiro Infantil*. Estas, no entanto, são obras extremamente importantes para analisarmos as primeiras marcas da literatura infantil na Madeira.

A obra *Em Casa da Avó na Ilha da Madeira* é um livro que se pode dizer tipicamente madeirense. Este livro, cuja acção se desenrola na Ilha, faz com que a criança conheça a fundo a cidade do Funchal e muitos dos costumes dos madeirenses na época da República. Nesta obra, são referidos, por exemplo, o caminho-de-ferro, o vinho, a cana-de-açúcar, os carrinhos de cesta, os bonecos de massa, os arraiais e o «bailinho»¹⁹. Indirectamente, também aborda o tema da rivalidade luso-britânica, normal nestes anos. A autora usa mesmo termos ingleses, mesmo que mal pronunciados pelas crianças, como: «lunch», «pyjamas», «babby». É feito um esboço do perfil do madeirense e dos preconceitos das mentalidades da época.

Casa da Avó na Ilha da Madeira é a história de uma senhora que, tendo tido muitos filhos, vê um deles viajar para Lisboa. Passado alguns anos, os netos vêm visitá-la à Ilha. Entre os três netos lisboetas e os outros que sempre viveram na Madeira existem muitas diferenças. Os netos da Madeira conhecem bem a natureza e todas as coisas do mar, enquanto os netos que nasceram em Lisboa estão habituados a viver em volta de muitos prédios, num espaço em que não conseguem ver o mar e é marcado pela muita correria. Esta família vai passar por momentos mágicos de aventura e os netos de Lisboa vão ficar encantados com a beleza da Ilha. Aqui, tal como nos outros livros desta época, está muito presente a religião cristã. De facto, a escritora é também a autora de

¹⁹ Conjunto de música e dança, típico da Madeira.

Chica conheceu Jesus, um livro que se pode considerar praticamente de pedagogia religiosa. Mas, o mais interessante é ver como Laura Veridiano de Castro e Almeida Soares, mesmo que inconscientemente, também preza a família e a educação como o fazem os Republicanos. Os seus livros giram em volta desta estrutura, indispensável ao desenvolvimento da criança.

Para além dos livros que foram publicados nesta época da República, é com certeza relevante referir também os poemas musicados que foram produzidos e passaram por várias escolas da região, e onde foram recitados ou simplesmente escutados. Por outro lado, o teatro existia dentro do ambiente escolar através seus textos dramáticos. Viterbo Dias (1930), professor e jornalista, escreveu inúmeras peças de teatro, em verso, que ele próprio musicava e que eram representadas nas escolas da Ilha e não só.

A República na Madeira representa, assim, uma mudança de mentalidades necessária aos primeiros passos do desenvolvimento do ensino em Portugal. Apesar de não haver ainda a ideia de literatura infantil como a temos hoje em dia, já havia uma preocupação com a criança, a educação e o bem-estar da mesma. É assim que vão aparecendo os primeiros livros para crianças e, no século seguinte, dá-se um crescimento inesperado da literatura infantil na Madeira.

II. 3. O Papel do *Semanário Infantil 'A Canoa'*

A Canoa é um periódico infantil que foi publicado quinzenalmente entre Março de 1969 e Novembro de 1970. Este semanário infantil, considerado um dos melhores da época em Portugal, tinha a direcção de Maria do Carmo Rodrigues. Composto apenas por quatro páginas, continha muita informação e textos literários infantis de grande utilidade para a criança. Era muito simples, de maneira a atrair a criança e continha um espaço dedicado ao leitor.

Aqui publicaram-se vários contos de escritoras conhecidas, como Irene Lucília, que nasceu na Madeira e licenciou-se em pintura na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa. Para além desta faceta de pintora, Irene Lucília também escreveu e ainda publica textos infantis. Integrou várias colectivas de pintura, na Madeira e nos Açores, e tem vários textos publicados em revistas e jornais. Esta escritora e pintora foi uma das participantes assíduas de «A Canoa». Foi ela que escreveu alguns contos publicados na

primeira página do periódico e, ao mesmo tempo, fez várias das ilustrações de contos seus e de outros escritores na página de abertura de «A Canoa».

Neste periódico foram pela primeira vez publicados os contos de Irene Lucília, de Luíza Helena Clode e alguns de Maria do Carmo Rodrigues que, actualmente, fazem parte dos livros *Histórias que o Vento Conta; Mimi e os Sapatinhos e Camélias Brancas*. Luíza Helena Clode, familiar de Luís Peter Clode, fundador da Academia de Música da Madeira, está actualmente como responsável do Museu de Arte Sacra do Funchal.

Maria do Carmo Rodrigues²⁰, também natural do Funchal, para além de directora do periódico escreveu alguns contos, como «O Alfinete», por exemplo. Esta escritora esteve em cooperação com o projecto de sensibilização para a leitura em escolas e bibliotecas da Ilha. Maria do Carmo Rodrigues escreveu também novelas e peças de teatro.

De um rol de participantes no periódico «A Canoa», encontram-se também nomes de escritores continentais e das ilhas dos Açores. Os nomes mais conhecidos, a nível de literatura infantil são os de Matilde Rosa Araújo, de Maria Alberta Menéres e de Alice Gomes. Contudo, a mais forte presença, a nível de autoria de textos, neste periódico é, em conjunto com Irene Lucília, a da escritora Madalena Gomes. Esta autora nasceu nos Açores, mais propriamente em Ponta Delgada, em 1928. Desde cedo que começa a participar em vários periódicos e aos dezanove anos viaja para o continente, onde vai fazer parte da Associação Portuguesa de Poetas. Dos textos publicados no periódico *A Canoa*, temos, como exemplo, «A Abelha e a Joaninha»; «A Árvore que Falava»; «O Caracol Invejoso» ou «A Boneca Italiana».

Maria do Carmo Rodrigues abre a primeira edição de *A Canoa* com uma frase muito a propósito – *Vamos lançar ao mar esta Canoa. Todos juntos. Uma pequena canoa pode transformar-se numa grande canoa, sempre que os homens e as crianças se amem. Estamos de mãos unidas a ver descer a Canoa* – seguida de um pequeno poema:

Boa Viagem!

Boa Viagem, pequenina grande Canoa!

Vai correr mundo

²⁰ Por curiosidade, Maria do Carmo Rodrigues fez parte do quadro técnico de trabalhadores da Direcção Geral de Serviços Tutelares a Menores, do Ministério da Justiça.

E vem contar-nos as tuas histórias.

Boa Viagem!

*Boa Viagem!*²¹

O objectivo do lançamento de *A Canoa* era que as crianças pudessem ter um meio mais económico e divertido de pedagogia. Tentou-se fazer com que a escrita, os contos e outras informações culturais e artísticas relevantes chegassem até ao público infantil, porém, este periódico teve uma vida curta. Poder-se-ia até ter a ideia de que na Ilha se deu pouca importância à criança e à sua instrução. Este desenvolvimento apenas passava pela rede escolar. Ainda hoje não existe nenhum bom periódico na Madeira específico para as crianças. A tática é inserir um suplemento infantil nos periódicos que são lidos pelos adultos, de modo a que a criança também tenha acesso a alguns textos, mesmo que pouco literários e mais de divertimento.

A Canoa era um periódico variado, já que para além de conter textos literários de escritores como os que já referimos, também dava a oportunidade às crianças que tivessem dom para a escrita de verem os seus textos publicados.

Este periódico era organizado em duas partes, uma mais pedagógica e uma mais lúdica. Na parte pedagógica, estavam os contos e outras histórias e também as informações dadas sobre personalidades de renome na área da cultura e das artes. Por outro lado, na parte com um objectivo mais de divertimento figuravam as anedotas.

Para além de *A Canoa* também existiram e existem outros textos lúdicos e literários em periódicos na Madeira. São estes os periódicos de contexto escolar: *Presente*, *1º de Dezembro* e *Torres Erguendo*, os quais já foram referidos no capítulo «Literatura Infantil na Madeira», e o «Suplemento Infantil» e «Página Escolar do *Diário da Madeira*» no capítulo da literatura infantil na época da República. Até podia alongar-se mais este ponto dos periódicos, mas ou são periódicos que fazem parte de rede escolar ou não tiveram grande impacto em termos do público infantil.

²¹ *A Canoa*, Maria do Carmo Rodrigues, Eco Infantil, Funchal, 3 de Março de 1969.

III. Temáticas e Motivos: a Resposta à Modernidade

Abordam-se nesta parte os vários temas e motivos que caracterizam a literatura para a infância na Madeira na produção literária do século XX e XXI, procurando estabelecer traços de continuidade, de ruptura, ou aparecimento de novas temáticas, interesses e objectivos. Para isso, proceder-se-á a um percurso pelo tratamento e desenvolvimento de temas particulares que demonstraram ser uma constante, alguns mais em umas épocas dos que noutras, procurando relacioná-los com o contexto sócio-cultural e histórico da Ilha da Madeira.

Território onde sempre se cruzaram os homens, com a sua cultura e forma de estar no mundo, profundamente regional, mas também profundamente metropolitano, a Madeira segue as principais tendências da literatura infantil nacional e internacional, mas convém compreender o quanto sofre as influências do meio e da modernidade e qual o caminho que está a seguir.

III. 1 *A religiosidade na literatura infantil na Madeira*

A religião baseia-se num conjunto de crenças em algo que pode ser considerado como sobrenatural, divino, sagrado e transcendental e que conduz a um conjunto de rituais e códigos morais específicos. Existem várias religiões e várias crenças, contudo grande parte da população mundial professa a religião cristã. Ainda há, para além dos crentes, pessoas que se opõem aos princípios de qualquer religião, não crendo no sobrenatural ou aqueles que não são nem crentes nem contra, simplesmente afirmam não ter provas válidas para acreditar no que está para além do real.

Por muito tempo pensou-se que com o desenvolvimento da ciência a prática religiosa iria desaparecendo, porém, com o tempo, foram aparecendo novas agregações e congregações de crentes e outras tentativas de explicação do transcendental. No clássico trabalho *As Formas Elementares da Vida Religiosa*, do ano de 1912, escrito pelo sociólogo Emile Durkheim, a religião é vista como a ligação sobretudo ao modo como organizamos a nossa compreensão da realidade, e, sendo assim, ela é precursora da ciência e não sua antítese.²² A religião faz parte do nosso modo de vida individual e

²² *As formas elementares da vida religiosa*, 3ªed., Caldas da Rainha, Martins Fontes, 2003, pp. 12-15

colectivo, sendo um fenómeno cultural que reflecte a identidade e também um campo de exploração e memória. A verdade é que, em Portugal, a religião cristã, os seus fiéis e os seus representantes estão em constante presença na vida social da população.

Os livros ligados à religião, como já aqui foi referido, são dos primeiros a aparecer na literatura infantil e apresentam um forte carácter didáctico e moralista, sendo os catecismos e adaptações da Bíblia exemplos desta tendência. Foram pessoas ligadas à religião os primeiros a se preocuparem com a educação infantil e várias publicações demonstram essa preocupação.

Os primeiros livros, mesmo não estando ligados directamente à religião estão-no indirectamente, pois sendo número e a força dos crentes muito significativa, verifica-se a relação entre o uso de figuras do maravilhoso a crenças religiosas. A ideia que a criança faz de Deus é a mesma que faz de um ser imaginário, irreal, sobrenatural como os dos contos fantásticos. No fundo, os contos desta época tinham, tal e qual os catecismos e a Bíblia o têm, uma prioridade moralista e didáctica.

Um bom exemplo da presença constante da moral são as fábulas. Na literatura tradicional, transmitida também às crianças, a componente religiosa era muito significativa. A fé em alguma «força» que as ajudasse era a única esperança que tinham as pessoas desta época, quando não havia médicos e as colheitas era o que as mantinha. A evocação e a oração a Deus torna-se, assim, uma constante no dia a dia da criança.

Apesar de, actualmente, o número de crentes ter diminuído, existem feriados e comemorações que se ligam à Religião e fazendo parte da nossa cultura, não os podemos ignorar. O Natal, por exemplo, é uma comemoração quase geral da população e faz já parte de nós.

Mesmo que as nossas crenças num Deus não sejam as mais fortes, a cultura cristã enraizada na nossa sociedade leva-nos a seguir os valores da Bíblia e os seus preceitos, no fundo, a seguir a ideia que transmite o Natal, paz e alegria.

A criança, desde cedo, interioriza o facto de dever seguir regras e ter bons costumes e não necessita de ser crente para que essa aprendizagem se faça. Logo, mesmo que subtilmente, o ideal da religião está presente nas nossas vidas. Como afirma José Montero, *el niño es capaz de sentimientos religiosos antes de tener pensamiento religioso*.²³

A criança que é educada por uma família de crentes é com certeza induzida a

²³ *Psicología Evolutiva y Educación en la fe*, Granada, Ave María, 1981, p.39.

aceitar esses valores religiosos, ao contrário de outra que nunca foi educada como tal. A atitude de ambas, perante a leitura de algo sobre a religião, pode não variar, o que não quer dizer que o sentido que tiraram do que leram seja o mesmo.

Na Madeira, o número de crentes ainda é elevado, pois a religião está presente na grande maioria dos livros infantis. A escrita, como é óbvio, também se baseia nas crenças do próprio escritor e não só nas da sociedade. O quadro 1, que se segue, mostra as ocasiões em que se usam palavras, frases ou temas conotados com o universo religioso em livros de literatura infantil, para que possam ser tiradas conclusões acerca do que referimos anteriormente da Ilha.

1979	<i>Mimi e os Sapatinhos</i>	Luiza Helena Clode	«-Ó Mimi! O que foste fazer...A avó já não tem os «Sapatinhos» para o dia de Natal. Por que os apanhaste e assim sem pézinhos? A avó nem os pode pôr na lapinha ao menino Jesus.»	Natal; Lapinha; Jesus
2008	<i>Freyja</i>	Nuno Morna	«E ao sétimo dia Deus criou Freyja.» / « Freyja era o bem e o mal, o céu e o inferno, um anjo e um demónio.»	Deus; Céu; Inferno; Anjo, Demónio
2009	<i>Uma Aventura Ecológica</i>	E.B.1/P.E da Quinta Grande	«O velho preocupado com o facto de não conseguir clientes, fez uma promessa a Nossa Senhora de Fátima, no Cabo Girão.(...) -Graças a Nossa Senhora de Fátima, a venda foi um milagre! - exclamou o avô.(...) Os pais regressaram à Quinta Grande. Trouxeram muitos presentes e uma roupa bem bonita, como a da primeira comunhão, para o André usar na procissão. Foram ao Santuário de Fátima da Cruz da Caldeira e deram graças.»	Promessa; Nossa Senhora de Fátima; Graças; Milagre; Presentes; Primeira Comunhão; Procissão; Santuário de Fátima
	<i>Máquina Amarela de Balde e Rodado de Lagarta</i>	Sidónio Baptista Fernandes	«No dia em que tivermos um furado que encurte a distância entre São Vicente e a cidade, a mãe manda rezar uma missa pelas alminhas.»	Rezar; Missa; Alminhas

Tabela 3. Quadro dos vestígios de temáticas ou referências religiosas na literatura da Madeira nos séculos XX e XXI

O livro de Maria Aurora Homem, *Uma Escadinha para o Menino Jesus* de 2008, faz transparecer as fortes crenças do povo madeirense na religião cristã. A personagem principal desta história, João, vê o «Menino Jesus», ser sobrenatural, representado

materialmente através de um objecto, com encantamento. O «Menino» surge na sua imaginação como algo importante na época do «Natal». O livro transmite, nas imagens religiosas, um ambiente de festa e de tranquilidade no qual João consegue abstrair-se da sua vida de pobreza. Este «Natal» aqui descrito passa-se numa zona rural, a Achada, onde as crenças religiosas se mantêm mais «vivas» e mais profundas.

O «Natal», apesar de ser uma comemoração ligada aos costumes cristãos, é festejado por quase toda a Ilha com animação, pois o povo madeirense, como defendido por muitos estudiosos, é um povo «festeiro».

A Achada, como refere Maria Aurora, *ficava no “fim do mundo”*. Normalmente só por lá andava quem ali morava. O João era um menino que vivia com os pais e os irmãos num ambiente muito humilde, *não era um menino que tivesse colo. Com muitos irmãos nem a mãe nem o pai tinham tempo para o mimar*.

Quando chega o «Natal», o menino lembra-se que tinha partido a imagem do «Menino Jesus» no ano anterior e que agora não o tinha para pôr na «Lapinha» ou «Escadinha» nesse ano. Esta simples imagem representava muito para uma criança, á que era João que fazia alguns dos preparativos para a festa e a ausência da figura do «Menino Jesus» tirava a vontade que tinha todos os anos de festejar o Natal.

A criança não tinha entendido ainda a ideia que os cristãos têm de que o filho de «Deus» é um ser não visível. João necessitava do objecto material como base para as suas crenças, aquele objecto que se assemelhava à imagem de «Jesus» e que era uma criança como ele, símbolo principal do «Natal».

João não consegue comprar outro «Menino», pois é pobre, mas mesmo nessas condições não deixa de sonhar. Através de vários pedidos que faz a «Deus», pai de «Jesus», consegue imaginar ao olhar para o ambiente natural da Achada, uma «Escadinha» e um «Menino Jesus» no topo.

Uma grande lua cheia pendurava-se na serra. Desenhada em poios, estreitos no cimo e alargando-se até ao vale, a Achada era uma escada rumo ao céu. [...] Foi então que, num repente, baixou o menino recortado bem lá no cimo, coroadado de constelações, os braços abertos de ternura a abarcar toda a terra.

Esta história de João apresenta expressões e costumes religiosos intimamente ligados tradição madeirense. Aqui, como em outras histórias e contos de Maria Aurora,

e de outros escritores, cultura e religião estão sempre ligados.

As tradições populares madeirenses aqui descritas e inteiramente relacionadas com as festas religiosas são: a matança do porco; a confecção de doces e bebidas típicos como as broas, os licores ou o cacau; a confecção de pratos típicos como a canja e as musicas e danças populares como o «bailinho». Ao mesmo tempo que as personagens vivem as tradições e as põem em prática, também actualizam no presente os costumes religiosos cristãos presentes na sua memória cultural, como: acompanhar as «missas do parto» ou as «romagens»; fazer a «lapinha»; ir à Igreja e rezar,

João consegue, por fim, com o uso da imaginação, o que tanto desejava, e concretiza o desejo de ter um «Menino Jesus».

O final desta história baseia-se numa lenda de Santana, do Norte da Ilha, da aparição da Virgem, não se sabendo exactamente a origem, mas que diz o seguinte: *Que eram muitos os que acreditavam que uma senhora vestida de luz aparecera a uma pastora lá para as bandas do Lournal de Baixo. Numa cova se erguera um altar onde o povo queimava velas e desfiava promessas.*

III. 2. A Figura do Animal na Literatura Infantil na Madeira e a sua Importância

Desde sempre que se usam animais como personagens, principais ou secundárias, em diversas histórias literárias infantis, mas nem sempre estes animais são reais. Podem ser só meras imagens representativas da nossa imaginação. Durante vários períodos literários, o animal encarnou diferentes personagens, desde bestas, representando o mal, a dificuldade ou o perigo, a animais de companhia, dóceis e amigos, aos quais se dava toda a atenção e cuidados. Cada uma destas imagens do animal simboliza ou contém um objectivo em relação à criança.

Os primeiros contos que aparecem com animais são as fábulas. Estes contos infantis, tão célebres actualmente, tinham um único objectivo, o de ensinar às crianças a verdadeira moral, consequência de uma boa educação, através do uso de figuras animais com características plenamente humanas. Como escreve Armindo Mesquita, *O animal que representa o humano faz a criança perceber certos*

*comportamentos do homem mais ou menos correctos perante a sociedade. A preocupação com o bem estar dos animais é também alvo nestes contos.*²⁴

A fábula nasce no Oriente, e é Esopo (620 a.C. - 560 a.C.) quem através da escrita de breves textos apresenta as personagens da acção como animais que falam e tinham sentimentos como os humanos. Os seus textos tinham um forte poder moralizante. Fedro (15 a.C. - 50 d.C.) foi o escritor que seguiu Esopo neste tipo de literatura sem descurar a lição do de seu antecessor.

Contudo, segundo muitos escritores, o pai das fábulas modernas é LaFontaine. Este escritor do século XVII reescreve tudo o que tinha sido escrito anteriormente e dá-lhe um cariz pessoal e mais adaptado aos novos tempos. Os textos deixam de ser simples frases e passam a breves contos, com acção e descrições mais personalizadas, não deixando contudo de lado o objectivo moral e pedagógico que foi sempre a marca das fábulas.

Os animais domésticos aparecem constantemente nas histórias infantis madeirenses mais realistas, interagindo a criança com o animal de várias formas. Contudo, em outras narrativas, são os animais selvagens ou, simplesmente, os animais de pasto, muito frequentes na Madeira, que têm mais relevo. Ainda existem contos em que os animais são apenas fruto da imaginação do autor e do leitor. Podemos até afirmar que o animal é o elemento mais abundante em todos os livros infantis madeirenses nas diferentes épocas. Do início do século XX aos dias de hoje, os animais como personagens ou motivo aparecem nas várias obras.

Muitas das lenga-lengas e contos tradicionais já falavam de animais. Em 1911, o *Cancioneiro Infantil*, de Sant'Iago Prezado, por exemplo, faz referência a vários pássaros como: a cotovia, o rouxinol e o melro, a sua maneira de cantar e o seu habitat.

Muitos anos depois, em 1979, *Mimi e os Sapatinhos*, escrita por Luiza Helena Clode, nascida em Janeiro de 1936 e actual directora do Museu de Arte Sacra do Funcha, é uma obra com vários contos, alguns dos quais centrados em animais. Como pano de fundo, por assim dizer, é a Madeira, os animais mencionados são típicos da Ilha. Estes animais, aqui, têm um intuito específico, tentam transmitir à criança o sentido e a importância da liberdade.

²⁴ «A Comédia Humana dos Animais» in *Pedagogias do Imaginário - Olhares sobre a Literatura Infantil*, Porto, Asa, pp.68-77.

- *Quem és tu?*
- *Sou um pássaro numa gaiola branca. E tu?*
- *Sou uma andorinha negra, o Biquinho de Ouro. Voei para o outro lado do mar, para ver o sol e... Por que estás triste?*
- *Piu. Piu.*
- *E se viesses comigo? Ando a viajar...[...]. O passarinho da gaiola branca viu a porta aberta e, num salto, saiu.*²⁵

Títulos como «O Biquinho de Ouro», história de uma andorinha, «A Borboleta que Usava Perfume de Violeta», «A Lagartixa da Casa Cinzenta» e «O Peixinho Vermelho» mostram como os animais são figuras importantes nos contos infantis. Na banda desenhada de Marcela Costa, publicada em 1985, mas escrita por esta quando tinha apenas doze anos, o cão é a figura sobre a qual gira toda a história. As personagens Beto e Beta são como se fossem os pais do cão, de nome Popy. Popy faz travessuras e comporta-se como um ser humano, mais propriamente uma criança. Neste livro, procura estimular-se através da figura do animal a imaginação das crianças.

Maria Aurora Homem segue outra finalidade nas suas obras infantis, tenta dar a conhecer aos seus leitores os animais, em especial os da Madeira, nos seus habitats naturais, em contacto com o ser humano. O lobo-marinho é o animal que melhor representa a Ilha e, por isso, aparece em várias obras desta escritora. Para além do lobo-marinho, também aparecem nos livros infantis de Maria Aurora, a tartaruga e a baleia, ambos animais marinhos.

No início do século XXI, começa a denotar-se uma preocupação por parte dos escritores com a ecologia, ciência que estuda os ecossistemas, ou seja, o estudo científico da distribuição e abundância dos seres vivos e das interações que determinam a sua distribuição. E essa preocupação é visível em várias obras desta época em que a prioridade é ensinar os leitores a necessidade de preservação do ambiente e do cuidado com os animais. A Associação Amigos do G.C.E.A (Gabinete Coordenador de Educação Artística) é o melhor exemplo de um grupo de intelectuais que publicam livros com o objectivo de chamar a atenção para uma aprendizagem ecológica. Esta associação escreveu livros como *As Estrelas do Mar e o Peixe Prateado, Juntos de Novo: uma história sobre o ambiente*. Visto o tema do ambiente ser exposto num dos

²⁵ Clode, Luiza Helena, «O Biquinho de Ouro» in *Mimi e os Sapatinhos*, 1979.

capítulos seguintes, apenas será aqui mencionado o papel da literatura que faz uso da figura dos animais nesta batalha pelo ambiente e pelos habitats naturais.

Outro tipo de animais são aqueles que surgem através de mitos ou são directamente associados, na obra, a lendas ou simbologias de animais. O unicórnio, cavalo que voa, com características diferentes das que estamos habituados a ver num cavalo, ou o dragão, que faz parte de várias lendas. Estes dois animais, se é que assim os podemos designar, fazem parte de um imaginário. Os Dragões ou Dragos são criaturas presentes na mitologia dos mais diversos povos e civilizações. São representados como animais de grande porte, com aspecto de réptil, por vezes com asas, plumas, com poderes mágicos ou que cospem de fogo. Esta figura mítica animalesca é representada e temida ou adorada em várias partes do mundo. É talvez, uma das formas lendárias mais capaz de despertar a criança para algo que não é real, mas parece.

Os livros *Freyja, O Dragão que queria ser Bombeiro* ou a *Bruxinha Matilde e o Dragão Cor de Rosa* juntam na narrativa o real e o imaginário através da presença destes animais. A obra literária de Cíntia Palmeira mostra, no fundo, um dragão que nada tem a ver com o dragão que estamos habituados a ouvir falar, que é enorme e deita fogo, mas sim um dragão que quer ser bombeiro, ou seja, saber apagar o fogo. Este livro é um exemplo de obra que procura incentivar a criatividade da criança de uma forma humorística e divertida.

Outra obra literária na qual predominam os animais como personagens, mas neste caso, em segundo plano, é *Sebastião, o Índio: novela infantil*, de Maria do Carmo Rodrigues. Nesta novela, que liga a realidade com o imaginário, o menino é no seu sonho um índio e os animais são aqueles que o ajudam a alcançar a meta destinada. Os animais apresentam características humanas, nesta como em quase todas as histórias infantis, pois é a maneira de estes poderem estar em contacto com as crianças.

Os animais tomam assim diferentes formas em diferentes ocasiões, consoante a história e o objectivo da mesma. Estes animais podem ser: selvagens, domésticos, do campo, fictícios ou verdadeiras lendas. Por outro lado, podem ser amigos, companheiros, misteriosos, mágicos, feras ou monstros.

III. 3. A Preocupação Ecológica

A ecologia, como explica António Almeida, estuda *as relações dos organismos entre si e entre estes e o ambiente físico. A palavra deriva do grego oikos, que significa casa, e logos, que significa estudo.*²⁶ Esta definição é importante para percebermos o uso deste tema nas obras literárias infantis de determinada época. É, de facto, em meados do século XX que se começa a sensibilizar as crianças, através da escola, para a educação ambiental. Apesar de as escolas não terem sido pioneiras deste movimento, têm incorporado estas preocupações, segundo António Almeida, de forma crescente. Os livros tomam aqui uma posição de relevo nesta «batalha contra o tempo». Junta-se, assim, o prazer de ler à tentativa de consciencializar as crianças para o problema ecológico.

O Homem, ao longo do tempo, foi, mesmo que inconscientemente, destruindo aquilo que o gerou. A verdade é que o Homem sempre quis mais e melhor, sem se deixar ficar pelo que de natural tinha. Esta foi a gota de água para acabar lentamente consigo próprio. Já que não vivemos sem a natureza, pois fazemos parte dela.

Vários momentos da história que foram considerados uma evolução para o Homem são postos em causa os observarmos na perspectiva da destruição do planeta. A Revolução Industrial, as Grandes Guerras, o Capitalismo,...

O desenvolvimento desenfreado da produção, por exemplo, é um desses momentos que gerou depois uma preocupação: a de promover a exploração adequada dos recursos naturais do planeta, com o reparo dos danos já causados à natureza, com a preservação do meio ambiente e com o combate à poluição.

A questão que surge com a implementação da Educação Ambiental é a de se dever privilegiar os projectos locais ou os globais? Segundo António Almeida, deve-se *pensar globalmente e agir localmente.*²⁷ Para que a «moda» de salvar o mundo seja efectiva, é preciso menos palavras e mais acção.

A literatura infantil tem tido, ao longo de todo o século XX, assim como do século XXI, um papel relevante nesta campanha de incentivo das preocupações ecológicas nas crianças. As histórias passadas para o papel nesta altura buscam, na sua grande maioria, aspectos essenciais para que a criança perceba a grandiosidade do planeta e a importância de o manter são. Alguns livros, directa ou indirectamente, contêm personagens, acções ou sentimentos que transmitem modos de agir e de ser que induzem para uma sensibilização da criança para os problemas ecológicos. O escritor

²⁶ *Abordar o Ambiente na Infância*, Lisboa, Universidade Aberta, 2002, p.7

²⁷ *Ibidem*, p.

pode usar variados métodos para conduzir a criança à preocupação com o ambiente. As histórias podem: transmitir valores morais, relacionados com a vida em sociedade e relações interpessoais, através do uso de animais ou outros elementos da Natureza ou, por outro lado, centrar-se na descrição dos seres vivos e na sua relação com o ambiente ou, ainda, ter o seu foco no conhecimento e preservação dos ecossistemas. Podem, igualmente, enfatizar a relação dos seres humanos com outros seres vivos e com os ecossistemas em geral ou, por fim, sensibilizar as crianças para os problemas ambientais (locais, regionais e globais), provocando a motivação das mesmas para agirem no sentido da protecção da natureza e do ecossistema.

Em 1979, voltando ao livro já referenciado, o que só demonstra a riqueza do seu conteúdo, *Mimi e os Sapatinhos* é uma das primeiras obras infantis que revela, talvez um pouco indirectamente, essa preocupação com os animais e com o ambiente. O melhor excerto do livro que espelha esta situação é o seguinte:

A andorinha negra queria conhecer o mundo, para além daquele mar azul, tão calmo e quente que rodeava a ilha. E disse à mãe: - Gostava de viver nesta terra de flores e de árvores mas... com silêncio. As buzinas, o fumo dos automóveis...-Tapa o teu biquinho, minha filha. Não fales! -... - ... -Já passou. Podemos respirar outra vez.

A Associação Amigos do G.C.E.A é talvez a maior associação de defesa do meio ambiente que leva a cabo as suas acções através da escrita de histórias inteiramente sobre este tema. Os seus livros visam uma mudança de atitude por parte das crianças de modo a não prejudicar e melhorar futuramente o ambiente. Os livros *As Estrelas do Mar e o Peixe Prateado*, *Juntos de Novo: uma história sobre o ambiente* e *O Peixe Prateado Reencontra o seu Cardume: uma história sobre a Liberdade*, de 2003 e 2006, respectivamente, são publicados por esta associação e contam a história de um peixe, o Peixe Prateado. Este peixe não é um peixe qualquer, mas sim um peixe que tem qualidades de humano e que passa por várias peripécias.

Esta história traz ao leitor um peixe preocupado com a poluição e com os actos humanos que destroem o ambiente natural, que é o seu habitat. Através de valores como a amizade e a liberdade, o escritor ensina a criança a cuidar e preservar o seu habitat natural e o dos outros, o planeta Terra.

O facto de a personagem principal ser um animal, para alguns estudiosos, é uma

forma de a criança mais facilmente encarar a realidade e a apreender e compreender. Além do mais, o mar ocupa uma grande percentagem de espaço no planeta e é um dos espaços naturais que está a ser alvo de poluição. Por outro lado, o uso das cores também é um factor indicativo de limpo ou de poluído. O peixe prateado é diferente do peixe cinzento pois, um tem brilho e o outro não. O cinzento é a cor da sujidade, é não ter cor.

A Bruxinha Matilde e O Elefante Verde ou o *Dragão Cor-de-Rosa* são outras personagens de histórias que têm como temática o ambiente, neste caso, da autoria da escritora Isabel Fagundes, nascida no ano de 1966. O primeiro destes livros conta a história de quatro amigos: a bruxinha Matilde, o dragãozinho Gummi, o elefante Raúl e o papagaio Pipo que viviam no Mundo das Cores e viajam numa aventura para Jamanta Serena (Mundo Verde), onde vivia o amigo de Gummi, o elefante verde, que se chamava Raul.

Aqui começa o desenrolar da acção e uma série de aprendizagens sobre o ambiente. Matilde é, como todas as crianças, uma bruxinha curiosa e faz muitas perguntas. A sua primeira dúvida surge pelo facto de o elefante amigo do Gummi ser verde. Um elefante geralmente é cinzento. *O teu amigo é verde! Porque é que ele é verde?* O elefante apressa-se a responder – *Porque o verde é a cor da Natureza* – continuando a explicar o que é a Natureza. Acontece que de Jamanta Serena conseguia-se ver uma parte que era cinzenta. Os amigos como não gostaram da situação, decidiram mudar as cores desta parte do Mundo.

A cor verde é a cor que representa o ambiente. O verde, em conjunto com as outras cores do arco-íris, representa neste livro o que é limpo e natural.

Isabel Fagundes é uma escritora que, na maioria dos seus livros infantis, refere esta problemática do ambiente, questão prioritária nos dias de hoje, de forma pedagógica. A partir da história de animais ou seres imaginários, a criança é educada para a preservação do ambiente.

A determinada altura, a Bruxinha pergunta à Tia Nina, um dos elefantes, porque é que não era verde como todos os outros e a Tia Nina, mais velha e com mais conhecimentos, dá-lhe uma lição sobre o ciclo da vida:

-O meu verde desfalece porque o meu ciclo aproxima-se do fim, começo a perder a vitalidade. Vivi muitos anos e já não consigo manter a robustez do meu corpo.

Esta obra contém, toda ela, um misto de realidade e encantamento necessários para a percepção do verdadeiro poder da Natureza, a necessidade de a mantermos em prol da nossa sobrevivência.

– Porque é que começo a ficar verde como tu? – Perguntou o Dragãozinho a Raul.

– Porque começaste a entrar em sintonia com a Natureza. A cor do conhecimento iniciou os seus efeitos sobre ti, por isso também és verde.

A aventura destes amigos acaba por revelar dois mundos: o colorido e o cinzento, o primeiro natural e saudável, e o segundo doente e poluído. O Dragãozinho Gummi lembrou-se do que a sua mamã, Gamina, lhe dizia sempre:

[...] não devemos destruir o Planeta, se o fizermos iremos sofrer as consequências dos nossos actos. [...] num mundo onde as pessoas não protegem o ambiente, todos os seres ficam doentes e acabam o seu ciclo antes do tempo, que a qualidade de vida se perde e a beleza esmorece.

Matilde e os seus amigos descobrem, quando vão salvar outro amigo que está a precisar de ajuda, um mundo cinzento para além de Jamanta Serena. Mas logo se disponibilizam para o colorir, pois aprenderam que o mundo colorido é o mais saudável para todos.

Este livro tem dois conteúdos ou duas partes, uma delas é a narração normal da história e outra é a narração dramática da história, para poder ser usada em teatro. Este é também um dos vários livros de vários autores que contêm, no seu final, um dicionário de sinónimos.

Para as personagens, a cor representa a vida e o que era cinzento o lugar da inexistência da esperança. Neste livro, há um jogo constante de cores e uma descrição da sua importância, ao mesmo tempo que a autora as une ao ciclo de vida normal dos elementos da natureza. É um livro que se pode considerar didáctico e pedagógico, pois responde a perguntas que muitas vezes as crianças colocam em relação ao ambiente e tem, tal como o livro do *Peixe Prateado*, uma moral: cuidar do ambiente para que as pessoas vivam felizes.

*E agora aprendi que para além de devermos ser amigos uns dos outros, também é importante sermos amigos do Ambiente! concluiu o Peixe Prateado.*²⁸

Os livros da Maria Aurora Homem (Novembro de 1938 - Junho de 2010) inserem-se também nesta temática pois contam histórias de animais nos seus habitats naturais e demonstram a atenção que o ser humano deve dar a estes. Loma é o nome do lobo-marinho, personagem principal desta história. Maria Aurora Homem começa por apresentar o lobo-marinho à criança. Depois, ensina-lhes um pouco de história, sobre as Ilhas Desertas, onde vivem actualmente os lobos-marinhos e sobre a história da descoberta da Madeira e a morte de muitos lobos-marinhos em Câmara de Lobos.

A história da Madeira e dos antepassados dos lobos-marinhos é contada pelo avô. Não é uma história muito alegre, pois os primeiros povoadores da Ilha encontraram muitos animais destes na vila piscatória e mataram muitos deles, fugindo os restantes para as Desertas. Loma, ao ouvir as palavras do avô, passa a temer todos os humanos e a aproximação destes. Como em quase todos os livros infantis, esta personagem principal era muito aventureira.

Certo dia, Loma vai para longe e descobre uma tartaruga presa numa rede para peixes e salva-a. Ao conversarem, Loma fica muito surpresa ao ouvir a tartaruga dizer que tem um amigo no Porto Santo e que nem todos os humanos eram maus para os animais. A tartaruga e o lobo-marinho ficam logo amigos, mas o destino de ambos não era ficar juntos, pois cada um seguia caminhos diferentes. A tartaruga aparece nesta história de modo a dar uma lição ao lobo-marinho, dando-lhe a entender o verdadeiro sentido da amizade e a diferença entre o bem e o mal nos humanos.

-Tens um rapaz como amigo? Repetiu Loma surpreendido, habituado a fugir dos homens ou a olhá-los à distância.

- Nem todos os homens perseguem espécies como nós. Há gente que nos protege e defende, acredita.

Os lobos-marinhos que se encontram nos mares das Desertas estão na reserva natural, o que faz com que os humanos «maus» não lhes possam fazer mal.

²⁸ Associação Amigos do G.C.E.A, *As Estrelas do Mar e o Peixe Prateado, Juntos de Novo: uma história sobre o Ambiente*, 2003.

As Ilhas guardam Loma e os seus. E aí encontrará novos amigos na vastidão dos mares das Desertas, paraíso protegido para todos os lobos-marinhos.

O livro *Loma, o Lobo-Marinho* aborda, para além da temática da amizade e a liberdade, o tema da ecologia. É um livro pedagógico, pois contém igualmente alguns registos da história da Madeira.

Maria Aurora escreve este livro em conjunto com outros dois com a mesma temática. *Juju, a Tartaruga* e *Zina, a Baleia Azul* são os outros dois livros que fazem parte desta trilogia.

Outros livros inserem indirectamente este tema quando a acção principal se passa em redor da natureza, em constante contacto com esta: *O jardim de Rosalina e Outras Histórias* de Maria do Carmo Rodrigues (data nascimento e morte); *O Sapo Beltrão e o Lago Mágico* e *Francisco e o Segredo da Floresta* ambos de Isabel Fagundes; *O João Gosta do Mar*, de Francisco Fernandes (1952), entre outros.

No livro *Sebastião, o Índio*, de Maria do Carmo Rodrigues, aparece, mesmo que em segundo plano, um peixe vermelho que fala da poluição quando diz:

Vim de muito longe. De outros mares que estão sujos porque os navios e as fábricas os enchem de produtos químicos, porque as casas onde habitam os homens nas grandes cidades para ali despejam os esgotos. Os meus irmãos andavam doentes, muitos deles morreram. Eu fugi.

Este livro é ele todo um espelho das maravilhas da natureza, logo não podia deixar de conter sentimentos de preocupação com a poluição e destruição dos espaços verdes e dos mares. *A Estrela do Céu que Caiu no Mar* é outra história que busca, através da palavra, elucidar as crianças para os problemas mundiais, nos quais se insere o «desastre ecológico».

Outra forma de incentivar as crianças a cuidar do ambiente é ensinando-lhes o que faz um ecologista e mostrando o quão divertida essa profissão pode ser. No livro *Aventuras de Chico Ventura*, também de Maria do Carmo Rodrigues, aparece uma personagem que é o ecologista, e que induz Chico, a personagem principal, a juntar-se a ele na defesa da sua causa. Chico aprende então a defender a natureza e,

consequentemente, a viver melhor.

O livro *Uma Aventura Ecológica* tem como autores os alunos da Escola E.B.1/P.E da Quinta Grande, foi editado pela Direcção Regional do Ambiente com o intuito de «promover a consciência cívica e ambiental»²⁹ dos alunos. Manuel António R. Correia, Secretário Regional do Ambiente e dos Recursos Humanos, declarou na introdução do livro:

*Os desafios ambientais, que actualmente se nos colocam, justificam a aposta que tem sido feita no desenvolvimento de novos modelos de produção agrícola que promovem a biodiversidade, a conservação dos recursos naturais e a sustentabilidade. Nesse sentido, é com satisfação e orgulho que registo os resultados do trabalho que tem sido feito na área da educação ambiental, também na promoção e divulgação dos produtos regionais de qualidade certificada. O respeito pelo ambiente constitui um aspecto decisivo para a qualidade e diferenciação da nossa produção agrícola, única forma de garantir a competitividade económica no mundo global e qualidade de vida dos residentes e visitantes.*³⁰

É após esta introdução do Secretário do Ambiente sobre a importância da agricultura na Madeira que se pode desfrutar do livro *Uma Aventura Ecológica*. Este livro conta a história do André, personagem principal, que através da Agricultura Biológica tenta ajudar o avô a ultrapassar dificuldades financeiras.

Um certo dia, ao sair da escola, André encontrou-se com o avô pelo caminho e percebeu que este estava muito triste. Em casa, após ouvir uma conversa entre a avó e o avô, o menino percebe que tem de ajudar o avô para que este possa se sustentar e à sua família. No outro dia, quando vai pelo caminho para a escola um pássaro, Picanço, diz-lhe: *-Piu, piu...se a resposta queres encontrar, no Clube de Ecologia terás de procurar!*

E assim foi, o menino descobriu como cultivar produtos biológicos através da ajuda de vários animais com os quais fez amizade e com essas plantações ajudou o avô a aumentar as vendas no mercado. Foi com a sua dedicação e esperança que alcançou o que queria. Nesta história, as crianças aprendem também vários termos ligados ao ambiente e à sua protecção, como «compostagem doméstica», que é a forma de

²⁹ Palavras da directora da escola, Rosélia Gordon, introdutórias ao livro *Uma Aventura Ecológica*, Funchal. DRA p.3

³⁰ *Ibidem*, p.5

fertilizar a terra sem utilizar produtos químicos, apenas através de lixos produzidos em casa como as cascas dos alimentos. É também neste livro que se conhecem algumas espécies de pássaros, da Ilha ou não, e outros animais. A amizade de André com os animais e a entreatajuda é um factor importante para mostrar às crianças o valor da natureza.

Como podemos verificar, existem várias maneiras de ensinar a criança a preservar o ambiente, presentes nos livros infantis, e uma profunda preocupação ecológica, fruto do nosso tempo, reflectindo as preocupações dos adultos com a destruição do ecossistema.

III. 4. *O Jogo: dos jogos tradicionais aos jogos mais comuns*

O jogo foi desde sempre uma actividade realizada tanto por crianças como por adultos, contudo, o objectivo que leva cada à participação é diferente. O jogo para a criança representa uma maneira de esta se desenvolver e encarar o mundo dos adultos de uma forma mais real, enquanto para o adulto, geralmente, o jogo é apenas uma distracção, um *hobby*.

É através do jogo que a criança adquire personalidade e autonomia. Os jogos podem, porém, diferenciar-se uns dos outros. Podemos falar de jogos práticos ou de jogos lúdicos. Um bebé, quando faz vários movimentos com os seus membros motores ou transmite sons com a boca, está a jogar com o seu próprio corpo para mais tarde poder andar e falar. Estes são jogos práticos e não visam uma competição, nem o alcance de um objectivo, mas um simples prazer próprio. Os jogos lúdicos aparecem quando a criança já tem mais idade e alguma cultura geral, pois, para jogar com números, por exemplo, é preciso conhecê-los. Ou como para jogar às casinhas e com as bonecas é necessário criar uma história. A criatividade é muito importante e esta actividade que é o jogo faz crescer este sentido criativo na criança.

A criança afasta-se do real para o captar por outras formas. Enquanto se finge de médica, entra num mundo ainda por explorar e descobre muitas coisas novas. Para além destes jogos, também há aqueles que são mais competitivos e que alguém tem de ganhar, e quem ganhar é o melhor. Estes jogos são essenciais para que a criança aprenda a respeitar o outro, a seguir regras e a lidar com o perder e ganhar.

Neste capítulo, irá ser abordado, em primeira instância, o jogo como actividade presente em diversas acções de vários livros infantis e tentar compreender a razão desta insistência. As brincadeiras que aí aparecem são jogos entre irmãos ou grupo de amigos, ou mesmo de uma só personagem que se quer afirmar através de uma brincadeira. Por outro lado, existem os jogos tradicionais que, num livro onde as acções principais se passam na Ilha da Madeira, são relevantes para mostrar as vivências das crianças neste local. Estes jogos tradicionais têm um carácter cultural que enriquece os livros que incluem os costumes da Ilha. No quadro 2, apresentam-se todos os jogos referidos nos livros de literatura infantil da Madeira, fazendo a separação entre tradicionais ou comuns, ou ainda entre jogos lúdicos ou práticos.

Ano	Obra	Jogos Tradicionais	Jogos Gerais	Jogos Lúdicos	Jogos Práticos	Jogos do Faz de Conta
	<i>Mimi e os Sapatinhos</i>	Bilharda; Senhora; Milhinhos; Pião	Cartas;			
	<i>A Minha Máquina Amarela de Balde e Rodado de Lagarta</i>	Bola (feita de trapos e de meias rotas); carro de cana	Joeira			
	<i>A Madalena Descobre o Basquetebol</i>			Basquetebol		
	<i>O Diogo quer ser Futebolista</i>			Futebol		
	<i>O Jardim de Rosalina</i>		Papagaio de Papel	Bonecas		Andar de bicicleta; casa das bonecas em ponto grande
	<i>Chamo-me Leovigildo</i>			«O Semáforo da Susana e os Superlativos»		«O Relógio que se transforma num Tapete Voador»
	<i>Histórias com Gente Dentro</i>		Papagaio «Estrela»			
	<i>O Menino dos Olhos Azuis de Água</i>			Basquetebol		
	<i>Histórias que o Vento Conta</i>		Joeiras	Boneca		Detectives

Tabela 4. Quadro da Menção a jogos em livros da Madeira para crianças

O jogo está inteiramente associado ao crescimento da criança. A descoberta, a exploração, a criatividade, a competição, as regras e a ordem, o objecto, os diferentes obstáculos, as diferentes idades e o papel pedagógico são vários aspectos indissociáveis do jogo, os quais também podemos associar à literatura. A literatura pode, então, ser

considerada um jogo? Os livros que mais atraem as crianças são com certeza aqueles em que é possível ler a história ou a poesia de uma maneira mais envolvente e dinâmica, onde possamos encontrar coisas por explorar ou onde possamos transcender por momentos a um mundo de imaginação e pôr a nossa criatividade a funcionar. Esta concepção mostra não só a participação do adulto como a da criança na formação de uma cultura lúdica. O jogo e os livros variam de país para país e de criança para criança, existindo uma profunda ligação do jogo e da literatura com a cultura, como defende Gilles Brougère:

*A sociedade propõe numerosos produtos (livros, filmes, brinquedos) às crianças. Esses produtos integram as representações que os adultos fazem das crianças, bem como os conhecimentos sobre a criança disponíveis numa determinada época. Mas o que caracteriza a cultura lúdica é que apenas em parte ela é uma produção da sociedade adulta, pelas restrições materiais impostas à criança. Ela é igualmente a reacção da criança ao conjunto das propostas culturais, das interacções que lhe são mais ou menos impostas. Daí advém a riqueza, mas também a complexidade de uma cultura em que se encontram tanto as marcas das concepções adultas quanto a forma como a criança se adapta a elas.*³¹

Os livros de literatura infantil podem representar verdadeiros jogos para a criança, através do manuseio do próprio livro ou apenas através da linguagem que este contém, ordem de palavras ou outros recursos estilísticos usados, ou ainda pela interacção com a imagem. A poesia é talvez a forma mais fácil de a criança aprender jogando, como já tinha sido referido.

III. 5. Educação Intercultural e Inclusão Social

A interculturalidade é um tema recente que abrange todas as áreas de estudo, assim como a educação e a literatura. De um país pobre, à procura de melhores condições, saíram muitos imigrantes com a finalidade de terem uma vida melhor. Este foi um dos fenómenos que deram origem a uma mistura de culturas. A descoberta de

³¹«A Criança e a Cultura Lúdica» in *Revista da Faculdade de Educação*, vol.24, nº2, São Paulo, Julho - Dezembro 1998, p.45

novos mundos e o desenvolvimento da tecnologia fez com que muitas pessoas quisessem conhecer outros lugares e dessa forma dá-se o contacto com o “outro”. Contudo, não é necessário sair do país para que se encontrem várias diferenças entre pessoas, tanto a nível da religião, do poder financeiro, da cor, do sexo, entre outras.

As recentes migrações para os países europeus, que também afectaram o território insular, mudaram a geografia humana do nosso continente e trouxeram com elas problemas ligados à convivência, como o aparecimento de fenómenos de racismo, exclusão social, conflitos étnicos e religiosos.

A necessidade de educar as crianças para que estas saibam lidar com as diferenças é quase uma emergência. A educação intercultural engloba, segundo Maria Margarida Morgado: *aspectos anti-racistas, de inclusão e de envolvimento com a multiculturalidade, bem como educação para a cidadania global, visando o respeito cultural e o envolvimento com culturas minoritárias a par das dominantes, a diversidade cultural e os princípios de vida democrática.*³²

Actualmente, é frequente constatar-mos muitas diferenças entre crianças numa só escola. Na Região Autónoma da Madeira, são cerca de sessenta as nacionalidades presentes no sistema escolar, com um número muito significativo de crianças com mais do que uma nacionalidade³³. A diferença cultural tem de algum modo de ser entendida para que haja menos insucesso escolar e as crianças se adaptem melhor ao novo contexto escolar e social de acolhimento.

Os livros são uma boa forma de introduzir o tema da diferença e convívio entre diversidades às crianças. É através desta introdução que a criança vai crescer, aprendendo a aceitar as diferenças do outro. Por outro lado, a criança que se vai inserir num ambiente diferente daquele a que está habituado necessita de sentir-se valorizada e que os seus costumes e a sua língua de origem são reconhecidos. Os livros também podem ter um papel fundamental nesse sentido, já que até podem ser traduzidos em outras línguas ou conter temas de outras culturas.

As diferenças sociais também podem ser referidas em livros, demonstrando à criança que ninguém é igual e que são as diferenças que nos unem ao resto do mundo.

O livro intitulado *Irina* (2009) é uma das obras mais recentes de Francisco

³² «As Diferenças que nos Unem: Literatura Infantil e Interculturalidade», in *Álabe*, nº1, Castelo Branco, Instituto Politécnico de Castelo Branco, Junho 2010.

³³ Estes dados podem ser consultados no site da Secretaria Regional de Educação e Cultura.

Fernandes, Secretário Regional da Educação e Cultura, que retrata a realidade actual nas escolas da Ilha da Madeira, nas quais se encontram a estudar muitas crianças de várias culturas. Irina é uma menina russa de sete anos de idade que veim morar para Portugal com os seus pais. Esta menina não conhece a língua portuguesa nem tem amigos neste país.

As dificuldades, que seriam difíceis de ultrapassar, são transformadas em oportunidades. Irina consegue entrar em «diálogo» com os outros colegas da escola e arranjar amigos, mesmo sem conhecer a língua portuguesa, e os outros meninos ficam emocionados por poderem ter uma colega com outra cultura, pois podem aprender coisas novas. Aqui entra-se numa troca que podemos designar por diálogo intercultural. Não é apenas uma conversa, mas representa uma aprendizagem e reconhecimento do Outro. No fundo, a integração de Irina acaba por resultar bem, algo que não se passa com todas as crianças que chegam a um país diferente e não têm nada que as faça lembrar do seu país de origem.

No momento em que o desafio da interculturalidade se coloca no dia-a-dia das escolas, a abordagem desta problemática no conto infantil pode ser uma estratégia de sucesso para que o diálogo intercultural nasça no ambiente escolar e se repercuta na sociedade.³⁴

Esta obra aborda a diferença de culturas, mas também as diferenças no aspecto físico da criança. Neste caso, Irina era uma menina loura, de pele branca e de olhos azuis, características não muito típicas nesta região portuguesa. Contudo, existem livros que falam mais especificamente na diferença de cor. O poema que se segue, da autoria de António Manuel de Castro, é um exemplo perfeito para demonstrar à criança a diferença de cor que pode existir na pele de uma pessoa, o que não muda o seu interior humano.

*A mãe do menino branco
Viu os seus caracóis dourados
Voarem até à carapinha
Do menino negro!
Viu os dentes alvos do menino negro*

³⁴ Sinopse do livro *Irina* de Francisco Fernandes, 2009

Cintilando nos dentes brancos
Do menino branco!
A mãe do menino branco riu...
Sentiu o menino branco
Estendeu o rebuçado negro
Ao menino negro
E o menino preto
Deixara preta lata
Da palma branca do menino branco!
A mãe do menino preto sorriu...
Mãe de pele branca e mãe de pele negra
Viram de ângulos diferentes
Um abraço de côr indefinido...
E as duas crianças
Igualmente meninos
Uniram-se sem divergências!
A mãe de côr branca
Rejeitou o preconceito
E acreditou no futuro...
Mãe preta deitou uma lágrima
Olhando-a na mão cansada
Notou-a da côr do menino branco!...
Viu-a a rir-se na pele preta
*Como o menino negrou que gerou...*³⁵

Este poema apresenta um jogo de palavras e trocas semânticas elucidativo para a criança, conduzindo a sua audição e a sua mente a juntar palavras como «negro» e «preto» ao seu «dicionário» frequente, assim como permitindo distinguir e, por outro lado, associar as palavras «negro» e «branco». As imagens afectuosas de uma mãe e de um filho na sua ligação familiar é um factor importante a referir. A mãe ensina, educa e, em princípio, quer o melhor para os seus filhos, logo, se a mãe aceita a diferença também o filho o irá fazer.

O livro *Aventuras de Chico Aventura* é outro dos que se podem inserir na lista do tema da interculturalidade, mais propriamente no tema das diferenças de cor. Este livro

³⁵ Este poema intitula-se «Abraço» e faz parte do livro de poesias *Ser Criança* de António Manuel de Castro.

não se baseia apenas nesta temática, mas traz à superfície a questão já referida das diferenças culturais no interior das escolas madeirenses e a falta de instrução dos outros meninos para tal realidade. De facto, este livro não só refere a diferença de cor, como também a diferença a nível social e a possível rejeição do “outro”.

Este texto de Maria do Carmo Rodrigues é, no meu ver, um dos livros mais completos a nível do objectivo de melhorar a aprendizagem escolar. A autora aborda vários temas, como, a interculturalidade, a diferença social, o analfabetismo, a emigração, a ecologia e a Ilha, num só livro. Todavia, é na parte das diferenças entre as personagens principais que nos vamos basear.

Francisco Só é um menino que nasce em condições muito invulgares: o pai tinha emigrado e a mãe não tinha condições financeiras para lhe dar uma vida melhor. Com as dificuldades económicas a crescer entre as famílias da Ilha, a emigração é um factor que cresce a níveis muito altos na Ilha. A população vive com condições mínima, o que os faz procurar riquezas noutros países.

O pai do Chico não estava ali ao lado. Fora para muito longe, dois meses antes, emigrara. Era pobre e partira para um país distante onde se ganha melhor a vida, a Venezuela.

A mãe, por outro lado, era analfabeta e não tinha quase nenhuns conhecimentos que não fossem os das suas tarefas diárias no campo. Essas tarefas demonstram o trabalho árduo que tinha de enfrentar sozinha.

A história desenrola-se na Ilha da Madeira, mais propriamente, num local rural. Quando o menino foi para a escola pela primeira vez, começaram a gozar dele pois era pobre, não tinha pai e tinha um nome estranho, Francisco Só, mais conhecido por Chico Aventura. A relação de amizade e entreajuda que se desenvolve entre este e a «menina preta» dá-se devido às diferenças entre os dois e à maneira como ambos eram tratados pelos colegas. Os dois tornam-se companheiros de trabalho e acabam até por conseguir fama e fazer com que os colegas percebam o erro que é pôr de parte um menino, só porque este é diferente.

Maria do Carmo Rodrigues consegue cativar as crianças para os problemas sociais e, como se referiu, também ecológicos, através do seu sentido de humor e simplicidade da linguagem usada.

Outro livro, também da mesma autora, pretende dar a conhecer às crianças novos

modos de viver, novas culturas e a importância do sonho: *Sebastião, o Índio*. Nesta obra, narra-se a história de um menino chamado Sebastião que sonhava ser índio e que, no seu imaginário, constrói um mundo em torno dessa figura. Nesse mundo, desenrola-se a acção em que o papel principal de índio está destinado a Sebastião.

Esta história transmite aos leitores sentimentos de amizade, liberdade, preservação, todos eles próprios da cultura indígena. Existem também jogos de palavras que transmitem alguns costumes dos índios, como a maneira como dão os nomes às coisas e às pessoas, ou as suas vivências pessoais lado a lado com a natureza e com os animais. O coelho, por exemplo, chamava-se «Fórmula Um» e o cavalo «Leão - Crina - Branca», nomes que lhes foram associados pelas suas acções. Os animais são personagens que, apesar de secundários, se apresentam como imprescindíveis para o desenlace da história.

Maria do Carmo Rodrigues aproveita, neste livro, a ideia que se foi construindo das populações indígenas, como misteriosas e possuidoras de crenças do sobrenatural muito diferentes dos povos europeus. O livro é todo um mistério da imaginação de uma criança que claro acaba por se aproximar ao misterioso mundo dos índios.

As personagens, tanto humanas como animais, com características típicas de um humano, são variadas e diferem tanto no aspecto físico como na maneira de ser. *Gosto de todos porque os aceito como são e não como eu desejaria que fossem*, é uma das falas de um dos intervenientes na acção, dando a perceber as diferenças existentes entre várias espécies de animais ou seres humanos e a ensinar o leitor a viver com elas.

Sebastião tinha que seguir uma «mensagem» que estava relacionada com a flor de jacarandá que tinha visto cair da árvore e as pistas para chegar a ela passavam pelo contacto que foi tendo com alguns animais. Por fim, a Flor-de-Jacarandá era uma menina que tinha um cavalo que estava doente, porque queria ser livre. Sebastião, tal como um verdadeiro índio, ajuda a amiga com bravura e ganha uma pena de águia pela sua coragem e dedicação.

Octaviano Correia (1940) é, talvez, o escritor que melhor compreende as diferenças culturais existentes entre povos e as dificuldades que estes passam por terem uma cor diferente. Escritor angolano, a viver na Madeira, consegue transmitir na perfeição, às crianças, a sua preocupação em educar para a diferença cultural.

O livro *O Reino das Rosas Libertas* é um misto de imaginário (*O reino que se fala nesta estória não existe em parte algum.*) e de realidade (*E, no entanto, ele existe ainda*

em muitos lados deste nosso mundo.), que transmite as dificuldades dos negros e as consequências da escravatura. Neste texto, as rosas são os escravos e o cheiro da rosa é a liberdade, os dois termos chave da história. Através do uso de metáforas, consegue-se diminuir a conotação negativa que esta realidade, designada friamente por «escravatura» ou «racismo», teve e tem mundialmente. A denúncia destes problemas que já vêm dos tempos dos antepassados, relacionados com a dificuldade de lidar com as diferenças, é feita agora por meio de um livro. As crianças são o melhor leitor, pois começam agora a sua vida, longe dos erros dos adultos e com um futuro pela frente.

Nesta história, os escravos acabam por conseguir a liberdade, pois conseguem ser fortes e corajosos, sentimentos a transmitir às crianças. *O cheiro da força das rosas libertas* é a frase que resume toda a acção.

Porém, Octaviano Correia, não se fica por aqui a nível de obras de sentido educativo cultural. Este autor escreve muito para além das diferenças de cor, já que para o autor não é só esse o factor determinante da diferença. As diferenças físicas também fazem o dia-a-dia de muitas pessoas e podem conduzir à discriminação.

A obra *O Menino dos Olhos Azuis de Água* é outro livro deste escritor no qual as diferenças e a não discriminação, bem como a força destas pessoas em prosseguir, são os temas principais dos contos que a constituem. As personagens são todas crianças que, por um motivo ou outro, nasceram ou acabaram por ficar com alguma deficiência física. A incapacidade de ter uma vida normal como as outras crianças não é obstáculo para estas crianças, como bem o demonstram os contos, pela coragem e força interior superior que demonstram ao enfrentar os seus medos, sendo capazes, por isso, de alcançar os seus sonhos.

Estas personagens têm uma dificuldade física, mas têm, por outro lado, um encantamento diferente dos outros meninos. O primeiro conto fala de um menino que nasceu mudo e com os olhos de uma cor azul diferente dos outros meninos. Para além disso, comunicava apenas com as coisas da natureza e chega a curar, significativamente, um melro de cor preta.

O segundo conto tem como personagem Ana Braguinha que tocava músicas de encantar. Um dia, num arraial, rebentou um foguete perto dos seus ouvidos e perdeu a audição. Contudo, a menina não deixou de tocar, mas como não conseguia ouvir outras músicas para inovar, começou a imaginar sons e a compor músicas com aqueles que já conhecia, o que surpreendeu em muito as pessoas que gostavam de a ouvir tocar a sua

braguinha.

O terceiro conto fala-nos de uma menina chamada Joana, a qual gostava de jogar basquetebol. Certo dia, ao ir para a escola, distraída, foi atropelada e ficou sem poder mover as pernas. Porém, a menina não deixou de seguir o seu sonho, começou a treinar basquetebol em cadeira de rodas e fez um jogo com as outras colegas da escola. João Bebágua é o quarto conto: narra a história de um rapaz que com uma deficiência motora nas pernas consegue salvar um outro menino de se afogar. João não conseguia nadar bem por causa das suas pernas e por isso lhe chamavam Bebágua, mas, ao salvar a outra criança, consegue apagar essa ideia de discriminação que os outros tinham dele. Passa então a chamar-se João Coragem.

O último conto é o do Tiago, um menino que não tinha braços e que escrevia e pintava com a boca. Torna-se um grande pintor e casa com uma menina chamada Margarida.

Que moral é que podemos tirar destes contos? São realidades com as quais alguns meninos têm de se enfrentar. E nós? O que podemos fazer para melhorar a sua vida? No mínimo, não afastá-los do resto do mundo. Mas, também, perceber que são especiais e têm quase mais vontade que nós de viver. E é justamente isso que o escritor tenta transmitir às crianças neste livro.

“A,E,I,O,U” é um dos contos do livro *Vamos Cantar Histórias*, em que Maria Aurora Homem expõe a vida de um grupo considerado minoritário em Portugal, os ciganos. Mali, era um menino nascido numa tenda de ciganos:

Não havia fronteiras para o seu deambular. Nem terra fixa para deitar as amarras da tenda. [...] Mali não conhecia as horas nem as limitações do tempo. [...] O bocado de pão nunca era todo seu. O quadrado de terra onde dormia chegava sempre para mais um.

Certo dia, os pais de Mali decidiram que o menino tinha de estudar e, por isso, iam ficar todo o ano num só local para que o menino pudesse ir à escola como as outras crianças. Mali não entendia porque é que tinha de aprender, já que pensava que sabia o necessário, conhecendo a natureza melhor do que ninguém. Quando foi para a escola aprender as letras, estava sempre a associá-las ao que tinha vivido e isso para ele era tudo. Ser livre para Mali era o mais importante. Nesta história, podemos perceber o

difícil que é estarmos habituados e interiorizados com um tipo de vivências e depois mudarem-nos o rumo. Os ciganos vivem de maneira diferente do resto dos portugueses e para eles não importa o tempo e o local, e é essa a sua aprendizagem e maior tesouro. O menino nasceu com a natureza e andou de terra em terra, onde foi aprendendo com as suas próprias experiências, colocá-lo numa escola com regras era como enfiá-lo uma prisão.

O poema musicado de Maria Aurora espelha bem os sentimentos de Mali em relação à escola.

Aprender

*Tenho uma escola no peito
Que não pára de bater
Está em toda a natureza
Nela quero aprender
Tem o Sol como quadro
Tem o mar como jardim
Tem passos de liberdade
Que guardo só para mim.*

*Faço do quadro Negro
Uma asa de voar
Com letras teço segredos
Lanço gaiotas no mar.
Tiro do céu uma estrela
Somo Sol com coração
Divido a minha alegria
Multiplifico a ilusão,
Leio nuvens na distância
Copio amor e aventura
Faço ditado das letras
Com que se tece a ternura.*

*Tenho uma escola no peito
Que não pára de crescer...*

O poema, para além de demonstrar os pensamentos do cigano em relação à escola e às regras, transmite uma harmonia entre a criança e a aprendizagem da natureza, importante aliás no contexto da preocupação actual com a ecologia.

III. 6. *Como aprender a História da Madeira nos livros?*

Um dos temas ou sub-temas muito usados nos livros infantis é o da história da Ilha ou de Portugal. Em volta da narração principal, destaca-se um momento da história que pode ser da Ilha ou mais geral do país. Os escritores suavizam a leitura laboriosa da história introduzindo uma narração prazerosa em primeiro plano e as crianças dentro dos acontecimentos, em plano real ou imaginário.

Os livros infantis para as crianças madeirenses raramente contêm matéria sobre a história de outros países. A obrigação de dar a conhecer às crianças o que é regional e a história do seu país mostra o conservadorismo dos escritores numa época global. O certo é que estas crianças aprendem mais facilmente a história através de um conto bem narrado do que com palavras ou livros escolares específicos de história, em que a acção não se centra no seu mundo, mas muito aquém deste. Alguns livros usam apenas termos ou frases breves para referir algum acontecimento da história, todavia, existem muitos livros que narram momentos históricos de forma breve ou na sua totalidade. Livros como os que vou passar a apresentar, narram a história da Madeira de forma atractiva e conseguem transmitir às crianças o desenlace de cada momento através do recurso a formas humorísticas ou de linguagem simples, ou outras.

João Gomes do Gato, de Maria do Carmo Rodrigues, data de 2002, é tipicamente madeirense. Uma criança que leia este livro ficará a conhecer muitos pormenores da história da Ilha da Madeira, para além de que vai também deliciar-se com o humor de João Gomes, do seu amigo gato e do seu padrinho.

João Gomes é um menino filho de pescador que faz parte de uma classe social mais desfavorecida financeiramente. Contudo, João quer ser mais do que o poderia

esperar nesta família. Este menino quer ir mais longe no mundo e não viver apenas na ignorância e na pobreza, já que não gosta quando o pai bebe ou quando a mãe grita. A sua relação com o padrinho, um homem com outras riquezas e outra cultura, conduz o menino a uma aprendizagem sobre a história da Ilha que desconhecia. Esta personagem principal vai fazer com que as outras crianças se identifiquem e queiram ser como ele, esperto, curioso, aventureiro. O padrinho conta-lhe muitas histórias e nelas insere a verdadeira história da Madeira. João vive na parte mais antiga do Funchal, designada actualmente por Zona Velha. Esta zona é um local com muitos vestígios de história. No livro, Maria do Carmo Rodrigues faz referência à Capela do Corpo Santo, à Ribeira de João Gomes e à Fortaleza de São Tiago.³⁶

No interior desta narração, encontram-se outros três títulos correspondendo a momentos da história da Madeira que vão ser contados pelo padrinho a João Gomes. Contudo, a narração dos factos sofre a interferência de falas e perguntas que demonstram a curiosidade e aplicação do menino em aprender e cortam a monotonia da história. Esses títulos são: «A História de João Gomes da Ilha», o poeta que se destacou em Lisboa na corte e escreveu poesias que foram compiladas no *Cancioneiro Geral*; «A História de Adão e Eva na Ilha e o que antes se passou»³⁷; e «A História dos Corsários», naus de piratas que saqueavam e lutavam com os tripulantes de outras naus que passassem perto deles em alto mal, fazendo assim com que se considerasse a necessidade de construir uma muralha de segurança na Cidade.

Outra escritora com o objectivo de ensinar a história da Madeira através dos livros não escolares e de uma forma mais atractiva é Maria Aurora Homem. O livro *A Cidade do Funcho, a Primeira Viagem de João Gonçalves da Câmara* não narra a história a um personagem, é a personagem que conta a história.

O livro conta a história da descoberta da Madeira, ou melhor, dos seus primeiros povoadores. Com a colocação da personagem principal dentro da própria história, Maria Aurora torna a leitura mais interessante e motiva as crianças. Esta história não é, contudo, uma história qualquer, é um misto de aventura e descoberta capaz de sustentar a curiosidade de qualquer leitor. Neste livro, existe muita informação sobre a descoberta da Madeira. Uma dessas informações é os nomes dados à cidade do Funchal e à Ilha do Porto Santo e a razão para tal. João Gonçalves, a personagem principal, é uma criança

³⁶ Três referências de nível histórico patrimonial da Madeira e situados na baixa do Funchal

³⁷ A Ilha da Madeira está associada a várias lendas e esta é uma delas.

que vem com a família habitar e governar a Madeira. Este menino passa por muitas peripécias em alto mar e depois encanta-se com o que descobre diante dos seus olhos, a Ilha.

Outra escritora madeirense, mais ligada ao meio escolar e, por essa razão, mais próxima à aprendizagem da história como por prazer e não como algo monótono é Maria Manuela Abreu. *Passeio pelas Histórias da Revolta da Madeira* é de 2000 e foi adaptado para uma leitura infantil, baseado no outro livro da mesma autora, de 1994, intitulado *A Revolta da Madeira – 1931*. O interesse pela história pode ser difícil em determinadas idades, no entanto, se ao invés de se aborrecer as crianças com um livro muito técnico sobre esta matéria, se transformar a história numa leitura interessante e divertida, mais garantidamente a criança reterá momentos da história da Madeira ou do país.

O próprio título do livro convida as crianças a um passeio pela história da Madeira e não a uma leitura monótona desta história presente em algum livro de inúmeras páginas. A narração da Revolta da Madeira é muito mais convidativa se a aprendizagem for levada a cabo através de uma maneira mais prática, transmitidas pelas palavras de um adulto, como o avô. Por outro lado, o estar nos locais onde se passaram estes conflitos dá outra emoção à narração.

Este livro conta às crianças a história de uma menina que necessitava de ajuda para um trabalho que tinha de executar para a escola, mais propriamente para a aula de História. Para perceber melhor o momento sobre a Revolta da Madeira de 1931, contacta o avô para lhe descrever este momento. A menina, de nome Cristina, não tem vontade de ler o livro enorme que encontrou sobre a Revolta da Madeira. Tal como todas as outras crianças da turma, crê que ler este livro é uma perda de tempo. Esta posição da menina é, com certeza, uma crítica aos manuais actuais de história que são oferecidos às crianças.

O certo é que, neste livro Cristina e os leitores aprendem a história da Madeira de forma muito divertida. A menina desloca-se com o avô e o primo a alguns locais do Funchal que foram relevantes na Revolta Popular. Através da conversa com um amigo do seu avô, filho de um dos participantes activos nesta Revolta, Cristina fica a conhecer melhor os sentimentos provocados e acções efectuadas pela população e pelos militares

durante este momento. *Passeio pelas Histórias da Revolta da Madeira* tem assim um papel educativo e, ao mesmo tempo, recreativo para a criança. Apesar de se usar aqui alguns termos específicos e nomes próprios representativos da época, a sua repetição ao longo da narração faz com sejam rapidamente memorizados pelas personagens. Os termos mais específicos e de difícil compreensão são de imediato explicados à personagem e, conseqüentemente, ao leitor. Para além destes termos, a linguagem usada é muito simples e existe algum humor entre as personagens pelo meio. De facto, pode-se considerar esta forma de contar história com humor na tradição de *História Alegre de Portugal*, de Pinheiro Chagas. Após a leitura deste livro, a criança deve estar apta para recriar estes momentos com uma facilidade mais emotiva.

António Manuel de Castro e Maria Elisa de França Brazão são os autores *Novas Histórias com História* (2005), o qual também coloca a temática da história da Ilha e do país como objecto principal na narração. Este é um livro um pouco extenso, contendo variadas informações histórico-culturais.

Os escritores tentam atrair o leitor criança através da forma como estruturam o livro. Todas as subpartes da primeira parte do livro, intitulada «História e Histórias do Mar e das Ilhas: Concelhos e Festividades Religiosas», iniciam-se com uma história e os vários concelhos da Ilha são descritos através do uso de personagens típicas destes locais e de uma história narrada em torno destas personagens. Após esta introdução dão-se informações mais precisas destes locais, mas, como que a título de curiosidade, designando estas páginas por «*Sabias que...*» ou «*Sabias ainda que...*» palavras que induzem a criança a querer conhecer mais sobre o concelho. Nestas partes são transmitidas informações à criança como: o número de habitantes, a superfície, os feriados municipais, o brasão, as freguesias, as origens dos nomes das freguesias, tudo isto, referente aos diferentes concelhos da Madeira.

As histórias iniciais de cada subparte do livro são histórias que se podiam perfeitamente separar do restante conteúdo e formar um outro livro. São constituídas por narrações com personagens infantis ou com animais com características humanas. Estas pequenas narrativas têm, na sua maioria, um final feliz e são muito moralistas. As histórias abordam temáticas, as quais já foram mencionadas anteriormente, como é o caso da preocupação com o ambiente, os sentimentos de amizade e liberdade, a presença dos animais como personagens principais ou a presença do sonho.

Nas últimas páginas desta parte do livro, revelam-se outras informações, consideradas igualmente importantes para a aprendizagem histórico-cultural da Ilha, que vêm aprofundar conhecimentos. Nesta primeira parte, assim como se vai verificar nas duas seguintes, também se faz referência à Região Autónoma dos Açores. Na segunda parte do livro, intitulada «A História de um Povo que o Mar aproxima...: - os Feriados Nacionais», conta-se a história e o significado destes feriados não só para o país, como para a Ilha.

A última parte deste livro designa-se por «Símbolos Nacionais e Regionais». Nesta parte, os escritores não só vão interessar-se pela Ilha e pelo país como também mencionam alguns símbolos a nível europeu. Aqui, ensinam-se às crianças os hinos e as cores e figuras representativas das bandeiras de cada país e região. Estas variadíssimas informações são importantes, contudo, nem um adulto as consegue decorar. Este livro é um livro que, necessariamente, tem de estar numa prateleira, em casa da criança ou na biblioteca da escola, disponível sempre que este leitor necessite destas informações. Já as histórias que aqui são introduzidas pelo meio são sim um incentivo à procura deste livro por parte da criança. Creio, todavia, que é um livro que pelo seu tamanho assusta um pouco o leitor.

Fica, no entanto, patente a importância do sentimento identitário para os autores: regional, nacional e europeu. Às crianças é transmitida a memória histórico-social, linguístico-cultural e mítico-lendário da nação, factor que a par da educação para a interculturalidade e inclusão social preocupa os autores dos tempos modernos.

III. 7. À Descoberta do Mundo: da Moral dos Adultos à Ética do Homem, do Desconhecido ao Apreensível

Já nos primeiros anos de vida da Ilha, a sua população se preocupava muito com a transmissão da moral e dos bons costumes, o que é facilmente confirmado através das recuperações da tradição oral popular. Os provérbios, por exemplo, acarretam uma forte componente moral. Mesmo, e entrando pelos caminhos da temática religiosa, os primeiros escritos para o leitor criança estavam impregnados de moralidade típica da época. A moral, nesta época, era uma moral que se associava muito aos valores cristãos e, como já foi referido no capítulo da religião, foram os representantes da Igreja os

primeiros a se preocuparem com o ensino e a educação na Ilha.

Os seus ensinamentos seguiam os costumes religiosos das boas práticas e da humildade. Estes ensinamentos, mesmo depois do aparecimento de várias escolas públicas na região e de o ensino passar para a responsabilidade da administração ou governo público, continuam a ter muita recorrência, agora nos livros infantis. Um bom exemplo desta continuação de ensinamentos morais são os livros designados por fábulas.

A moral, é ainda hoje, um factor muito significativo para que um livro seja de literatura infantil. Distinguiremos então a moral de «Deus», inata ao homem e proferida pela religião, e a moral imposta pelo governo e forças jurídicas de determinado local, impostas pelo próprio homem e, ainda, a liberdade, que sobrepõe qualquer moral apenas segue as «leis da natureza». Não me vou estender muito em relação a este tema, pois não o creio necessário. O importante a referir aqui é que, durante todas as diferentes épocas, na Madeira, a transmissão da moral ligada à educação infantil esteve sempre em primeiro plano na escrita de livros para crianças. O sentimento de liberdade, nas obras infantis, aparece mais recentemente e, está maioritariamente ligado à importância de deixar livres os animais no seu contexto com a natureza e a ecologia. Contudo, indirectamente, este sentimento, em alguns livros, se refira ao não cumprimento de regras por parte da criança, ou à falta de liberdade de uma criança que, por exemplo, em vez de ir à escola tinha de ajudar os pais a trabalhar e a cuidar da casa.

Voltando ao carácter moralístico-pedagógico nos livros infantis, este pode estar contido directa ou indirectamente na narração. Por vezes, são mesmo usadas frases finais para referir a moral da história. Outras vezes, é em todo o conteúdo do livro que se retiram alguns aspectos morais da história. Esta moral, que conduz a um estado de consciência activo no leitor a determinado momento da história, prende-se na maioria das vezes a sentimentos provocados na criança através de acções do bem ou do mal, representadas pelas personagens do livro. Se a personagem principal do conto consegue um amigo e percebe a importância da amizade, também o leitor será conduzido a dar valor a este sentimento. Talvez se possa mesmo falar, na modernidade, de uma deslocação do moral para o campo do ético-moral, responsabilizando a ética, mais do que a moral o “eu” pela sua escolha individual. Enquanto a moral é mais do campo do imposto, a ética é um código que depende do indivíduo no âmbito do conjunto social.

Grande parte dos livros de literatura infantil da Madeira, na narrativa dos seus contos, novelas, histórias ou simplesmente através do uso de verso, apresenta pelo

menos um sentimento, relevante no contacto entre personagens, que é transmitido à criança. Nem todos estes sentimentos são mencionados, directamente, pelo narrador da história. Alguns estão como que implícitos, pois só os entendemos com o desenrolar da acção e pela maneira como se comportam as personagens.

A amizade e a liberdade são sentimentos focados directamente em muitos livros. A amizade é um bem essencial na vida de uma criança, para que esta possa desenvolver-se e crescer de forma salutar e em conjunto com os outros. Para brincar, a criança precisa de outras crianças. Para comer ou outras necessidades básicas, a criança precisa do apoio dos pais e outros familiares. Neste sentido, criam-se vários laços afectivos extremamente úteis na vida da criança. Por esta razão, a amizade é o sentimento mais valorizado em todas as obras infantis, de modo a que a criança perceba o seu valor. Para dar algumas referências, podemos ter como exemplo a amizade de Pedro pela Gotinha de Água³⁸ (*Mesmo invisível, mesmo ausente. Um amigo pode ser uma fada como tu.*); entre todos os animais de Jamanta Serena³⁹ (*Vamos ajudar a Dona Águia que feriu a asa e necessita de um curativo.*); entre as Estrelas-do-mar e o Peixe Prateado⁴⁰ (*E agora aprendi que para além de devermos ser amigos uns dos outros, também é importante sermos amigos do ambiente!* – *concluiu o Peixe Prateado.*); ou entre Chico e a menina «preta»⁴¹; ou mesmo amizades que se dão entre personagens humanas e animais, entre outras.

Em alguns livros, faz-se a diferença entre os sentimentos bons e os seus contrários e, aqui, entra a ética como apaziguadora dos bons sentimentos e acções na criança. As travessuras típicas da infância são acções que devem ser corrigidas com o tempo. Estas travessuras são, contudo, referidas em alguns livros, sem qualquer conotação negativa, apenas como naturais da idade. Os poemas do livro de António Marques da Silva, *Os Anjos Descem: Poesia da Infância* (1981) recorrem da inocência da criança para explicar esta naturalidade da idade. Comportamentos como fazer «xixi» na cama e andar à «pancada» com outras crianças são pouco “edificadores” para uma criança que depois se tornará um adulto. Estes comportamentos são, no entanto, usuais na infância.

O bem e o mal são referidos, directamente, em alguns livros, sem uma definição concreta, apenas dando a perceber que o caminho que a criança deve seguir é o do bem.

³⁸ Maria Aurora Homem,, *A Fada Ofélia e o Véu da Noiva*, Vila Nova de Gaia, 7 Dias.6Noites, 2008.

³⁹ Isabel Fagundes, *A Bruxinha Matilde e o Elefante Verde*, Funchal, O Liberal, 2007.

⁴⁰ GCEA, *As Estrelas-do-Mar e o Peixe Prateado, Juntos de Novo!*, Funchal, Associação Amigos do G.C.E.A, 2003.

⁴¹ Maria do Carmo Rodrigues,, *Aventuras de Chico Aventura*, Lisboa, Ed. Veja, 2005.

Na actual conjuntura, tem-se tornado cada vez mais difícil ensinar às crianças o que é «bom» e o que é «mau», o que é «certo» e o que é «errado». Muitos pais e professores lamentam o facto de ser cada vez mais complicado educar as crianças. Talvez tenham razão, mas hoje é consensual entre os que pesquisam o desenvolvimento infantil, que as acções educacionais baseadas nas antigas certezas contribuem para educar moralmente as crianças, mas não para fazê-las sujeitos éticos.

Ou seja, o resultado dessa educação moral é, quase sempre, a formação de adultos heterónimos: pessoas que se orientam pelos costumes, regras, leis e valores que lhes foram ensinados sem reflectirem a respeito; assumem como bom ou mau, certo ou errado o que lhes foi transmitido, sem nenhum exame pessoal. As suas acções no mundo, os seus sentimentos e convicções, enfim, a sua identidade, não são resultantes de uma escolha consciente, mas fruto das exigências e modelações externas.

*Freyja era o bem e o mal, o céu e o inferno, um anjo e um demónio.*⁴² Este livro de Nuno Morna baseado na mitologia nórdica tem como figura principal uma deusa que possui várias características pessoais tanto boas como más, afastando-se da visão maniqueísta do mundo, deixando espaço à ideia de escolha, e, por isso, à ideia ética do compromisso e responsabilidade.

Um exemplo de escrita votada à explicação do mundo às crianças sem pressupostos morais, mas pedagógicos e, ao mesmo tempo apelativo à potencialidade criativa e imaginativa, estimulando e criando um sentimento de segurança e felicidade é o livro de Diana Pimentel (autora que reside na Madeira há vários anos), *Lua Muito Nova*⁴³.

O fenómeno astronómico que é o da lua nova personifica o próprio crescimento da criança: parte de si ainda continua “escondido”, faz parte da zona do desconhecido, de um mundo em que como adulta irá descobrir, tornando-se lua cheia. Esse mistério assustador de crescer não só é explicado através da ideia de que no seu desenvolvimento a criança terá a oportunidade de adquirir conhecimentos científicos sobre o funcionamento do universo, mas também através da ideia de que ao crescer se criam laços entre os homens indispensáveis à vida: os laços-abraços que ligam sol, terra e lua, indissociáveis e impossíveis de separar, são como os laços-abraços da família, dos amigos, dos outros que nos rodeiam e que ditam os nossos movimentos. É justamente nessa certeza que reside a segurança de quem está a crescer, como se pode constatar

⁴² *Freyja*, Vila Nova de Gaia, 7Dias 6 Noites, 2008.

⁴³ *Lua Muito Nova*, ilustr. Sónia Câmara, Vila Nova de Gaia, Editora Ausência, 2005.

pelo texto escolhido significativamente para a contracapa:

De repente, assustamo-nos quando olhamos para a lua e parece que falta um bocadinho de si, mas logo logo aprendemos que ela mesma é redonda [...] sabemos que a terra roda à volta do sol e que a lua à volta da terra e que nesse laço-abraço estão todos bem alegres.

III. 8. Mitos e Lendas nas Histórias da Infância

Tanto o mito como a lenda são histórias baseadas em factos não reais e dificilmente explicáveis no campo científico. Estas duas formas provêm da tradição oral e ligam-se a momentos antigos ou acções presentes para as quais não temos uma razão plausível.

Os mitos são, geralmente, narrativas orais baseadas em tradições e lendas com o objectivo de explicar o universo, a criação do mundo, fenómenos naturais e qualquer outra coisa que esteja fora dos nossos horizontes racionais. Porém, nem todos os mitos têm esse propósito explicativo. São o sobrenatural e a divindade as características que unem estas duas formas de história, passadas oralmente de geração em geração. As imagens mitológicas não se podem dissociar da religião. Alguns usam mesmo a palavra mito e mitologia para desacreditar essas histórias de uma ou mais religiões. O termo é frequentemente associado às descrições de religiões fundadas por sociedade antigas, como a mitologia romana, mitologia grega, mitologia egípcia e mitologia nórdica. No entanto, é essencial reter a ideia de que enquanto alguns vêem os panteões nórdicos e célticos como meras fábulas, outros os entendem como religião.

Nos livros de literatura infantil, na Madeira, aparecem muitas personagens imaginárias relacionados com lendas ou figuras religiosas. Para além destas figuras mitológicas ou lendárias, também são relatados, em alguns livros, episódios lendários da tradição popular madeirense e, nos livros de Octaviano Correia, como já era de esperar, lendas de tradição africana.

Em primeiro lugar, analisemos as figuras imaginárias e depois os episódios lendários. Uma das personagens principais dos livros infantis é a bruxa. Não sabemos a origem da palavra bruxa. De origem proto-celta, *brixtu*, que significa “magia”, está

associada ao vocábulo usado para descrever esta personagem surreal, a bruxa.⁴⁴ O certo é que a crença na existência desta personagem é muito antiga e está relacionada com a religião. Era a figura de uma mulher, feia e má, que realizava magia negra. À imagem da bruxa estava associada também uma vassoura e um «caldeirão», onde esta realizava as suas porções mágicas sempre com o intuito de praticar o mal. O certo é que esta imagem da bruxa recorreu várias épocas sendo mesmo, por vezes, associada a mulheres de carne e osso. Ainda, actualmente, se costuma nomear uma pessoa que nos faz mal ou que tem mau aspecto de bruxa. Ainda existe, também, o uso da «magia negra» ou «magia branca», como assim se faz a distinção, nos dias de hoje, uma ligada ao mal e outra ao bem.

Muitos filmes e livros literários usaram esta imagem fictícia para atrair públicos, tendo muito sucesso, como é o caso de: *Brumas de Avalon* ou *Harry Potter*.

A bruxa não tem, contudo, de ter sempre essa conotação negativa. Nos livros infantis é próprio retirar esse peso negativo que a bruxa tinha antigamente. Era costume assustar-se a criança, ameaçando que a bruxa levava os meninos mal comportados ou os transformava em animais horrendos.

Isabel Fagundes usa nos seus livros infantis, *A Bruxinha Matilde e o Dragão Cor-de-Rosa* e *A Bruxinha Matilde e o Elefante Verde*, a bruxa como personagem principal. Estes são dois livros que se seguem um ao outro na narração. O primeiro livro não só fala de Matilde, a bruxinha boa, como de outras bruxas, as suas tias, más e sem coração, segundo palavras da própria escritora. Temos aqui, então, a distinção entre as bruxas más que queriam ser bonitas e estavam a tentar usar a sua magia para o conseguir e Matilde que era boa. Matilde deixa de pertencer ao castelo das bruxas más e passa a viver com o seu amigo Dragãozinho na terra da cor. A cor é um símbolo representativo destes estados de alma e do bem ou do mal. As bruxas, tias de Matilde, estão associadas à ausência de cor: negro, cinzento ou castanho. Matilde está ligada ao cor-de-rosa, a cor do amor. Reservei um capítulo nestas páginas para a influência da cor na literatura infantil, mais à frente.

Será que sou Neto da Bruxa? (2007) é um livro de José Viale Moutinho que também tem como tema de fundo a bruxa e a magia.

À personagem bruxa opõe-se a fada. A fada é outra figura do imaginário que aparece representada em vários livros infantis. Creio relevante referir que ambas estas figuras, tanto uma como a outra, são figuras femininas, inseridas no imaginário da

⁴⁴ Lévi, Joel, *Great Encyclopedia of Magical Beings*, Carroll and Brown Limited, Londres, 1999

criança. A figura feminina é muito importante para a criança, pois assemelha-se à imagem materna. A fada que pratica o bem e que está lá sempre que precisamos de ajuda pode, perfeitamente, representar atitudes maternas em relação à criança, assim como a bruxa que pratica actos de maldade pode associar-se à mesma figura materna no sentido representativo de repressão da criança por maus comportamentos.

Segundo Gilberto Schoereder ⁴⁵, o termo “fada” vem do latim *fatum*, que significa fado, destino. Dessa forma, acredita-se que são seres que intervêm de forma mágica no destino das pessoas. As fadas eram representadas com tamanho, geralmente, menor ao dos humanos e com asas. Estava associado às fadas um objecto, a varinha de condão, para realizar encantamentos. Este ser foi usado em muitos contos infantis designados por «contos de fadas». Contudo, estes contos não tinham obrigatoriamente a presença da fada, apenas tinham de estar relacionados com o poder de encantamento que possuía. Os contos da Disney são típicos contos de fadas, em que aparece a personagem má e a boa, mas no final tudo acaba sempre bem.

Bruno Bettelheim reforça a importância dos contos de fadas no desenvolvimento da criança, através da apresentação do seu livro *Psicanálise dos Contos de Fadas*:

Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança. Este livro tenta mostrar como as histórias de fadas representam, sob forma imaginativa, aquilo em que consiste o processo sadio de desenvolvimento humano, e como os contos tornam tal desenvolvimento atraente para o engajamento da criança nele. Este processo de crescimento começa com a resistência contra os pais e o medo de crescer, e termina quando o jovem encontrou verdadeiramente a si mesmo, conseguiu independência psicológica e maturidade moral, e não mais encara o outro sexo como ameaçador ou demoníaco, mas é capaz de relacionar-se positivamente com ele. Resumindo, este livro explica por que os contos de fadas dão contribuições psicológicas de tal forma grandes e positivas para o

⁴⁵ *Fadas, duendes e gnomos. O mundo invisível.* São Paulo: Hemus, s/d

*crescimento interno da criança. O prazer que experimentamos quando nos permitimos ser susceptíveis a um conto de fadas, o encantamento que sentimos não vêm do significado psicológico de um conto (embora isto contribua para tal) mas das suas qualidades literárias - o próprio conto como uma obra de arte. O conto de fadas não poderia ter seu impacto psicológico sobre a criança se não fosse primeiro e antes de tudo uma obra de arte.*⁴⁶

Maria Aurora Homem tem dois livros publicados nos quais faz referência a este ser imaginário, são eles: *A Fada Ofélia e o Véu da Noiva* e *A Fada Íris e a Floresta Mágica*. São dois textos que têm como figura principal uma fada. Mas, Maria Aurora retrata estas fadas de maneira um pouco diferente da que estamos habituados. A fada Ofélia era uma gota de água que representa um local lendário, o «Véu da Noiva»,⁴⁷ e a fada Íris era uma menina que se vestia de brumas transparentes e finas, com olhos cor de folhagem e duas tranças loiras e compridas presas por fitas como as do arco-íris. Estas duas personagens estão rodeadas do encantamento próprio das fadas, contudo, não são exactamente como as fadas a que estamos habituados dos contos de fadas.

No livro *A Fada Ofélia e o Véu da Noiva*, dá-se uma interacção entre os dois mundos da criança: o real e o imaginário. Pedro é a personagem do real e a fada a personagem do imaginário. Pedro vai de férias para a casa do avô, no Seixal, e este conta-lhe histórias, de tipo lendário, provenientes da tradição oral popular. Neste ambiente, Pedro começa também a querer saber mais e, certo dia, encontra uma gotinha de água que diz ser a fada das histórias do avô. Essa gotinha, seguindo o ciclo de vida da água, precisava continuar o seu caminho e assim separa-se de Pedro. Para além desta fantasia presente em todo o texto, a escritora não deixa de focar outros aspectos, como a natureza, a amizade e a liberdade. Maria Aurora é uma escritora com livros muito semelhantes em alguns níveis, mas que consegue abordar diversas temáticas num só texto. A História e a natureza da Ilha, assim como a religião cristã, são as principais fontes pedagógicas e de base ética dos seus livros.

A fada Íris é uma personagem encantada que Maria Aurora aproveita para aliciar

⁴⁶ *Psicanálise dos Contos de Fadas*, trad. Carlos Humberto da Silva, 9^{ed.}, Venda Bertrand, 2002

⁴⁷ O «Véu da Noiva» é uma queda de água situada entre São Vicente e o Porto Moniz. A queda de água tem esta designação pois como é muito alta faz espuma e a água fica branca assemelhando-se a um véu. Costuma dizer-se que este véu representa a união entre a montanha e o mar. Por curiosidade, também existe esta mesma designação numa cascata localizada no Parque Nacional de São Joaquim em Santa Catarina, no Brasil.

as crianças para a beleza da natureza. A autora, no lançamento desta obra infantil, afirmou o seguinte:

*Este livro tem o objectivo pedagógico de fazer com que as crianças vejam a laurissilva como um espaço lúdico e importante na vivência de todos os dias. Para além da fada, aparecem nesta história os pombos-trocaz, os coelhos, os francelhos, os bis-bis e todos os tipos de bichos que existem na Floresta.*⁴⁸

Outras personagens do irreal, mitológicas, que aparecem em muitos livros infantis são os gnomos. Os gnomos são considerados espíritos da floresta e seus protectores. São figuras associadas aos anões, portanto, de pequena estatura, com barbas brancas e barretes vermelhos.

Isabel Fagundes é uma escritora, que tal como Maria Aurora, tenta transmitir o valor da natureza à criança. Enquanto Maria Aurora usa a figura da fada, no seu encantamento natural, para mostrar a magia da floresta aos mais pequenos, Isabel Fagundes utiliza a figura do gnomo, protector da natureza, para mostrar à criança a necessidade de preservar este bem essencial ao homem.

Francisco e o Segredo da Floresta é outra das histórias que ligam o mundo real com o imaginário. A escritora Isabel Fagundes explica, no lançamento desta obra, que o livro encerra uma mensagem ecológica, de protecção da floresta laurissilva:

É uma história onde as espécies endémicas falam umas com as outras, personificadas (por exemplo, o Sr. Loureiro fala com o Sr. Vinhático). Intervém também alguma fauna, como os bis-bis ou as mantas, e ainda alguns gnomos protectores da floresta.

Para a autora, vale a pena insistir na sensibilização para o património natural.⁴⁹

Todas estas narrativas em que aparecem estes seres podem ser considerados contos de fadas, no entanto, actualmente tende-se a modificar estas histórias e adaptá-las

⁴⁸ Ver no blogue da Biblioteca Pública Regional

⁴⁹ Ver no blogue da Biblioteca Pública Regional da Madeira, 2 de Junho de 2009: <http://bprmadeira2.blogspot.com/>

a outras realidades como explica Bruno Bettelheim:

As falhas das modernas estórias de fadas enfatizam os elementos que dão maior sustentação aos contos de fadas tradicionais. Tolkien descreve as facetas que são necessárias num bom conto de fadas, tais como fantasia, recuperação, escape, e consolo - recuperação de um desespero profundo, escape de algum grande perigo, mas, acima de tudo, consolo. Falando do final feliz, Tolkien frisa que ele deve existir em todas as estórias de fadas completas. É uma reviravolta "subitamente feliz"... Por mais fantástica ou terrível que seja a aventura, quando chega a "reviravolta", ela dá ao ouvinte, uma retomada do fôlego, um compasso e alívio ao coração, que chega próximo às lágrimas".⁵⁰

Depois de já referidos os seres mitológicos e lendários, do imaginário da criança, como o são as bruxas, as fadas e os gnomos, podendo viver todos no mesmo espaço, passamos a outra figura também proveniente de uma lenda, mas com características e objectivos um pouco diferentes dos restantes. Estou a referir-me ao Pai Natal.⁵¹ Figura muito presente nos contos infantis de Natal, aparece em algumas obras de escritores madeirenses. Esta personagem tem ligação a uma lenda que apresenta semelhanças à história de São Nicolau Taumaturgo, arcebispo de Mira na Turquia, do século IV. São Nicolau ajudava, anonimamente, quem estivesse com dificuldades financeiras. Colocava nas chaminés das casas as moedas de ouro que continha o saco das oferendas da igreja. Foi declarado santo depois que muitos milagres lhe foram atribuídos. Este santo passou depois a ser considerado o símbolo do Natal, na Alemanha e, posteriormente, no resto do mundo.

O livro de Francisco Fernandes *Alguém Avisou o Pai Natal?* é dos únicos mais recentes que, ao retratar a época de Natal, utiliza esta figura na sua acção principal. Os outros livros, ou melhor dizendo poemas, que referem a presença do Pai Natal são das primeiras obras para crianças na Madeira. Este facto é muito importante para percebermos a decadência desta imagem fantástica no universo infantil. As crianças deixaram de acreditar no Pai Natal, que deixa os presentes debaixo do pinheiro, dentro do sapatinho, e começam a perceber que, na realidade, são os próprios pais que fazem de Pai Natal. Assim, perde-se em parte o encantamento desta época para as crianças,

50 *Psicanálise dos Contos de Fadas*, 9ªed., trad. Carlos Humberto da Silva, Venda Nova, Bertrand, 2002, p.19

51 Roilberg, José, «A História do Natal», J.C. Editora, Brasil, 2000 in: http://jipemania.com/coke/historia_do_natal_V3.pdf

fazendo da figura mera imagem decorativa de um Natal muito comercial. As crianças são, desta forma, afastadas do imaginário e mais aproximadas, sempre mais cedo, à realidade da vida.

Todavia, existem mais figuras representativas, nos livros infantis da Ilha, as quais se podem também agrupar à lista de personagens irreais, já que aliadas a um certo misticismo infantil. O anjo, apesar de estar relacionado com termos religiosos, faz parte, contudo, de algumas histórias de tradição oral popular, o que o torna num ser de fantasia para a criança. A criança vê esta personagem com carinho, pois sabe que é o anjo, figura celestial, que vai caminhar sempre a seu lado para a ajudar quando necessário.

Outra figura, da qual já falei no capítulo sobre a imagem dos animais na literatura infantil, é o dragão. Este também é um ser da mitologia que apresenta várias conotações conforme as culturas de determinados locais, e é pois importante referi-lo aqui.

Terminando por aqui a apresentação de seres lendários e mitológicos passemos a referir em primeiro lugar o livro *Freyja*, de Nuno Morna, com uma personagem principal retirada da mitologia nórdica e depois falaremos um pouco sobre lendas da Ilha nos livros infantis.

Freyja é, na mitologia nórdica, considerada a deusa mãe representativa da dinastia de Vanir. Esta deusa é filha de Njord e Skade (Skadi), o deus do mar, e irmã de Frey. Freyja é a deusa do sexo e da sensualidade, da fertilidade, do amor, da beleza e da atracção, da luxúria, da música e das flores. Está também relacionada com a magia e a adivinhação e, ainda, com a riqueza (as suas lágrimas transformavam-se em ouro). Freyja é a líder das Valquírias (condutoras das almas dos mortos em combate).⁵²

Como se pode notar, esta era uma deusa com uma conotação um pouco negativa. A ela ligam-se todos os prazeres carnis e materiais. A Freyja, personagem principal do livro de Nuno Morna, é também uma deusa com algumas características de rebeldia, mas não se assemelha a esta deusa da mitologia nórdica. Nuno Morna criou uma personagem parecida com a deusa da mitologia, apenas recorrendo a algumas características mais positivas, como é o caso da sua vocação para a música e da sua personalidade de líder e de aventureira. Nesta história, talvez esteja, indirectamente, mencionada a sua relação com a riqueza e a luxúria na maneira como esta deusa se sente tentada a descobrir mais sobre o grande astro da cor do ouro, o Sol. Para além desta interpretação, também podemos associar esta deusa, que também era uma estrela, não só

⁵² Nasstrom, Britt-Mari, *Freyja, the Great goddess of the north*, Departamento de História das Religiões Universidade de Lund, Suécia, 1995 in: <http://books.google.pt>

com o significado da própria palavra «estrela», que brilha e sobressai com a cor e o cintilante da estrela, poder e riqueza. Este livro elege toda uma nuvem de misticismo e simbologia e, ao mesmo tempo, ensina às crianças as coisas do universo.

Em quase todos os livros de literatura infantil existe algo que não é real, podem ser lendas ou apenas crenças religiosas. Estas crenças são o mais usual na Madeira, principalmente em zonas rurais.

De todos os escritores de livros direccionados ao leitor criança, aquele que mais me chamou a atenção no uso de lendas e crenças ligadas à religião foi, sem dúvida, Maria Aurora. Nos livros de Maria Aurora aparece, quase sempre, alguma ligação das personagens com a religião cristã ou simplesmente é descrito algum momento que a esta esteja relacionado.

Estas lendas são quase todas relacionadas com a aparição da virgem a pastores, nas serras. A mais conhecida é a do Monte, sendo conhecida a importância desta igreja para os fiéis da região.

Outras lendas, já não tanto no contexto da religião, mas mais relacionadas com o mar e com a pesca, actividade de subsistência de muitos em determinadas épocas, são também mencionadas em alguns livros. No livro *Mimi e os Sapatinhos*, Luiza Clode insere a lenda dos pescadores de Machico num dos seus contos. No livro de banda desenhada de Rui Soares, adaptado do livro do Padre Alfredo Vieira de Freitas, os contos também têm muito de oral e moral em próxima convivência com as tradições e as lendas.

Para além das lendas e provérbios madeirenses por vezes inseridos nos textos infantis, o escritor Octaviano Correia insere nos seus livros lendas e provérbios de tradição africana.

Como o objectivo deste trabalho é apenas dar a conhecer alguns destes momentos e valorizar a sua presença nos livros infantis, o importante é perceber até que ponto a criança interioriza esta presença e em que sentido é que esta a beneficia.

A criança não só fica a conhecer estas figuras e lendas, despertando talvez a sua curiosidade pelo mundo, como estas figuras entram no imaginário da criança e alimentam a sua criatividade.

III. 9. A recuperação da tradição oral no século XXI: o caso de José Viale Moutinho

Os contos de tradição oral assim como os mitos, sagas, entre outros do mesmo tipo, sempre estiveram directamente associados aos estudos folclóricos. É recente o interesse dos estudos literários em relação a esse material, relegado durante muito tempo à condição de produção pouco valiosa.

É no começo do século XX que se começa a dar mais importância a este tipo de conto. Graças à contribuição de disciplinas como a Literatura Oral e Tradicional, houve uma considerável mudança da qual surgirão novas propostas para a interpretação dos mitos e dos contos populares.

A partir do estudo do conto popular na literatura em geral, acabou por ser mais fácil conduzir estas discussões até uma área mais específica, a da literatura infantil. Herdeira das narrativas de tradição oral, a literatura infantil sofreu, como já se sabe, as mesmas ordens de problemas que atingiram a produção oral popular no âmbito da pesquisa académica.

Em Portugal, é com a questão da pátria e do nacionalismo romântico que aparecem os contos e outros tipos de tradições populares recuperados em texto escrito e, conseqüentemente, aperfeiçoados para as crianças, em obras, para dar um exemplo, como as de João de Deus. Na Madeira e entre os escritores na Ilha, os livros infantis com estas características de recuperação das tradições são escassos. Em 1986, Rui Soares, através do livro já publicado pelo Padre Alfredo Vieira de Freitas, *Era Uma Vez na Madeira*⁵³, faz uma escolha de três contos e adapta-os, em banda desenhada, para as crianças. Depois deste livro, aparecem algumas referências a lendas e mitos de tradição popular, como já foi anteriormente referido, noutros livros. Contudo, é só no século XXI, com José Viale Moutinho, que aparecem livros próprios, exclusivos, de recuperação de contos e lendas, mesmo que portuguesas e não específicas da Madeira.

José Viale Moutinho nasceu no Funchal em 1945. Foi escritor e jornalista do *Diário de Notícias* e participou em várias pesquisas sobre diferentes matérias nacionais e internacionais. Recuperar textos é uma das suas facetas, por exemplo, textos esquecidos de Camilo Castelo Branco ou António Nobre. Porém, as suas recuperações não são só de escritores de prestígio, mas também populares: versos, provérbios, cantigas e lendas de tradição oral popular.

⁵³ *Era uma Vez na Madeira, Lendas, Contos e Tradições da nossa Terra*, 2ªed., Funchal, Editorial Eco, 1984.

No século XXI, surgem, então, várias publicações deste escritor com estas características. Estas obras são direccionadas essencialmente às crianças.

Em 2002, é publicado o livro, *365 Histórias: Tradições Populares Portuguesas*, reunindo um vasto número de lendas, provérbios, orações, contos, lengalengas, cantigas, adivinhas num só livro, dando a conhecer à criança antigas tradições orais do país.

Em 2003, este mesmo escritor publica mais dois livros de contos populares portugueses: *Os Dois Fradinhos* e *A Gaitinha Mágica*.

Depois, no ano seguinte, publica mais dois livros, um sobre lendas portuguesas e o outro sobre um conto popular português, são eles: *As Lendas de Misarela* e *A Sopa de Pedra*. No ano 2006, dá à estampa *O Livrinho de Versos para Rir*, conjunto de versos que são anedotas também da tradição oral popular.

Por fim, em 2007, são dados ao prelo livros de adivinhas e provérbios populares com as designações, *A Vassoura 1: as 50 melhores adivinhas da tradição portuguesa* e *A Vassoura 2: os 100 mais úteis provérbios da tradição portuguesa*, e também o livro *O Rapaz de Pedra*, um conto popular.

IV. No entrelaçar das artes

IV.1 O Contributo da Banda Desenhada na Literatura Infantil

A banda desenhada constituiu um forte interesse da criança pela leitura. Como já aqui foi referido várias vezes, a esmagadora maioria das crianças do século XIX não sabia ler ou apenas tinha conhecimentos básicos da língua materna. Assim sendo, não havia razões para escrever livros com histórias muito longas, para os quais não se despertava o interesse público. As crianças tinham, também, muito pouco tempo, pois ajudavam os pais no campo. As primeiras manifestações de literatura infantil encontram-se nos periódicos em forma de poesia e de banda desenhada.

Diz-se, no entanto, que a banda desenhada é uma das formas de escrita que já vem dos nossos antepassados primitivos. Era por meio de desenhos e letras separadas que estes conseguiam comunicar. Inicialmente, no século XV, depois do aparecimento da imprensa, os desenhos continham apenas imagens mais religiosas que eram interpretadas por um comentador específico. Estas imagens direccionavam-se tanto aos adultos como às crianças, pois, efectivamente, nesta altura, não havia distinção entre ambos. Este tipo de literatura, relacionada com a banda desenhada, era conhecida pelo nome de «*colportage*». A banda desenhada, propriamente dita, aparece entre 1827 e 1889, com os jornais e as revistas ilustradas. Embora estes jornais e revistas tivessem aparecido em grande força no espaço continental e não tanto na Ilha, ainda se pode verificar a existência destes na Madeira, mas só em meados do século XX.

O que é afinal a banda desenhada? São desenhos representativos nos quais são utilizadas pequenas tácticas, que fazem com que o leitor perceba se a pessoa está a gritar ou a falar baixinho, ou seja, dão movimento aos personagens dos desenhos. Se, por acaso, o ilustrador quiser representar o cântico usa palavras onduladas como a pauta das notas. As onomatopeias são muito úteis para demonstrar sinais, ruídos... Os livros de banda desenhada dão, então, vida às personagens testemunhando uma actividade entre estas.

Jean-Bruno Renard esclarece a necessidade de a criança ler livros de banda desenhada:

O estudo da banda desenhada não nos esclarecerá simplesmente sobre a sociedade Ocidental e o americano médio, mas sim profundamente sobre o intelecto e sobre o imaginário do homem.(...) «Em vez de um livro "regressivo"», escreve Marc Soriano «é melhor dar à criança uma "boa" banda desenhada, isto é, uma banda bem desenhada e astuciosamente paginada e que, contendo um certo número de "informações" desenvolva simultaneamente nele o espírito crítico e o siso do humor.»⁵⁴

Com estas palavras se começa a ligar a banda desenhada, de algum modo, com a literatura. Os livros, sejam contos ou novelas, podem ser adaptados à banda desenhada ou, se quisermos, pode-se simplesmente pegar numa banda desenhada e transformá-la em narrativa ou mesmo em teatro. Será, com certeza, esta multiplicidade de funções e interligações que faz com que a literatura, hoje em dia, esteja aberta a mais e diferentes conteúdos e mais aberta a novos desafios. Não se pode de todo designar a banda desenhada como literatura, mas, pode-se em muitos aspectos focar a sua importância para a criança. Da mesma maneira que se entende a necessidade dos livros infantis no desenvolvimento da criança, compreende-se que a banda desenhada se relaciona com esse desenvolvimento. A banda desenhada, de leitura e interpretação acessível, faz com que a criança desenvolva a apetência pela leitura desde cedo. Além de que usa e abusa do humor para entreter e da pedagogia e moral para ensinar.

O importante a reter aqui é o facto de ter sido a banda desenhada uma das impulsionadoras do desejo de leitura na criança. A partir dos anos trinta do século XX, no *Diário da Madeira*, reserva-se um espaço próprio ao leitor criança que se designa por "Suplemento Infantil", no qual, das suas duas páginas uma é inteiramente composta por banda desenhada. Num artigo do *Jornal da Madeira*, do dia 2 de Junho de 1986, os livreiros dizem mesmo que o que se vende mais são os livros de banda desenhada. Para comprová-lo, nada melhor do que um livro de banda desenhada escrito e ilustrado por uma criança de doze anos. O livro ao qual me refiro é *Beto e Beta e o seu Cão Popy*, de Marcela Costa, publicado em 1985.

A maioria da banda desenhada vendida era estrangeira. Não nos podemos esquecer que os grandes heróis europeus e americanos infantis, como o Batman ou o Superman, estavam presentes em muitas bandas desenhadas. Contudo, na Madeira eram

⁵⁴ *A Banda Desenhada*, trad. Conceição Jardim e Eduardo L. Nogueira, Lisboa, Editorial Presença, 1978, p.4

famosas também as aventuras de Tintim e dos Três Mosqueteiros.

A banda desenhada era utilizada, por vezes, para expor críticas em todas as áreas. No periódico *Re-nhau-nhau* (1929-1977) utilizava-se muito esta técnica para criticar a sociedade e os chefes de governo da Madeira. Porém, este periódico não é para um leitor infantil. Em 2008, Eduardo Welsh e Emanuel Bento, ligados à política e ao professorado, publicam um livro dedicado às crianças, porém, de pura crítica social. Este livro intitula-se *Os Salteadores da Bananeira Perdida*.

Também em 2008, o Gabinete Coordenador de Educação Artística, em parceria com a Direcção Regional de Educação, lança um livro em banda desenhada intitulado *Matilde e Alexandra num Natal Tradicional*. A autoria do guião é de Tiago Machado, Paulo Esteireiro e Filipa Silva e as ilustrações foram realizadas por Tiago Machado, que contou com o apoio de Rui Camacho/Associação Musical e Cultural Xarabanda, no campo da investigação etnográfica e iconográfica. A edição conta com o patrocínio exclusivo do Funchal 500 Anos. Este livro tem o intuito de mostrar à criança o verdadeiro Natal tradicional da Madeira de maneira simples e divertida. As duas personagens principais, Matilde e Alexandra, também vão descobrir esta tradição madeirense pela primeira vez, pois são filhas de imigrantes e desconhecedoras dos costumes da Ilha.

Com a direcção do mesmo Gabinete e edição de *O Liberal*, é publicado outro livro do mesmo tipo, mas desta feita intitulado *A Viagem Encantada do Manel e do Buginha: Músicos Madeirenses do Século XX*, com guião de Filipa Silva e Paulo Esteireiro e com desenhos de Miguel Ângelo. Este novo livro é *muito didáctico*, contendo a história da música na Madeira. Através das peripécias de um menino que precisa fazer um trabalho sobre a música para a escola e de um cão muito esperto que sabe tudo sobre esta matéria, indicam-se, neste livro, o nome dos grandes músicos madeirenses do século XX, descrevendo os passos destes na história da música na Ilha. O Gabinete de Educação Artística está actualmente ligado à Secretaria da Educação, publicando livros não só de banda desenhada, como relacionados com a música, teatro para crianças ou para escolas em particular. Ao mesmo Gabinete estão associados alguns nomes de escritores de literatura infantil, como é o caso de Cíntia Palmeira, que exerce actividades teatrais neste estabelecimento. A banda desenhada, que tinha sido iniciada em revistas e periódicos no início do século XX, tem agora, na Madeira, continuidade e repercussões positivas para as crianças.

IV.2. *O Teatro e a Literatura Infantil*

O teatro infantil contém dualidades difíceis de serem entendidas e equacionadas. As mesmas perguntas que se fazem para a literatura infantil também são válidas para o teatro dito infantil. A estrutura e os temas utilizados para o teatro adulto podem inserir-se no teatro para crianças. Se estamos a falar em teatro infantil é necessário distinguir faixas etárias e condições sociais? Alguns teóricos levantam a hipótese de que o teatro infantil, assim como a literatura infantil, seriam formas de expressões autónomas, géneros diversos do teatro e da literatura, mesmo depois do reequacionamento dos géneros literários realizado nas últimas décadas.

O certo é que a criança pode escolher uma peça direccionada ao adulto para assistir e interessar-se mais por esta do que por aquelas que são realizadas a pensar no público infantil. Independentemente da idade, a criança é livre de escolher aquilo que a atrai mais e com o qual se identifica. No entanto, quando queremos direccionar algo para a criança é, evidentemente, relevante ter um conhecimento mínimo sobre quais os pensamentos, desejos e inquietações da criança, que também variam dentro da faixa etária.

Já existe teatro na Madeira desde meados do século XVIII, no entanto, as peças que aí eram representadas não tinham um cariz infantil, ou seja, eram peças que não levavam em conta as preocupações e desejos da criança, apenas de um público geral sem distinção de classes etárias. Isto não quer dizer que a criança não acompanhasse o adulto a assistir a algumas destas peças encenadas, como, por exemplo, as comédias, mais adaptadas a esta idade. O teatro realmente direccionado à criança aparece por meio das escolas. É, de facto, no ambiente escolar que se desenvolve o teatro infantil, sendo este tipo de representação considerada indispensável ao crescimento da criança. Hoje, os mediadores percebem o Teatro Infantil como uma forma de expressão artística, suficiente em si mesmo para cumprir a sua função, enquanto arte, e não como um sistema pedagógico auxiliar⁵⁵.

O teatro está intimamente ligado à literatura. Sem texto não pode haver representação. O texto dramático entra, neste caso, em cena, sendo a base para uma boa

⁵⁵ V. Maria Helena KUHNER, (org.) *O Teatro Dito Infantil*, Blumenau, Cultura em Movimento, 2003.

reprodução teatral. É através da escrita usada para estas reproduções que pode, futuramente, ser publicado um livro. O texto pode ter várias formas, ser monólogo ou diálogo, e pode conter diferentes objectivos: moralizador, lúdico ou de evasão, crítico em relação à sociedade do seu tempo ou didáctico.

As peças teatrais acolhem diversas formas representativas, como é o caso do teatro de fantoches⁵⁶ ou o teatro de máscaras. Os fantoches são das mais antigas formas de representação teatral infantil em Portugal. Um teatro de fantoches atrai mais pessoas do que um discurso ou discussão, já que algumas coisas são expressas de melhor maneira por um fantoche do que por uma pessoa. Eles podem ajudar os adultos a pensarem em questões sociais. As pessoas podem achar algumas questões muito embaraçosas mesmo numa dramatização, mas quando os fantoches abordam estas questões, as pessoas relaxam e divertem-se. Os fantoches são muito práticos. Eles podem ser feitos com materiais baratos e simples. O palco pode ser leve e fácil de transportar e uma pessoa pode actuar com vários personagens na mesma história. Os fantoches eram e são muito usados hoje em dia nas escolas e em outros contextos de animação infantil na Madeira.

Após esta introdução, façamos então uma retrospectiva da história do teatro infantil na Madeira, na sua ligação com os textos literários dedicados às crianças. Apesar de muitos destes textos serem inéditos e terem ficado fora das publicações consegue-se, de um modo geral, criar uma cronologia que mostra o seu desenvolvimento.

Maria Margarida Silva, a primeira escritora a publicar algo sobre a literatura infantil na Madeira, refere nos seus escritos o nome de Viterbo Dias, segundo ela, professor e jornalista que escrevia peças de teatro para as escolas. Viterbo Dias viveu entre 1889 e 1956, logo, estas foram, com certeza, as primeiras peças de teatro representadas na Ilha com o objectivo de chegar a um público infantil mais vasto.

Maria do Carmo Rodrigues tem um texto escrito, «A História de João Bem Bom e de João Bem Mau», que em Abril de 2001 chegou a ser representado em Lisboa no Teatro Villaret.

Bernardete Falcão nasceu nos Açores em 1924, mas reside na Madeira desde muito nova. Tem textos publicados na imprensa regional, da Madeira, Açores e Continente, tendo participado em inúmeras actividades culturais ao longo das seis

⁵⁶ São bonecos feitos de diversos materiais e usados como marionetas para representação teatral. Podem também se chamar títeres, bonifrates ou robertos.

décadas que já leva de vida nesta Região. Deu o seu contributo em conferências, colóquios, recitais e até encontros com a população estudantil. É poeta, ensaísta e dramaturga de peças para um público infanto-juvenil, tendo as suas letras alcançado diversos prémios em festivais da canção para crianças. Está incluída nalgumas antologias poéticas, nomeadamente nas organizadas nos Açores por Ruy Galvão e na Madeira por José António Gonçalves. O livro *Andorinha e as Árvores Falantes* publicado em 1983 é a passagem a livro de algumas das suas peças teatrais infantis. Como a escritora estava muito ligada às ilhas, assim como quase todos os outros escritores que tenho vindo a mencionar, é normal que pusesse em primeiro plano nestas peças a natureza e os animais.

Por outro lado, alguns livros infantis, como é o caso do livro *A Bruxinha Matilde e o Elefante Verde*, de Isabel Fagundes, para além de conterem a narrativa habitual também contêm, no final do livro, uma transformação desta mesma narrativa em texto dramático, pronto a ser representado. Existe, portanto, entre alguns escritores, uma mentalização para a relevância da necessidade de introdução do teatro no tempo da infância. Existe, ao mesmo tempo, uma conexão entre a literatura e a representatividade dos textos.

Recentemente, o livro *Colecção no Palco - Teatro para Crianças* (1995), da autoria de Lígia Brazão, recupera textos escritos em anos passados que serviram para encenação teatral nas escolas da Ilha. Este livro tem vários volumes com os títulos: *Pretensa Opereta Os Gatos Janotas; Alegoria à Primavera; João Pateta; Hoje Há Fantoches; A Princesa Feia; Frei João Sem Cuidados; A Cabacinha e o Lobo; Macaco do Rabo Cortado; A Força das Cores e Magia das Formas; Sopa de Pedra; 12 de Abril - Plena Primavera e D^a. Rata Sábia*. Esta colecção recupera também textos relativos a contos tradicionais.

Os textos desta obra não são apenas da autoria de Lígia Brazão, sendo alguns de Irene Salomão, professora do ensino primário com muitas participações no festival da canção infantil e poesias escritas.

Lígia Brazão escreve o seguinte, na sinopse que faz a estes livros:

Espero que “No Palco – Teatro para crianças”, seja um bom incentivo para novas encenações com adultos, jovens e, até mesmo com crianças. A forma como a obra está estruturada, com histórias escritas e em

suporte áudio, informações ao nível de cenários, guarda-roupa, adereços e sua confecção, fotografias de encenações anteriores, a que se juntam os play-backs e partituras das músicas, é, certamente, um elemento facilitador de novos trabalhos, que podem utilizar diferentes técnicas, incluindo os fantoches.

Relativamente às crianças, espero que a rima, o ritmo, os temas e as ilustrações das histórias, sejam bons ingredientes para o desenvolvimento do gosto pela leitura, pelo texto dramático, pela dramatização e pelo teatro.

Como digo na “Nota introdutória”, que a obra sirva a muitos e acrescento: que, de uma forma lúdica, divertida, mas séria, possa contribuir para novas aprendizagens inter e transdisciplinares.⁵⁷

Nestes termos, estou ciente ao afirmar que não deve haver um estudo da literatura infantil sem abarcar esta relação que a literatura estabelece com outras formas de arte como é o caso do teatro, que a enriquece.

IV. 3. A música e literatura infantil

A criança pode ler, simplesmente, um livro, mas, se este livro for escrito com características rítmicas, vai, a todos os níveis, aliciar mais a criança a lê-lo. Quando se refere características rítmicas entende-se os versos poéticos que ao serem lidos se assemelham a uma canção. Este capítulo foi aqui introduzido para sublinhar a relação que os textos literários têm com outras artes como o é a música. A introdução desta arte é extremamente importante no crescimento da criança. A música tem poderes de despertar sentimentos essenciais ao mundo da criança como são exemplo as canções de embalar.

Nos textos direccionados a um ouvinte específico, como o é a criança, é comum encontrarmos palavras ou frases com compreensões puramente musicais, sob uma multiplicidade de figurações e cobrindo-se de diversos significados, funcionalidades e valências expressivas. No contacto com os livros para crianças, somos, pois, envolvidos

⁵⁷ Ver no site da Direcção Regional da Educação in: <http://www.madeira-edu.pt/tabid/2226/language/pt-PT/Default.aspx>

por melodias, em variados ritmos, aparecendo indirectamente na leitura do texto ou difundidas por instrumentos, ou até dispostas na voz de uma personagem, encerrando a possibilidade de se tornarem numa cadeia de sons cuja harmonia descende da escrita estética. Tanto nas produções de livros infantis como na literatura em geral, a música e as letras ou o texto estão numa grande maioria de vezes inter-relacionados. Estas duas artes têm laços que se concretizam quer nas recolhas do património oral, tantas vezes vivificado pela voz das crianças, até às rimas infantis, quer na poesia de autor até à referência explícita em títulos, quer ainda na presença de instrumentos animizados nos contos, à incidência puramente simbólica do motivo musical, à relação da música com a natureza, à recorrente introdução de canções em textos dramáticos, entre muitas outras.

Nos livros de Francisco Fernandes, *A Madalena descobre o Basquetebol* e *O Diogo Quer Ser Futebolista*, o texto está disposto no papel de forma ondulada para dar a ideia de movimento ritmado, ao mesmo tempo usam-se onomatopeias para representar sons como o da bola ou o do apito ou simplesmente o da euforia dos espectadores do jogo.

Outra forma de representação musical, em alguns livros, é descrita pelos sons entoados pelos animais, especialmente pelos pássaros ou, por vezes, pelas próprias personagens. Freyja cantava tão bem que podia mover mundos com as suas canções, *o Universo parou de crescer durante aquele momento (...), sentiu-se revigorar*. Fica aqui patente o poder da música. Este poder está também associado com a natureza. Tal como os pássaros entoam sons e formam uma melodia, também outros elementos da natureza podem, através dos seus movimentos, formar uma melodia.

O som do mar é um exemplo muito característico nos livros de literatura na Madeira, que apresenta várias melodias conforme as ocasiões. O mar pode estar calmo ou revolto. O vento e as plantas também fazem sons. Para a criança, saber ouvir a natureza é como um dom.

Nos livros que falam da história da Ilha, é evidente que aparecem sons como os das espingardas ou gritos de um aglomerado de pessoas, apesar de serem sons pouco positivos são essenciais para a percepção destes momentos.

Outras músicas mais reais das quais apenas é feita referência, são as músicas tradicionais madeirenses. No livro de Maria Aurora, *Uma Escadinha para o Menino Jesus*, é mencionado o «bailinho», música tradicional normal na época de Natal. Por outro lado, no livro de Octaviano Correia, *O Menino dos Olhos Azuis de Água*, o escritor associa uma das personagens a um instrumento típico madeirense, a

«braguinha».

A música é, desta feita, parte integrante nas nossas vidas. Encontram-se sons e referências a instrumentos e a músicos em vários livros. Contudo, é o Gabinete Coordenador de Educação Artística o principal responsável por publicações de índole musical. Este gabinete é autor de livros como *A Viagem Encantada do Manel e do Buginha: músicos madeirenses do século XX*; *Cantarolando...canções temáticas para os mais pequeninos* e, ainda, outros livros pedagógicos próprios para aulas de música nas escolas. Estes livros são compostos por texto, por vezes acompanhado de pautas musicais, e vendido em conjunto com CD. Porém, não são só os livros deste gabinete que contêm pautas musicais, já que o livro *Vamos Cantar Histórias* de Maria Aurora também contém versos e pautas musicais para além dos contos. Assim, denota-se que muitos escritores percebem a importância da música na infância.

Não querendo prolongar muito este tema, finaliza-se fazendo referência a alguns nomes e poemas do universo cultural da Ilha anunciados através da música, no Festival da Canção Infantil da Madeira.

Mais uma vez se deve fazer referência ao nome de Maria Margarida Silva, pois esta dá-nos informações relevantes sobre várias matérias relacionadas com a literatura infantil. No seu livro, a escritora refere nomes de poemas de Luiza Helena que foram, a partir de 1984, musicados para o Festival da Canção Infantil. São estes: «A flor amarelinha»; «Estrelinha vem daí»; «O palhaço branco»; «Flor-Borboleta», que ganhou o primeiro prémio em 1985, entre outros. Para além desta conhecida escritora, também outros autores escreveram poesias que foram usadas em canções do festival, como é o caso de Irene Salomão, Irene Lucília ou Lígia Brazão.

A música representa, então, outra forma de arte inteiramente relacionada com a literatura, tal como o teatro e a banda desenhada. Existe música no texto, de variadíssimas formas, ou alguns poemas são mesmo pensados para serem cantados.

V. As Personagens nos Livros para Crianças: retratos de um mundo em mudança

Na literatura infantil, tal como na literatura em geral e em qualquer outra forma de arte que use o texto narrativo ou dramático como base, a personagem principal ou as personagens têm um papel essencial na criação do texto e no desenrolar do mesmo.

Num texto, as personagens podem ou não estar identificadas. Por vezes, as personagens são, até, descritas ao pormenor. Estas personagens podem ser humanas, animais ou objectos com características humanas ou, ainda, personagens fictícias. A personagem principal nos textos para crianças é, na generalidade, uma criança. O uso de um personagem infantil nos livros de literatura infantil faz com que a criança se identifique com este e aprenda ou se divirta com ele.

Nos textos, tanto narrativos, como poéticos ou dramáticos, podem existir personagens ligadas ao bem como outras contrárias, ligadas ao mal. Esta diferença era visível nas histórias de tradição oral popular. A necessidade do ensino da moral à criança fazia com que os escritores usassem na maioria das vezes duas personagens, uma que realizava más acções e outra que realizava boas acções e era gratificada por esse comportamento, para persuadir as crianças à adopção de boas maneiras. Estas boas práticas estão muito relacionadas com a religião e a forte crença cristã da população. Desta feita, conseguimos perceber o paralelismo entre a publicação de livros com conteúdo puramente moral e o número de crentes na religião cristã, em diferentes épocas, na Ilha.

Nos primeiros anos do século XX, os livros infantis editados têm como referência primária, a família e a religião, e em alguns casos, os animais e a natureza, indispensável numa acção passada na Ilha. As personagens destes livros mostram, assim, as referências da sociedade da época. Não é ainda aqui que a criança é colocada em primeiro plano. O pano de fundo destas histórias é a aquisição de valores por parte da criança inserida numa determinada família.

Os três livros de Laura Veridiano de Castro Almeida Soares, *Em Casa da Avó na Ilha da Madeira*; *O Querido Tio Gustavo* e *Como a Chica Conheceu Jesus*, tendo em conta que esta escritora não nasceu na Madeira, mas viveu na Ilha muitos anos, são o retrato quase que perfeito da sociedade dos anos 20 e 30 do século XX. Para além de a

acção se passar na Ilha, também algumas das personagens destes livros são a revelação da personalidade e mentalidade dos madeirenses nestes anos.

A obra *Em Casa da Avó na Ilha da Madeira* introduz a mistura de várias identidades num só local, os lisboetas, os madeirenses e os ingleses. Contudo, esta inserção é apenas uma tentativa de representação de pessoas de outros locais com os quais os madeirenses tinham de viver diariamente, devido ao poderio destas na Madeira. Nos seus livros, a família é o mais importante, tanto que as personagens entrelaçam-se. O tio e o primo e a avó e a irmã são palavras que aparecem antes do nome próprio para reforçar a ideia dos laços parentais. Ao mesmo tempo, a avó apesar de estar quase inactiva na história é, com certeza, a figura principal desta.

Por outro lado, esta escritora usa episódios religiosos para ensinar a moral e os bons costumes à criança, os quais dão um encantamento frutífero ao texto. Aparecem nestes textos imagens imaginárias de interesse para a criança. Estas mesmas características verificam-se nos outros livros ou textos infantis até 1950. Portanto, a centralização dos textos infantis da primeira metade do século XX está na família, com segundo plano para a moral, a religião e a natureza.

A partir de 1950, os livros infantis passam a centralizar-se na criança e no seu universo. A personagem principal é uma menina ou um menino em torno do qual gira toda a acção. Bons exemplos de livros ou textos em que a personagem principal é uma, e uma só criança são *Camélias Brancas*, «Mimi e os Sapatinhos» ou *Ser Criança*. No livro *Camélias Brancas*, de Maria do Carmo Rodrigues, também está presente a figura do avô, mas a acção centra-se em Rosalina.

Rosalina é o espelho das crianças mais pobres da Ilha. Esta menina, apesar de não ter nascido em «berço de ouro», como se costuma dizer, é uma criança com uma grande humildade e não será em vão que Maria do Carmo Rodrigues a associa às camélias brancas, que representa pureza e inocência. Quem era afinal Rosalina? A escritora descreve-a da seguinte forma:

Camélia branca na mão, Rosalina sorria. Sorriso nos olhos dourados igual a uma pétala branca a voar para o Sol. Rosalina era o nome da menina de saia encarnada. Mas uns chamavam-na Rosa, outros Rosinha, outros Rosita [...] Rosalina vivia na ilha da

*Madeira, numa ruazinha estreita e íngreme do Funchal.*⁵⁸

Rosalina é descrita apenas pelo seu sorriso e pela sua saia encarnada, relevando a escritora neste retrato a importância do interior e não do exterior de uma pessoa. Dois traços simplesmente são necessários para referir a candura desta personagem. Agostinho Cardoso afirma, num artigo do periódico *Voz da Madeira*, do dia 16 de Maio de 1973, que *é no desenhar das suas personagens infantis que Maria do Carmo Rodrigues é superior. Cada uma tem uma personalidade nítida, lógica, actuando ao longo da novela e reagindo sempre coerentemente em ordem a ficar bem caracterizada e conhecida do leitor quando acaba de ler o livro.* Alice Gomes acrescenta que os livros de Maria do Carmo Rodrigues incidem na vida quotidiana das crianças da ilha da Madeira.⁵⁹

Em «Mimi e os Sapatinhos», do livro com o mesmo nome, Luíza Helena Clode centraliza a acção na pequena Mimi, a personagem principal do conto. Aqui também se faz referência à família, chegando mesmo o texto a conter algumas personagens secundárias dessa esfera, porém, a personagem central é sempre a criança. Mimi é descrita logo no início do texto, mas, neste caso, com uma descrição mais pormenorizada.

*A Mimi tinha três anos. Morena, de olhos escuros e longas pestanas. O cabelo preto, liso e comprido. Usava franja e umas vezes, para prender os cabelos, laços de fitas. (...) O nariz de Mimi era arrebitado o que lhe dava muita graça e um ar agarotado. Os olhos, duas fendas compridas e escuras, quando ela ria, o que contrastava com a boquinha rosada de dentes muito brancos.*⁶⁰

A sua descrição assemelha-se à descrição de uma criança madeirense típica. Contudo, esta criança deixa de ter traços de pobreza e humildade e passa a descrever uma criança com mais regalias e, talvez por essa razão, mais rebelde.

Entre 1950 e finais do século, os livros infantis têm como personagem principal a criança e descrevem tudo o que está ou deve estar ao seu redor, como é o caso dos animais, da natureza e da família. Os próprios títulos dão-nos conta desta realidade. A

⁵⁸ Rodrigues, Maria do Carmo, *Camélias Brancas*, Funchal, Edição Ilhatur, 1980, p. 7

⁵⁹ *A Literatura para a Infância*, Lisboa, Torres & Abreu, 1979

⁶⁰ Clode, Luisa Helena, *Mimi e os Sapatinhos*, Ilhatur, Funchal, 1979, p. 7

Mimi e os Sapatinhos ou *Camélias Brancas* ou *Histórias que o Vento Conta* são títulos de livros que nos conduzem a uma acção inteiramente relacionada com o natural. Por outro lado, *Os Anjos Descem*, *Ser Criança* e também *Mimi e os Sapatinhos*, são títulos sugestivos para uma leitura concentrada na criança e nas suas duas possíveis personalidades, a de inocente e a de rebelde.

Nesta segunda metade do século XX, mais precisamente nos anos 80, é introduzida nas histórias infantis a personagem negra e o índio. Maria do Carmo Rodrigues numa das suas obras infantis ensina à criança os costumes de outra cultura, a indígena. Esta escritora esteve no Brasil e percebe bem a realidade do país. Aí, misturam-se várias nacionalidades como a africana, a indígena e a nativa, brasileira. Talvez por esta razão, a escritora madeirense introduz tanto o negro como o indígena nos seus livros. *Sebastião, o Índio* é o livro que faz referência aos costumes indígenas. A personagem deste livro é de nacionalidade portuguesa, mas, ao ler muitas histórias sobre índios, sonha um dia poder ser como eles. Este menino, Sebastião, sonha a liberdade e associa-a a este povo da América. A caracterização desta personagem faz-se então em prol da maneira de ser e de estar do índio, de maneira muito geral. Sebastião é corajoso e aventureiro e por essa razão recebe, no fim da novela, uma pena de águia pela sua bravura. A outra obra desta autora em que aparece a personagem do negro só é publicada em 2005.

A personagem negra aparece, pela primeira vez, no livro do madeirense António Manuel de Castro, *Ser Criança*, em 1988. Este livro é um livro de poesia que contém um dos mais bonitos poemas sobre a diferença de cores. O poema «Abraço», já citado anteriormente na parte da educação intercultural, é um poema com várias personagens. Estas personagens, apesar de não terem voz activa, comunicam através de simples movimentos descritos pelo poeta. Neste poema, entram em contacto duas mães com os seus filhos. Uma mãe é de cor negra e a outra é de cor branca e os filhos também. A personagem negra é aqui pouco descrita, o que se tenta é educar a criança para a diferença. António Manuel de Castro passa uma mensagem ao leitor: a de que duas pessoas podem ter cores diferentes, mas, sentem e comunicam de igual forma.

No livro *Sopa de Letras* de António Barroso Cruz, de 2006, existe um conto com o título «O menino que parecia diferente». Este conto situa e descreve a personagem negra para que a criança compreenda o seu mundo e perceba que não é na cor e no aspecto físico que reside a personalidade da pessoa. Este menino tinha um aspecto diferente, mas, por fim, gostava das mesmas coisas que o menino branco.

Lá longe, num continente chamado África, nasceu um dia um menino que parecia diferente. O menino tinha uma cor de pele mais escura, entre o castanho e o preto. O menino tinha um cabelo com caracóis muito pequeninos e difíceis de desfazer. O menino, que parecia diferente, tinha uns olhos maiores e mais rasgados do que os meninos de pele branca, esse menino que tinha dentes tão bonitos e tão brancos que sobressaíam por entre a sua pele escura. (...) Até na fala a sua língua era diferente da minha.

Outro livro mais recente contendo, mesmo que não que a personagem não seja a principal, apresenta o negro em *Francisco e o Segredo da Floresta*, de 2009. Neste livro, Isabel Fagundes não só refere o negro, como também refere outras personagens de diversas nacionalidades, como a chinesa e a indígena, fazendo uma breve descrição destas. Neste livro, as várias personagens de diversas culturas, representadas pela figura fictícia do gnomo, juntam-se para encontrar o lugar perfeito, a floresta mágica. O negro neste livro é descrito como, *um gnomo com uma cor diferente e com cabelo muito encaracolado.*

Quem melhor do que a criança para começar a valorizar todas as culturas no mesmo grau de importância. Contudo, durante muito tempo o negro foi menorizado, mesmo na literatura infantil. Temos como exemplo a apresentação da ideia de beleza clássica e universal através da descrição física e psicológica de Branca de Neve, ressaltando os aspectos físicos e culturais da raça ariana.

Entre os escritores na Madeira, o que mais releva as diferenças culturais e busca apresentar à criança madeirense o africano e a sua cultura é, com toda a razão, Octaviano Correia. Os seus livros são publicados na Ilha a partir dos anos 80. *Amizade de Leão não se faz com Traição* é uma obra que recupera tradições e lendas africanas ao contar histórias do continente negro aos mais pequenos. As personagens são animais e não humanos. Este escritor não refere o negro directamente nas suas obras, mas conta histórias do povo africano e, em alguns livros, aparece a ilustração do negro. O livro deste autor mais crítico em relação à discriminação injusta relacionada com o negro é *O Reino das Rosas Libertas*. Neste livro, Octaviano Correia denuncia a escravidão e valoriza a liberdade para todos os humanos, sejam eles de cor ou não. Esta denúncia faz-se de modo ameno, com o intuito de não ferir os sentimentos da criança.

Depois desta introdução do “outro” na literatura infantil no fim do século XX, também nestes anos sobressaem, de forma mais activa, os animais como personagens principais do texto. A criança deixa, novamente, de ser o objecto central do texto e passa-se a focar o seu universo e educação.

No início do século XXI, para além do foco nos animais e na educação e universo da criança, os escritores entram cada vez mais no imaginário da criança e buscam personagens fictícias para as suas histórias. Por outro lado, a história da Madeira entra na temática dos livros infantis, com objectivo pedagógico, e aqui aparecem personagens com estes intuitos.

O certo é que desde o ano 2000, os livros começam a ser mais vendidos e para variados leitores. Por esta realidade, o número de temáticas e de personagens diversifica-se. As personagens, neste caso, são o espelho de uma sociedade de consumo. Existem tantos personagens do irreal, como personagens adultas, que ensinam as crianças, ou até animais como personagens principais. De 2000 a 2010, foram publicados mais de 50 livros, coisa extraordinária se tivermos em conta as publicações do século anterior.

De todas os personagens principais deste início do século XXI, sendo eles animais, bruxas ou crianças, há um traço característico em todos eles. Mesmo com diferenças físicas, estes personagens são iguais a nível psicológico, pois foram criados com um só objectivo geral na sociedade deste século. A sociedade madeirense do século XXI vê a criança cada vez mais como o homem do futuro e aposta nela para manter a beleza e naturalidade da Ilha, bem como as suas tradições. Por esta razão, verifica-se o uso das temáticas da ecologia, da história e da inserção dos animais típicos da Ilha em alguns livros. Para que a criança entre na realidade da Ilha, alguns livros continuam a fazer referência ao negro, não como figura principal, mas também a outras nacionalidades usuais na Ilha, como é o caso da russa.

Maria Aurora Homem é a escritora mais assídua nestes dez anos. Tem por cada ano um livro escrito. Esta escritora afasta-se um pouco dos outros nos seus textos, devido às temáticas religiosas. Esta escritora, ao contrário de muitos desta época, para descrever a Madeira antiga e a história da Ilha busca a religião como base dos seus textos. Para além de que faz uso constante do encantamento associado a alguns costumes e figuras religiosas para tornar a história mais cativante. A criança é a personagem principal em quase todos os seus textos, a criança com personalidade típica do madeirense da época. Quando conta, por exemplo, a história de Pedro Pesquito faz

uma descrição da criança com base na criança de Câmara de Lobos e quando conta a história de João, em *Uma Escadinha para o Menino Jesus*, descreve uma criança pobre e humilde, a criança do campo.

Por outro lado, a inserção de figuras que vêm da tradição oral popular nos livros para crianças, como é o caso das bruxas, das fadas e até do Pai Natal, também é frequente nos livros do início do século. Como exemplo podemos referir: *Alguém Avisou o Pai Natal?* de Francisco Fernandes ou *A Bruxinha Matilde e o Elefante Verde* de Isabel Fagundes ou, ainda, *A Fada Íris e a Floresta Mágica* de Maria Aurora. Esta recuperação da tradição oral também dá-se através da recuperação de contos e lendas populares por José Viale Moutinho. As personagens destes livros também são, na maioria das vezes, imaginárias.

Nos livros que pretendem divulgar a história da Madeira à criança, as personagens são crianças ou adultos com uma particularidade, o interesse por aprender ou ensinar. A criança quer aprender de forma menos aborrecida e o adulto narra os episódios históricos com emoção. João Gomes do Gato, por exemplo, tem mesmo o nome de uma figura da história madeirense, João Gomes, que deu nome a uma Ribeira no Funchal. Esta personagem é muito curiosa e, ao ver as dificuldades e ignorância da sua família, deseja ser e conhecer mais. No entanto, a narrativa não se centra na criança, mas no que a rodeia, nos seus desejos e educação.

A criança deixa de ser o centro da narração, mas passa a ser um leitor mais dedicado e atento, logo, é necessário aperfeiçoar a escrita. No contexto escolar, através da ajuda dos professores, as crianças passam de simples leitores a escritores. Nestes anos, publicam-se também livros escritos e ilustrados por alunos de algumas escolas da Ilha, com a supervisão dos respectivos professores. Quem melhor do que as próprias crianças para saberem o que querem ler. São exemplos os livros *Um Tanque de Histórias* da Escola Tanque de Santo António, publicado em 2006; *A Formiga e o Arco-íris* da escola EB1 de São Vicente, publicado em 2008; o livro *A Magia da Poesia* da escola EB1/PE de Santa Cruz, publicado em 2008 e *Histórias a Várias Mãos*, da escola Básica e Secundária Dona Lucinda Andrade, do projecto Baú de Leitura, publicado em 2009. Estes livros são muito variados a nível de género literário, pois têm vários autores, contudo, é a criança quase sempre a personagem principal.

Como podemos denotar, as personagens são a chave para chegar à narração pretendida. Se queremos falar de história, temos de inventar uma personagem séria e outra mais curiosa e aventureira. Se queremos falar da natureza, nada melhor do que

uma personagem deste meio, um animal ou uma planta. Se queremos, por outro lado, abordar o tema religioso, nada melhor do que uma personagem que se encaixe neste encantamento e moral. As personagens são a imagem do texto e são aperfeiçoadas conforme o que o escritor quer transmitir ao leitor. As personagens são também, como já se constatou, fruto de mentalidades e da sociedade de determinada época ou até fruto da imaginação e das vivências dos escritores.

Segundo palavras de Khéde, estudiosa brasileira na matéria de personagens da literatura infantil, resumindo de certo modo o que referi neste ponto,

Na Antiguidade clássica os contos tradicionais eram, na maioria dos casos, representados por adultos com função moralizante de educar, corrigir e zelar pela formação das crianças, e, por isso, modelos fechados de heróis, anti-heróis ou vilões que misturavam realidade e fantasia, de modo a atender aos interesses da sociedade de uma época.

e,

Cumprindo a função literária de simbolizar o real, a infanto-juvenil contemporânea pode apresentar personagens e fragmentações múltiplas, ambivalentes e relativizadas, por configurarem uma sociedade transformada ou em transformação, que busca sua identidade social e a desconstrução de valores estereotipados pela sociedade burguesa de outrora.⁶¹

A literatura infantil pode juntar magicamente na mesma personagem a criança e o adulto, ou o adulto que se lembra de si como criança e se identifica com ela: é um nós maravilhoso, porque liga o mundo e faz das preocupações e alegria de uns as alegrias de todos. Veja-se, como exemplo, Diana Pimentel, no livro já anteriormente citado:

Num instante crescemos e já podemos ver as pessoas perto dos nossos olhos [...]. E assim sabemos a alegria de estar aqui e agora. Olha!

O apelo final explica tudo: a atenção ao mundo deve ser de todos, do

⁶¹ Khéde, Sónia Salomão, *Personagens da Literatura Infanto- Juvenil*, São Paulo, Ática, 1986, p.34

“nós”.

V.1. Outros Esboços: Ilustração e Ilustradores

Ilustrar um livro é criar imagens representativas da história presente no texto do livro, através das personagens, do local ou da própria acção em si. De todos os livros infantis da Madeira, apenas uns quantos escassos, do início do seu aparecimento, não continham ilustração. Estas imagens representativas são uma parte integrante do livro e, se o estamos a analisar, temos de o analisar como um todo. A ilustração, segundo livros de história, tem o seu começo há muitos anos atrás, dois mil anos, quando os egípcios desenhavam para transmitir os seus costumes e crenças religiosas, por exemplo, no chamado «livro dos mortos».

As primeiras ilustrações que apareceram em livros infantis foram os desenhos das fábulas de Esopo. Com o tempo, outras ilustrações foram surgindo, direccionadas, directa ou indirectamente, à criança. As ilustrações seguem o rumo da literatura infantil. Se, de início, os livros aos quais as crianças tinham acesso eram os dos adultos, eram essas as ilustrações que estes contemplavam. Depois, aparecem as ilustrações dos livros de ensinamentos religiosos. A verdadeira ilustração pensando na criança acompanha o aparecimento da literatura infantil. Nestes desenhos será, com certeza, de extrema necessidade saber quais as técnicas a usar para não descurar a interpretação e imaginação criativa da criança sobre o texto. Há quem diga mesmo que a ilustração, por vezes, minimiza o texto. Daí a importância na escolha do ilustrador para o livro escrito.

Na Madeira, todos os livros para crianças são ilustrados. Alguns livros são considerados infanto-juvenis e, nesse caso, podem ou não conter ilustração no seu interior.

Tal como nos livros em geral, também nos livros para crianças percebe-se um progressivo crescimento a nível das imagens. Enquanto nos séculos XIX e início do século XX, as ilustrações eram muito simples, nos finais do mesmo século e no século XXI deparamo-nos com uma extravagância e simultaneamente com um extremo rigor nas ilustrações. A partir de determinado momento, começa a haver diferentes tipos de ilustrações e um variadíssimo rol de ilustradores.

Com o aparecimento de escolas de arte, os artistas tornam-se cada vez mais aptos e inovadores. São usadas várias técnicas de ilustração com determinados objectivos em relação ao texto e consegue-se perceber claramente diferentes correntes artísticas nas

ilustrações do século XXI.

O primeiro livro de literatura infantil editado na Ilha, a *Selecta de Poesias Infantis*, tinha a acompanhar as suas poesias algumas imagens. Estas imagens eram de pequenas dimensões e apareciam no início do poema ou entre versos. Consoante palavras de Henrique Freire, estas imagens eram gravuras e não ilustrações, contudo, acompanhavam o texto. Encontram-se neste livro gravuras de animais, da criança ou centradas em símbolos da pátria ou da religião cristã, como nos mostram as gravuras 1 e 2 que se seguem.



Ilustração 1: Gravura



Ilustração 2: Gravura

Os outros livros de literatura infantil da primeira metade do século XX também

faziam uso das gravuras para uma representação imagética do texto. O livro de Laura Veridiano de Castro Almeida Soares, *Em Casa da Avó na Ilha da Madeira*, é um bom exemplo. As gravuras deste livro são da autoria de Emanuel Vitorino Ribeiro. Emanuel Vitorino Ribeiro era um artista plástico, natural do Porto, e filho do conhecido pintor Joaquim Vitorino. Viveu na Ilha durante algum tempo e participou em alguns jornais da cidade do Funchal. Para além de artista, era também escritor. Escreveu, por exemplo, em 1915, um opúsculo intitulado *Terra! Terra!* alusivo à descoberta da Madeira, com a colaboração de Feliciano Soares.⁶²

A diferença entre gravura e ilustração está na maneira como a imagem é tratada pelo artista. A gravura provém primariamente de um desenho livre, mas acaba por ser apenas uma cópia. Segundo Mario Andriole,

*De um modo geral, chama-se gravura ao múltiplo de uma obra de arte, reproduzida a partir de uma matriz. Mas trata-se aqui de um reprodução "numerada e assinada uma a uma", compondo desta forma uma edição restrita, diferente do "poster", que é um produto de processos gráficos automáticos, e reproduzido em larga escala sem a intervenção do artista.*⁶³

A ilustração é, por sua vez, fruto da imaginação e criação livre e espontânea do artista.

A partir da segunda metade do século XX e com o aparecimento do periódico *A Canoa*, as imagens que acompanham o texto infantil deixam de ser meras gravuras e passam a ilustrações.

Os primeiros desenhos em livros, exceptuando os que foram retirados do periódico *A Canoa*, foram realizados por Eugénia Noronha e Constança Lucas, nas obras de Maria do Carmo Rodrigues, *Dona Trabucha, a Costureira Bucha e O Vencedor*. Estas obras foram publicadas primeiro no Brasil e depois em Portugal, por essa razão têm ilustradores diferentes. A segunda edição de *O Vencedor* tem uma ilustradora diferente da primeira edição. Tanto Eugénia Noronha como Constança Lucas

⁶² Silva, Padre Fernando Augusto; Meneses, Carlos Azevedo de, *Elucidário Madeirense*, vol. III, 2ªed., DRAC e SRTC, Funchal, 1984

⁶³ Mauro Andriole é artista plástico, estudioso de filosofia, sobretudo de temas que convergem para a ciência e a metafísica. Nasceu em 16 de Janeiro de 1963 em São Paulo, no Brasil e viajou para Portugal em Dezembro de 2006, instalando-se na cidade do Porto, onde residiu por quatro meses, vindo a estabelecer contactos com artistas portugueses.

são artistas, uma mais ligada à área educativa e outra mais virada para a área artística pessoal e colectiva. Constança Lucas é uma ilustradora portuguesa nascida em 1960, mestre em poéticas visuais pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Realizou diversos cursos de artes plásticas, literatura, fotografia e de história da arte, em museus e instituições culturais e participou de várias exposições colectivas assim como individuais, desde o início da década de oitenta, em diferentes países (Portugal, Espanha, Bélgica, Checoslováquia, França, Hungria, Itália, Japão, Argentina, Alemanha, Austrália e Brasil). É autora de vários desenhos publicados em jornais, revistas e livros.⁶⁴

A primeira ilustradora nascida na Madeira que inicia os seus desenhos em livros para crianças é a também escritora Irene Lucília. Esta artista licenciou-se em pintura pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa e integrou várias colectivas de pintura tanto na Madeira como nos Açores. Irene Lucília ilustrou não só os seus próprios textos como os de outros escritores. Ainda no século XX, devemos fazer referência a outra ilustradora, um nome conhecido, mas que apenas ilustrou um livro de literatura infantil. Dina Pimenta é a artista madeirense escolhida por Maria do Carmo Rodrigues para ilustrar os seus livros *Camélias Brancas*, em 1980, e *Sebastião, o Índio*, em 1982. A imagem 1 mostra o tipo de desenho desta artista e das primeiras ilustrações de madeirenses em livros infantis.

⁶⁴ Retirado da página da internet da própria artista in: <http://www.constanca.lucas.nom.br/Biografia.htm>



Ilustração 3. Da autoria de Dina Pimenta (retirada do livro *Sebastião, o Índio* de 1982)

Esta artista licenciou-se no ISAPM e exerceu actividades como professora na Escola Secundária Francisco Franco. No panorama artístico, desde 1980, tem estado presente em projectos individuais e colectivos e foi distinguida com alguns prémios.

As primeiras ilustrações que apareceram nos livros infantis na Madeira eram ainda muito peculiares. Os desenhos podiam ocupar uma folha, assim como podiam ser desenhos pequenos colocados entre o texto ou ao lado deste.

A cor destes desenhos era baça e eram, geralmente, usadas poucas cores para colorir a imagem. Estas imagens tinham como objecto principal, centrado ou em primeiro plano, a criança.

Estes desenhos eram ainda pouco rigorosos e muito associados à ideia de desenho como mera representação da história, ou mais especificamente, da personagem principal do texto.

Alguns anos mais em frente, a ilustração infantil passa a ter um conceito muito mais alargado e uma visão muito mais subjectiva. Com a criação de escolas específicas no ensino das artes, os artistas iniciam uma fase muito mais frutífera nas ilustrações dos livros infantis. Em conjunto com a vocação, os artistas aprendem a história da arte e começam a fazer uso de novas técnicas e meios para criar desenhos num livro infantil. Por outro lado, com o desenvolvimento do estudo sobre o crescimento e necessidades da criança, o artista começa a ter cada vez mais bases para a sua criação artística. O

Instituto Superior de Artes Plásticas da Madeira (ISAPM) aparece só após o 25 de Abril, contudo, em Portugal já existiam escolas superiores de artes.

Exceptuando Irene Lucília, Dina Pimenta e Eleutério Mota, artista plástico que ilustrou a obra de Octaviano Correia *Histórias com Gente Dentro*, os ilustradores madeirenses presentes em livros infantis só sobressaem no século XXI, com licenciaturas tiradas não só em escolas nacionais, como na Universidade da Madeira.

O ilustrador mais recorrente nos livros infantis na Madeira foi José Nelson Pestana Henriques. Este artista nasceu em Câmara de Lobos em 1982, logo, um artista recente e licenciado pela Universidade da Madeira em Arte e Design, variante Design Projectção. Ilustrou vários livros infantis de escritores madeirenses e não só. Obras como *A Biblioteca Misteriosa do Tio Serafim*, de José Augusto Maia Marques, e *Uma Amiga Com Mil Anos*, de Teresa Fonseca, quase todos os livros de Maria Aurora, e o livro *A Bruxinha Matilde e o Elefante Verde*, de Isabel Fagundes, foram ilustradas por Nelson Henriques. Maria Aurora faz mesmo questão de colocar, no fim dos seus livros, a sua biografia.

Para além de Nelson Henriques, outros artistas conhecidos na sociedade madeirense também se dedicaram a ilustrar pelo menos uma obra de literatura infantil. Helena Berenguer nasceu em Machico em 1972 e licenciou-se em Design de Projectção, no ISAD, na Madeira. Faz, actualmente parte do Gabinete Coordenador de Educação Artística da Madeira como coordenadora do departamento de arte e design e é também considerada a coordenadora regional na área de expressão plástica. Com várias exposições colectivas e individuais realizadas, esta artista ilustrou também os livros infantis *A Estrela Perdida*, de Francisco Fernandes, em 2006 e em 2007, *Na Terra da Cor e do Som*, de autoria própria em conjunto com Cíntia Palmeira e Marta Faria.

Ângela Costa nasceu no Funchal e licenciou-se em pintura. Entre 1976 e 2000, exerceu a actividade de professora de Educação Visual e Educação Tecnológica. Desde 1978 está presente em várias exposições no Funchal, em Lisboa, em Évora e em Bruxelas. Esta artista criou a ilustração do livro *Passeio pelas Histórias da Revolta da Madeira* de Maria Manuela Abreu, no ano de 2008.

Já no século XXI, com estes novos artistas madeirenses, nota-se uma diferença radical nas ilustrações. A um desenho simples, apagado, que segue muito o texto e conduz pouco à criatividade, segue-se um desenho artístico a todos os níveis, em que os artistas usam e abusam de todas as técnicas possíveis para atrair a criança e incentivá-la à criatividade e imaginação. O uso da cor deixa de ser mínimo e passa a exceder os

limites da ilustração, chegando mesmo a albergar o próprio texto.

São cores vivas e múltiplas que despertam os sentidos da criança para a narração que ali se desenrola. Neste momento, os artistas estudam o significado da cor e a sua penetração na criança de modo a uma melhor coloração do livro. As imagens são, por sua vez, mais complexas, por vezes surreais ou mesmo abstractas. São imagens que não só inserem a criança, como outros personagens, agora também inseridos nas histórias infantis, como as fadas, os animais, entre outros, em variadas posições e em diferentes planos no desenho. Para além das personagens, estes desenhos contêm uma inúmera lista de objectos visuais possíveis quando a criança entra em contacto com a ilustração. Como exemplos destas ilustrações mais recentes e dos artistas das mesmas, temos as imagens 2 e 3.



Ilustração 4. Da artista Elisabete Henriques (retirada do livro *Madeira Arca de Tesouros: Quatro Histórias* de 2008)



Ilustração 5. ilustração de José Nelson Pestana Henriques (retirada do livro *Pedro Pesquito e o Câmara de Lobos* de 2009)

Elisabete Henriques é a mais recente artista a ilustrar livros infantis e a mais procurada para esta actividade em 2010. Esta ilustradora não nasceu na Madeira, mas estudou e reside na Ilha há muito tempo. Elisabete Henriques acabou o curso de artes plásticas no ISAPM, estando desde 1994 ao serviço da Divisão de Educação da Câmara Municipal do Funchal.

As ilustrações variam e, para além da cor, da perfeição e do surrealismo era por vezes usada a técnica da fotografia, em conjunto com o desenho como podemos ver nas imagens 4 e 5.



Ilustração 6. Da autoria de Joana Campante (retirada do livro *Estou a Crescer* de 2003)



Ilustração 7. Retirada do livro *A História de Monakus* de 2006

Os outros ilustradores, na sua grande maioria, eram de nacionalidade portuguesa ou estrangeira, residentes na Ilha ou no resto do país. Nomes como Abigail Ascenso, Fedra Santos, Frederico Penteado, Aleksandr Mihaltchuk, Fernando Bento, Sónia Cântara, Sílvia Gonçalves, entre outros, faziam as delícias dos mais pequenos nas ilustrações dos livros infantis na Madeira. Estes ilustradores variavam de escritor para escritor e mesmo dentro da linha de livros do mesmo escritor. Maria Aurora foi a escritora com mais livros publicados no século XXI e que usou mais vezes o mesmo ilustrador nas suas obras. José Viale Moutinho tem muitas obras escritas e varia de ilustrador em quase todas elas.

A certa altura os ilustradores deixam mesmo de ser profissionais de desenho e pintura e passam a ser profissionais na percepção do interesse da outra criança. Actualmente, existem grande número de livros ilustrados pelas próprias crianças.

Como podemos denotar, as imagens colocadas nos livros infantis, sendo elas

gravuras, fotos ou desenhos, foram crescendo a nível de inovação e progresso, aperfeiçoando-se cada vez mais para responder às necessidades da criança e a uma concorrência cultural e artística com outros meios de comunicação.

V.2. Ainda outros Retratos: A Crítica Literária na Madeira no campo da Literatura Infantil

Como se costuma dizer, para que a literatura se desenvolva de forma positiva e crescente numa sociedade, é importante haver espaço à crítica literária. A crítica nem sempre é vista com bons olhos, já que a apreciação do conteúdo de um livro pode tanto ser construtiva como destrutiva. Os críticos têm o poder de colocar certos livros em grande ou nulo número de vendas. Esta apreciação pública tem por isso um peso determinante na recepção da obra.

Os livros para crianças variam um pouco dentro da literatura em geral, pois o seu leitor ou ouvinte é a criança, mas quem compra esses livros é o adulto. Nesta perspectiva, tal como existe crítica literária para os livros em geral, também pode e deve haver para os livros infantis. Um pai ou uma tia quando vão comprar um livro para a criança gostam de saber a qualidade do que estão a comprar. A crítica ao livro infantil geralmente tem um objectivo específico, indicar aos adultos os livros apropriados para adquirir para uma criança.

Nos jornais da Madeira, aparecem alguns textos de crítica literária a livros infantis nos inícios do século XXI. No *Tribuna da Madeira*, é António Barroso Cruz que faz estas críticas literárias. Em 2005, num texto em que aborda *A Bruxinha Matilde e o Dragão Cor-de-Rosa* apresenta uma visão positiva sobre a publicação deste livro. Depois, durante o ano de 2006, em diferentes publicações deste periódico, refere vários livros de literatura infantil da época e constrói uma crítica favorável a todos eles. Estes livros são: *O Diogo Quer Ser Futebolista*, de Francisco Fernandes; *Novas Histórias com História*, de António Castro e Elisa Brazão; *Loma, o Lobo-Marinheiro*, de Maria Aurora; *Lendas da Misarela*, de José Viale Moutinho e *Histórias com Gente Dentro*, de Octaviano Correia. E deixo-vos, de seguida, excertos dessas críticas de António Barroso Cruz.

*Num percurso que nos leva em voo de gaivota a conhecer as características do arquipélago em que vivemos, António Castro e Elisa Brazão juntaram as mãos, as ideias, a criatividade e os conhecimentos para nos encantarem e nos darem a saborear de uma forma leve, despretensiosa, mas séria, concisa e imaginativa, cada pedacinho da Região Autónoma da Madeira.*⁶⁵

*«O Diogo quer ser Futebolista», na minha forma de o apreciar, confirma a maneira cuidada e sensível como o escritor Francisco Fernandes habitualmente trata os temas infantis e desvenda todo um feliz universo que nele existe e que, para bem de todos nós, é inesgotável, bonito e pleno de fantasias.*⁶⁶

*Referência imprescindível no universo da literatura infantil «Histórias com Gente Dentro» chegou-me finalmente às mãos. Deliciosamente arquitectadas por esse druida das letras, que invoca personagens e cria imagens, que cozinha e tempera palavras com a sensibilidade, a ternura e a doçura que lhe são por todos reconhecidas, Octaviano Correia leva-nos pelos caminhos da sua alma de criança e, pela imaginação fértil de que é possuidor, até ao deslumbramento total; e final. (...) Esta é uma obra essencial no percurso do imaginário infantil e por onde qualquer criança deveria ser obrigada a caminhar. Assim como qualquer adulto.*⁶⁷

Talvez seja necessário ter em conta que a Madeira é um meio pequeno e a crítica literária não é vista da mesma forma, quando, em vez de elogiar o texto e o seu escritor, sublinha as características menos boas do livro.

António Barroso Cruz também escreve livros para crianças e desta forma esquece, penso eu, que uma crítica negativa conduz, de seguida, a um melhor trabalho no campo da literatura infantil. Assim, através das suas críticas literárias no *Tribuna* releva apenas os livros que crê serem os melhores e conduz, de certa forma, os adultos até eles.

Por outro lado, e fora da Madeira, existem também outros críticos e, para além dos jornais, é habitual haver crítica também dentro de instituições ligadas à educação. A Fundação Calouste Gulbenkian é uma instituição portuguesa de direito privado e

⁶⁵ «Crítica Literária - *Novas histórias com História* de António Castro e Elisa Brazão», *Tribuna da Madeira*, Funchal, 28 de Abril de 2006, Suplemento *Tribuna da Cultura*, p.2.

⁶⁶ «Crítica Literária – *O Diogo quer ser Futebolista* de Francisco Fernandes», *Tribuna da Madeira*, Funchal, 17 de Fevereiro de 2006, Suplemento *Tribuna da Cultura*, p.2.

⁶⁷ «Crítica Literária – *Histórias com Gente Dentro* de Octaviano Correia», *Tribuna da Madeira*, Funchal, 16 de Junho de 2006, Suplemento *Tribuna da Cultura*, p.2.

utilidade pública, cujos fins estatutários são a Arte, a Beneficência, a Ciência e a Educação. Foi reconhecida em 1956, exerce actividades e desenvolve projectos dentro destas áreas. No espaço da internet designado por «Leitura Gulbenkian» é possível encontrar algumas críticas a livros.

Um dos livros focados é o de Maria do Carmo Rodrigues, *Dona Trabucha, a Costureira Bucha*. Dagmar Joyce Damas Mora é a recenseadora crítica desta obra, escritora nascida em Lisboa no ano de 1913 e que fazia parte da comissão de leitura das Bibliotecas Gulbenkian. A apreciação que, neste caso, Dagmar Mora faz ao livro de Maria do Carmo Rodrigues é positiva, por um lado, considerando que a *autora deste trabalho revela certa imaginação e escreve com facilidade* e menos positiva por outro: *Assim a autora sobrecarrega a obra de explicações complicadas e dissertações literárias e pretensamente científica, que a transformam numa amálgama de difícil classificação e de leitura pouco atraente para as crianças, a que é destinada.*⁶⁸

Estas são algumas apreciações, com as quais finalizo o meu trabalho, feitas aos livros infantis, que mostram a importância e crescimento destes e da literatura infantil na Madeira no século XXI.

⁶⁸Mora, Dagmar Joyce Damas, *Dona Trabucha, a Costureira Bucha* de Maria do Carmo Rodrigues, disponível in: <http://www.leitura.gulbenkian.pt/index.php?area=rol&task=view&id=8641>

Conclusão

Através das diversas pesquisas realizadas em torno do tema Literatura Infantil, mais especificamente sobre a Literatura Infantil na Madeira, chegou-se a várias conclusões. Em primeiro lugar, antes de haver escrita, já existiam contos e histórias com as mesmas características que os actuais, apenas se diferenciando pelo modo de transmissão, os mais antigos, quando ainda não existia a divulgação mais alargada da imprensa, por via oral, e os mais recentes por via escrita.

A necessidade de recordar ou contar algo, real ou fruto da imaginação, não é uma capacidade exclusiva nem do adulto nem da criança, mas de ambos e, por vezes, de grandes e adultos em sintonia. Com este estudo conseguimos perceber que sempre houve uma relação entre a criança e o adulto, mesmo que inicialmente sem a existência de muitas distinções entre os dois, já que ou não se considerava de todo o mundo infantil ou se concebia a criança como um pequeno adulto.

Nos nossos tempos, a ideia de que a criança vive num mundo diferente do adulto, mas inserido na comunidade, denota-se com a publicação de livros cada vez mais associados com a vida real e com o quotidiano.

Os primeiros livros para as crianças não eram escritos com cuidados especiais em relação ao receptor, nem ao que poderia ou não lido ser apelativo para uma criança. Com as pesquisas realizadas em torno do desenvolvimento psicológico dos mais pequenos, é que se começa a dar outra importância à escrita direccionada a estes leitores. A primeira conclusão retirada deste estudo baseia-se, assim, no simples facto de os escritores ou contadores de histórias não se terem sempre preocupado com dois leitores ou ouvintes diferentes.

No final do século XX e início do século XXI, com o desenvolvimento tecnológico e a participação activa da criança nas actividades familiares, ainda que se verifique a importância de estímulo da capacidade imaginativa da criança, cada vez mais, no entanto, existe de novo uma aproximação ao real, à sociedade e ao quotidiano que rodeia a criança. A criança dá-se de conta de muitas acções dos adultos e, por vezes, até participa nestas.

A criança dos séculos XVII e XVIII pode ser considerada como «criança – adulto» pois vive lado a lado com o adulto, sem distinções enquanto que a criança dos séculos XIX e XX é a «criança – criança, tida como inocente, em torno da qual gira todo um mundo de imaginação *versus* realidade e sobre a qual se centram a educação e o futuro, por último, a criança do século XXI, uma criança que caminha para adulto, tem mais meios para alcançar o que pretende e pode se exprimir com mais facilidade, deixa de ser uma criança inocente e passa a ser uma criança mais informada e experienciada no que diz respeito a «coisas de adultos».

A partir desta primeira observação é possível retirar uma segunda. O desenvolvimento da criança na sociedade e na família faz com que a escrita de livros para esta também se faça de forma graduada. O que o adulto pretende da criança ou o que os estudiosos concluem em relação a esta são factores essenciais na escrita de livros infantis e este factor torna-se notório no aparecimento e crescimento da Literatura Infantil na Madeira.

As primeiras histórias eram contadas, sem distinção entre receptores, a adultos e a crianças de igual modo. Após um período de transmissão oral e com o aparecimento da escrita e da imprensa, deixam de existir apenas as histórias por via oral e começam a surgir os contos escritos. Contudo, e devido ao surgimento de uma diferenciação entre criança e adulto no final do século XIX, os livros deste século e das primeiras seis décadas do século XX apresentam um carácter marcadamente moral e educativo.

Na época da República e do nacionalismo salazarista, a criança é vista como alvo

da educação, porque futuro e garantia da nação. No centro das atenções familiares e educativas o livro, a certa altura, ganha uma vertente lúdica e humorística de forma a prender a atenção da criança e a seduzi-la. Virgínia de Castro Almeida, Ana de Castro Osório e Laura Veridiano de Castro, esta na Madeira, são exemplos desta época, usando novas estratégias para chegar aos pequenos leitores.

Ainda que os conteúdos morais continuem a existir, mas de uma forma mais relativa, o mundo imaginário da criança entra nos finais da década de sessenta em voga nos livros infantis, como é exemplo a obra de Alice Vieira: existe uma necessidade de afastar a criança do real e insistir na sua criatividade e alcance de um outro mundo, o infantil, o dos seus sonhos. Num momento mais recente, muitos livros deixam de ser apenas um caminho privilegiado de encanto e diversão e passam a ter como fim a seriedade, a realidade, dando preferência a uma dimensão mais pedagogia. A literatura infantil na Madeira segue esta tendência.

Os livros infantis na Madeira vão gradualmente melhorando a nível de estrutura, escrita e ilustração. O livro mais antigo continha uma linguagem pouco cuidada e não continha qualquer incentivo visual. Hoje em dia, verifica-se completamente o contrário. O livro actual está repleto de incentivos visuais ou, algumas vezes, mesmo auditivos e tácteis. Este livro é composto por uma linguagem pensada para um leitor de diferentes idades, consoante estudos realizados sobre a criança. Pode dizer-se que o livro se transforma em jogo. De certo modo, os elementos pedagógicos antes nele existentes de forma simples e sem a interacção do leitor modificam-se. Assistimos, então, a um crescimento dos livros para criança a todos os níveis. Este crescimento ronda um aumento de produção de 80% de um século para o outro, o que se revela impressionante.

Os livros para crianças podem inserir-se em diferentes classificações, em relação ao seu objectivo geral ou na razão da escolha dos temas a abordar. Tal como já foi afirmado, os livros vão-se modificando conforme a posição da criança na sociedade. Os autores dos livros também seguem esse caminho na escolha dos temas. Por outro lado, estes temas estão inteiramente relacionados com as mudanças políticas, sociais e educativas num determinado país e, neste caso, na Ilha.

Verificam-se, por isso, a presença de vários conteúdos temáticos em diferentes anos. Por exemplo, a educação intercultural é um tema recente na sociedade e, em especial, na Madeira, devido aos actuais movimentos migratórios que modificaram o tecido social e étnico da sociedade. Actualmente, começam a ser publicados livros

infantis que abordam esta temática de forma directa ou indirecta.

Já o tema da importância da relação do homem com a natureza sempre esteve presente de variadas formas nos livros infantis. Os escritores tentavam de certa forma inculcar na criança o sentido de preservação da natureza e do belo. Acontece que, mais recentemente, devido à gravidade da situação relacionada com o desaparecimento de vários ecossistemas e do perigo criado na natureza pelas acções do homem, os escritores começam a perceber a necessidade de transmitir directamente à criança informações relevantes sobre a natureza, a poluição e outras matérias que daí advêm, de uma maneira mais educativa, alertando-a e educando-a para a preocupação ecológica.

Na Madeira, como se pôde verificar ao longo deste trabalho, os autores acompanham estas novas tendências, alertando os leitores para a preservação da natureza da Ilha e dos seus animais, preocupando-se igualmente com a inclusão social e o convívio entre diversas culturas.

Não se pode esquecer, no entanto, que os livros transmitem muito da personalidade do escritor. De facto, o autor imprime na escrita as suas tendências e preocupações, crenças e valores.

Outra dedução importante retirada neste final de trabalho é: a escrita para crianças não é meramente uma arte textual de uso de palavras e frases, mas uma interligação de várias artes que concedem ao texto uma riqueza essencial para os seus leitores. O texto infantil liga-se à música, ao teatro, à banda desenhada, à ilustração, entre outros, de forma a cativar as crianças, que também estão cada vez mais informadas e mais exigentes.

Entrando agora pelo campo da análise de três essenciais elementos integrais do texto como o são a acção, o local e as personagens, na totalidade dos livros infantis do sistema literário na Madeira, encontramos percentagens iguais para livros especificamente madeirenses, com interesse específico local, e para os de interesse mais geral. Os livros são puramente madeirenses quando têm personagens que retratam a identidade madeirense dentro de uma acção em que o local é a Madeira e, aproveitando-se destes factores para valorizar os costumes e alguns locais da Ilha. Por outro lado, usam-se personagens representativas da realidade da sociedade madeirense em diferentes épocas, como é o caso da introdução de personagens inglesas ou negras, transmitindo aos leitores a história e as tradições da Ilha. O local é quase sempre descrito através da figuração da magnífica paisagem da Madeira, fazendo recurso à descrição de elementos naturais como plantas, animais e o mar. De maneira mais eficaz,

estes elementos são mesmo, algumas vezes, elevados a personagens com qualidades humanas. As ilustrações mostram esta paisagem da Ilha com mais objectividade.

Será também importante referir que na Ilha, provavelmente pela falta de uma crítica literária exigente, qualquer pessoa escreve para crianças, ainda que a um escritor que escreve para pequenos leitores se deveria requerer, no mínimo, que tivesse conhecimentos básicos sobre as necessidades destes leitores, nas suas várias idades, e capacidades literárias, isto é, domínio da arte e da técnica literária. A política editorial parece privilegiar os livros para crianças, mais fáceis de vender, e preocupa-se pouco com a sua qualidade. Se na Madeira existem alguns livros pouco adequados, por assim dizer, a razão prende-se com esta situação.

Todavia, na Madeira, se existiram e irão existir livros para crianças em números cada vez maiores, não foi ainda produzido nenhum estudo teórico sobre o tema. Para analisarmos a teoria da Literatura Infantil, temos de nos direccionar através de livros de escritores nacionais ou estrangeiros que abordam este tema, na generalidade dando exemplos de livros que não são da Ilha. Se muitos escritores madeirenses têm a capacidade de escrever livros infantis, podemos perguntar-nos por que razão ainda não existe uma História da Literatura na Madeira.

Por fim, fica a ideia de que o livro infantil é um bem essencial no crescimento e aprendizagem da criança de qualquer parte do mundo. É através deste que a criança reage a um mundo em mudança, conseguindo distinguir imaginação e realidade e desenvolvendo-se como ser criativo. Os livros infantis direccionam-se de forma específica aos pequenos leitores e, por isso, são um importante meio de comunicação. A Literatura Infantil na Madeira tem tido uma evolução extraordinária, apesar de ainda alguns escritores acharem que escrever para crianças é o mesmo que escrever outro texto qualquer, sem exigências próprias, podendo levar a que se considere este género como uma literatura menor.

Anexos

Anexo I

Data	Autor	Obra Literária	Local de Edição	Editora	Ilustração
1874	Compilador: Henrique Freire	<i>Selecta de Poesias Infantis</i>	Funchal	Abraham Adida	Gravuras sem autor
1884	Mariana Xavier da Silva	<i>Na Madeira Offerendas: «O Rapazinho da Lombada»</i>	Lisboa	Offerendas	
1903	Alexandre Sarsfield	<i>Leitura para os Meus Filhos</i>	Lisboa	Cooperativa Militar	
1910	António Feliciano Rodrigues	<i>Versos para os Meus Filhos</i>	Funchal	Typ. do Diário Popular	Gravuras sem autor
1911	Sant' Iago Prezado	<i>Cancioneiro Infantil</i>	Funchal		
1922	Laura Veridiano de Castro e Almeida Soares-pseud.Maria Francisca Teresa	<i>Em Casa da Avó na Ilha da Madeira</i>	Lisboa	A.M.Teixeira	Gravuras de Emanuel Ribeiro
1925	Laura Veridiano de Castro e Almeida Soares-pseud.Maria Francisca Teresa	<i>O Querido Tio Gustavo</i>	Lisboa	Guimarães & Cx9	Gravuras de Emanuel Ribeiro
1925	Laura Veridiano de Castro e Almeida Soares-pseud.Maria Francisca Teresa	<i>Como a Chica Conheceu Jesus</i>	Funchal	Revista Católica	
1932	José Teodoro Correia	<i>Nimbos</i>	Funchal		
1942	José Teodoro Correia	<i>Rosas do Meu Canteiro</i>	Funchal		
1951	Visconde do Porto da Cruz	<i>O Mundo dos Bichos</i>	Aveiro	Tipografia «A Lusitânia»	Gravuras

1964	Maria do Carmo Rodrigues	<i>Dona Trabucha</i>	Lisboa	Portugália Editora	Eugénia Noronha
1990	Maria do Carmo Rodrigues	<i>O Vencedor</i>	Lisboa	Vela Branca	Constança Lucas
1974	Maria do Carmo Rodrigues	<i>Chamo-me Leovigildo</i>	Lisboa	Vela Branca	Sem ilustração
1978	José Viale Moutinho	<i>Manhas do Gato Pardo</i>	Lisboa	Plátano	João Luís
1979	José Viale Moutinho	<i>O Adivinhão</i>	Porto	Afrontamento	João Botelho
1979	Luiza Helena Clode	<i>Mimi e os Sapatinhos</i>	Funchal	Ilhatur	
1979	Irene Lucília	<i>Histórias que o Vento Conta</i>	Funchal	Ilhatur	Irene Lucília
1980	Maria do Carmo Rodrigues	<i>Camélias Brancas</i>	Funchal	Edições Ilhatur	Dina Pimenta
1981	António Marques da Silva	<i>Os Anjos Descem: poesia da infância</i>	Funchal	Ilhatur	Filhos: António e Jorge
1982	Octaviano Correia	<i>O Esquilo de Cauda Fofinha e o Dendém Apetitoso</i>	Lisboa	Plátano	Zé Paulo
1982	Maria do Carmo Rodrigues	<i>Sebastião, o Índio</i>	Funchal	Edições Ilhatur	Dina Pimenta
1983	Bernardete Falcão	<i>Andorinha e as Árvores Falantes: Teatro Infantil</i>	Funchal	DRAC	
1984	Octaviano Correia	<i>O Reino das Rosas Libertas</i>	Lisboa	Sá da Costa Editora	José Maria
1985	Marcela Costa	<i>Beto e Beta e o seu Cão Popy</i>	Funchal	DRAC	Marcela Costa
1986	Rui Soares	<i>Contos do Pe. Alfredo: Três Contos de... "Era uma vez... na Madeira"</i>	Funchal	Secretaria Regional do Turismo e Cultura e DRAC	Rui Soares
1988	António Manuel de Castro	<i>Ser Criança</i>	Funchal	DRAC	Donato J.H.Gomes
1988	Maria do Carmo Rodrigues	<i>À Porta do Teu Coração</i>	Lisboa	Edições Vela Branca	
1989	Maria Aurora Homem	<i>Vamos Cantar Histórias</i>	Funchal	Câmara Municipal do Funchal- Eco	Glória Martins

1990	Octaviano Correia	<i>O Monstro das Sete Cabeças e as Meninas Roubadas: (e Outras Histórias Angolanas)</i>	Funchal	SRTCE e DRAC	Isabel Santa Clara
1991	Maria Aurora Homem	<i>Juju, a Tartaruga</i>	Lisboa	Editorial Notícias	Maurício Fernandes
1992	António Manuel de Castro; Maria Elisa de França Brazão	<i>Histórias com História</i>	Calheta, Funchal	Câmara Municipal	Ricardo Velosa; fot. Ricardo Gouveia
1992	Maria do Carmo Rodrigues	<i>À Descoberta: A Jóia do Imperador</i>	Lisboa	Editorial Presença	Irene Lucília
1993	Maria do Carmo Rodrigues	<i>A Mensagem Enigmática</i>	Lisboa	Editorial Presença	Teresa Cruz Pinho
Maio 1995	Octaviano Correia	<i>Histórias com Gente Dentro</i>	Funchal	Editorial Correio da Madeira	Eleutério Mota
1995	G.C.E.A- Lígia Brazão	<i>Palco-Teatro para Crianças (12 volumes)</i>	Funchal	Edições Convite à Música	
1995	José Viale Moutinho	<i>Fernando Pessoa</i>	Porto	Campo das Letras	Fernando de Oliveira
1998	Maria do Carmo Rodrigues	<i>O Jardim de Rosalina e Outras Histórias</i>	Lisboa	Editorial Verbo	Fernando Bento
1998	Maria do Carmo Rodrigues	<i>Como se faz o Vinho?</i>	Lisboa	Nova Presença	
1998	Lília Mata	<i>Histórias do Bertoldinho</i>	Funchal	Câmara Municipal do Funchal	
2000	Maria Manuela Abreu	<i>Passeio pelas Histórias da Revolta da Madeira</i>	Funchal	SER/Direcção Regional de Inovação e Gestão Educativa	Angela Costa
2002	Maria do Carmo Rodrigues	<i>João Gomes do Gato</i>	Lisboa	Ed.Vega	Raúl Pestana
2002	José Viale Moutinho	<i>O Cavaleiro da Tortalata</i>	Porto	Campo das Letras	
2002	Maria do Carmo Rodrigues	<i>Tiago Estrela</i>	Lisboa	Verbo	Paula Marques

2002	José Viale Moutinho	<i>365 histórias: tradições populares portuguesas...</i>	Porto	Asa	João Caetano
Dezembro 2003	Associação Amigos do G.C.E.A	<i>As Estrelas do Mar e o Peixe Prateado, Juntos de Novo: Uma História sobre o Ambiente</i>	Funchal	Associação Amigos do G.C.E.A	
2003	José Viale Moutinho	<i>Os Dois Fradinhos</i>	Porto	Campo das Letras	
2003	José Viale Moutinho	<i>O Menino Gordo</i>	Vila Nova de Gaia	Gailivro	
2003	José Viale Moutinho	<i>A Gaitinha Mágica: conto tradicional português</i>	Porto	Campo das Letras	Pedro Nora
2003	Isabel Fagundes	<i>Anjo Azul (2ªed)</i>	Funchal	Arguim Editora Regionalista	Fagundes Vasconcelos
2003	Maria do Carmo Rodrigues	<i>Estou a Crescer</i>	Lisboa	Novo Livro	Joana Campante
2004	Isabel Fagundes	<i>A Bruxinha Matilde e o Dragão Cor-de-Rosa</i>	Machico	Arguim Editora Regionalista	Sofia Rei; Leah May; Carlota Silva
2004	José Viale Moutinho	<i>A Sopa de Pedra: conto tradicional português</i>	Porto	Campo das Letras	Inês de Oliveira
2004	José Viale Moutinho	<i>As Lendas de Misarela</i>	Vila Nova de Gaia	Ausência	Fedra Santos
2004	Sidónio Baptista Fernandes	<i>A Minha Máquina Amarela de Balde e Rodado de Lagarta</i>	São Vicente	Município de São Vicente	Sem ilustração
Maio 2005	Francisco Fernandes	<i>O Diogo quer Ser Futebolista</i>	Canelas	Gailivro	Lúisa Spínola e Filipa Pereira
2005	Maria Aurora Homem	<i>Zina, a Baleia Azul</i>	Vila Nova de Gaia	Ausência	Sónia Cântara
2005	António Barroso Cruz	<i>Histórias da Minha Filha</i>	Funchal	SER	
2005	Maria do Carmo Rodrigues	<i>Aventuras de Chico Aventura</i>	Lisboa	Ed.Vega	Frederico Penteadado (p/who www.who.pt)

2005	António Manuel de Castro; Maria Elisa de França Brazão	<i>Novas Histórias com História</i>	Funchal	SRE	Ricardo Velosa
2005	Maria Aurora Homem	<i>Loma, o Lobo Marinho</i>	Vila Nova de Gaia	Ausência	Sónia Cântara
2005	José Viale Moutinho	<i>Pedro, pescador</i>	Vila Nova de Gaia	Gailivro	Carla Pott
2005	José Viale Moutinho	<i>A História de William: a possível infância de Shakespeare</i>	Porto	Campo das Letras	José Emídio
2005	Diana Pimentel	<i>Lua Muito Nova</i>	Vila Nova de Gaia	7 Dias 6 Noites	Sónia Cântara
Abril 2006	Francisco Fernandes	<i>A Estrela Perdida</i>	Porto	Arcadas das Letras	Helena Berenguer
Junho 2006	Associação Amigos do G.C.E.A	<i>O Peixe Prateado Reencontra o Seu Cardume: Uma História sobre a Liberdade</i>	Funchal	Associação Amigos do G.C.E.A	
2006	António Barroso Cruz	<i>Sopa de Letras</i>	Funchal	Proemar	
2006	A.V (Escola Tanque Santo António)	<i>Um Tanque de Histórias</i>	Funchal	Eco do Funchal	Alunos
2006	José Viale Moutinho	<i>O Livrinho dos Versos para Rir</i>	Porto	Afrontamento	Fedra Santos
2006	Francisco Fernandes	<i>A História de Monakus</i>	Funchal	Better Way (Eventos Culturais e Desportivos, Lda)	Design Gráfico: Divisão de Imagem e Comunicação-SRA
Maio 2007	Octaviano Correia	<i>O Menino dos Olhos Azuis de Água</i>	Vila Nova de Gaia	7 Dias 6 Noites	Lina Correia
Maio 2007	Francisco Fernandes	<i>A Madalena descobre o Basquetebol</i>	Vila Nova de Gaia	Gailivro	Luísa Spínola
Outubro 2007	José Viale Moutinho	<i>Será que Sou Neto da Bruxa</i>	Vila Nova de Gaia	7 Dias 6 Noites	Abigail Ascenso
Novembro 2007	António Barroso Cruz	<i>A Estrela do Céu que Caiu no Mar</i>	Funchal	O Liberal	Alunos

Novembro2007	Isabel Fagundes	<i>A Bruxinha Matilde e o Elefante Verde</i>	Funchal	O Liberal	Nelson Henriques
Dezembro 2007	Francisco Fernandes	<i>Alguém Avisou o Pai Natal</i>	Porto	Arcadas das Letras	Raquel Leitão
2007	Maria Aurora Homem	<i>Maria, a Estrela do Mar</i>	Vila Nova de Gaia	7 Dias 6 Noites	Abigail Ascenso
2007	José Viale Moutinho	<i>a Vassoura Voadora 1: as 50 melhores adivinhas da tradição portuguesa</i>	Porto	Arca das Letras	Helena Berenguer
2007	José Viale Moutinho	<i>A Vassoura Voadora 2: os 100 mais úteis provérbios da tradição portuguesa</i>	Porto	Arca das Letras	Helena Berenguer
2007	Inês Blu Rodrigues e António Antunes Carvalho	<i>Alice e Artur: Algodão de Cima</i>	Lisboa	Rés XXI/ Formalpress	David Gorria
2007	Cíntia Palmeira ;Helena Berenguer; Marta Faria	<i>Na Terra Encantada do Jogo da Cor e do Som</i>	Funchal	O Liberal	Ilustração:Helen a Berenguer Música: Marta Faria
Maio 2008	Francisco Fernandes	<i>O Sonho de Maria (Coleção Uma Aventura no Porto Santo)</i>	Vila Nova de Gaia	7 Dias 6 Noites	David Monteiro
Maio 2008	Octaviano Correia	<i>ABCD... Alguma Bicharada até ao Z</i>	Vila Nova de Gaia	7 Dias 6 Noites	Raúl António Santos Pestana
Maio 2008	Maria Aurora Homem	<i>A Fada Ofélia e o Véu da Noiva</i>	Vila Nova de Gaia	7 Dias 6 Noites	José Nelson Henriques
Outubro 2008	Maria Aurora Homem	<i>A Cidade do Funcho, a Primeira Viagem de João Gonçalves da Câmara</i>	Vila Nova de Gaia	7 Dias 6 Noites	José Nelson Henriques
Novembro2008	Maria Aurora Homem	<i>Uma Escadinha para o Menino Jesus</i>	Vila Nova de Gaia	7 Dias 6 Noites	José Nelson Henriques
Novembro2008	António Barroso Cruz	<i>O Vendedor de Sonhos</i>	Funchal	O Liberal	Capa: Anabela Machado Interior: Alunos Colégio Apresentação de Maria e Escola EB1/PE da Ladeira
Dez. 2008	Alunos 3ºB de EB1/PE Santa Cruz	<i>A Magia da Poesia-Poetas em Miniatura</i>	Vila Nova de Gaia	7 Dias 6 Noites	Alunos

Dez. 2008	G.C.E.A – Filipa Silva, Paulo Esteireiro e Tiago Machado	<i>Matilde e Alexandra num Natal Tradicional</i>	Funchal	A.A.G.C.E.A	Tiago Machado
2008	Francisco Fernandes	<i>Porque Devo ir à Escola?</i>	Vila Nova de Gaia	7 Dias 6 Noites	Sílvia Neto Gonçalves
2008	Nuno Morna	<i>Freyja</i>	Vila Nova de Gaia	7 Dias 6 Noites	Estela Baptista Costa
2008	A.V (EB1 de São Vicente)	<i>A Formiga e o Arco-Íris</i>	São Vicente	Promo Vicente	Alunos:Andreia Dias e Tiago Rodrigues
2008	Eduardo Welsh; Emanuel Bento	<i>Salteadores da Banana Perdida</i>	Funchal	O Liberal	Banda desenhada de Eduardo Welsh e Emanuel Bento
2008	Isabel Fagundes	<i>O Sapo Beltrão e o Lago Mágico</i>	Funchal	O Liberal	José Nelson Henriques
2008	Cíntia Palmeira	<i>O Dragão que Queria Ser Bombeiro</i>	Vila Nova de Gaia	7 Dias 6 Noites	Aleksandr Mihaltchuk
2008	Cíntia Palmeira	<i>A Intrépida Loja de Chapéus</i>	Vila Nova de Gaia	7 Dias 6 Noites	
2008	Cíntia Palmeira	<i>Temível Drácula</i>	Vila Nova de Gaia	7 Dias 6 Noites	Sónia Cântara
2008	Fátima Veríssimo	<i>Madeira Arca de Tesouros:Quatro Histórias</i>	Funchal	Associação dos Amigos do Parque Ecológico do Funchal	Elisabete Henriques
Abril 2009	Anabela Machado	<i>A Magia dos Opostos</i>	Funchal	O Liberal	Anabela Machado
Abril 2009	V.A (5ºB Escola Básica e Secundária Dona Lucinda Andrade)- Projecto Baú de Leitura	<i>Histórias a Várias Mãos</i>	Funchal	O Liberal	Capa:Nicole Joaquim Fernandes
Maio 2009	Octaviano Correia	<i>EFGH...Alguma Bicharada até ao Z</i>	Vila Nova de Gaia	7 Dias 6 Noites	Raúl António Santos Pestana
Junho 2009	EB1/PE da Quinta Grande	<i>Uma Aventura Ecológica</i>	Funchal	Direcção Regional do Ambiente	Alunos
Junho 2009	Isabel Fagundes	<i>Francisco e o Segredo da Floresta</i>	Funchal	O Liberal	Capa: Alexandra Fagundes

					Interior:Noemi Ferreira
Dezembro 2009	Francisco Fernandes	<i>Irina</i>	Vila Nova de Gaia	7 Dias 6 Noites	Sílvia Neto Gonçalves
2009	Francisco Fernandes	<i>O João Gosta do Mar</i>		Enfim Juntos	Luísa Spínola
2009	Maria Aurora Homem	<i>Pedro Pesquito e a Câmara de Lobos</i>	Vila Nova de Gaia	7 Dias 6 Noites	José Nelson Henriques
2009	A.V (Escolas de São Vicente)	<i>Colectânea de Textos das Escolas do Concelho de São Vicente</i>	São Vicente	Promo Vicente	Alunos
2009	Francisco Fernandes	<i>O Enigma do Código * uSn *</i>	Vila Nova de Gaia	7 Dias 6 Noites	
2009	António Barroso Cruz	<i>A Estrela do Mar que subiu ao Céu</i>	Funchal	O Liberal	Alunos Escola 1ºciclo Machico
2009	Maria Aurora Homem	<i>O Anjo Tobias e a Rochinha de Natal</i>	Vila Nova de Gaia	7 Dias 6 Noites	Nelson Henriques
2010	António Castro	<i>Uma Amizade com Asas</i>	Vila Nova de Gaia	7 Dias 6 Noites	Elisabete Henriques
2010	Maria Aurora Homem	<i>A Fada Íris e a Floresta Mágica</i>	Vila Nova de Gaia	7 Dias 6 Noites	Elisabete Henriques
2010	António Barroso Cruz	<i>Estrelinhas de A a Z</i>	Funchal		Anabela Machado
2010	Maria Aurora Homem	<i>Marta, Xispas e a Gruta Misteriosa</i>	Vila Nova de Gaia	7 Dias 6 Noites	Nelson Henriques
	Gabinete Coordenador de Educação Artística G.C.E.A	<i>A Viagem Encantada do Manel e do Buginha:Músicos Madeirenses do Século XX</i>	Funchal	O Liberal	Miguel Ângelo
	Gabinete Coordenador de Educação Artística G.C.E.A	<i>Cantarolando...Canções para os mais pequeninos</i>	Funchal	G.C.E.A	
	Irene Lucília	<i>Versos da Folha Verde</i>	Funchal	Ilhatur	Irene Lucília
Data	Revista ou Jornal Infantil				

1969/1970	Maria do Carmo Rodrigues (directora)	<i>Canoa</i>	Funchal	Ilhatur	
-----------	--------------------------------------	--------------	---------	---------	--

Bibliografia

- ALMEIDA, António, *Abordar o Ambiente na Infância*, Lisboa, Universidade Aberta, 2002.
- AMARAL, Maria Lúcia, *Criança é Criança: literatura infantil e seus problemas*, Vozes, Rio de Janeiro, Petrópolis, 1983.
- AAVV, *Actas Segundo Encontro de Literatura para a Infância*, Coimbra, Instituto Politécnico/ Escola Superior de Educação, 1991.
- AAVV, *Do Dragão ao Pai Natal – Olhares Sobre a Literatura para a Infância*, Porto, Campo das Letras, 1999.
- AAVV, *Leitura, Literatura Infantil, Ilustração*, Braga, Centro de Estudos da Criança, Universidade do Minho, 2003.
- BARRETO, Garcia, *Literatura para Crianças e Jovens em Portugal*, Porto, Campo das Letras, 1998.
- BASTOS, Glória, *Literatura Infantil e Juvenil*, Lisboa, Universidade Aberta, 1999.
- BASTOS, Glória, *A escrita para crianças em Portugal no Século XIX*, Lisboa, Caminho, 1999.
- BETTELHEIM, Bruno, ZELAN, Karen, *La lecture et l'enfant*, trad. Théo Carlier, Paris, Éditions Rbert Laffont, 1983.
- BETTELHEIM, Bruno, *Psicanálise dos Contos de Fadas*, trad. Carlos Humberto da Silva, 9ªed., Venda Bertrand, 2002.
- BROUGÈRE, Gilles, «A Criança e a Cultura Lúdica», in *Revista da Faculdade de Educação*, vol.24, nº2, São Paulo, Julho/Dezembro 1998.
- CALADO, Isabel, *A Utilização Educativa das Imagens*, Porto, Porto Editora, 1994.
- CARMO, António, *Antropologia das Religiões*, Lisboa, Universidade Aberta, 2001.
- CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de, *A Literatura Infantil: visão histórica e crítica*, 6ªed., São Paulo, Global Editora, 1989.
- CERVERA, Juan, *Teoria de la Literatura Infantil*, 2ªed., Universidade de Deusto, Ediciones Mensagero, 1992.
- CHATEAU, Jean, *L'Enfant et le Jeu*, Paris, Editions du Scarabée, 1954.
- CIRNE, Moacy, *A Explosão Criativa dos Quadrinhos*, 5ª ed., Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 1970.

- COELHO, Neli Novaes, *Panorama Histórico da Literatura Infantil/ Juvenil*, 3ªed., São Paulo, Edições Quíron, 1985.
- CORREIA, Octaviano, «Falando de Literatura Infantil», in *Jornal da Madeira*, Suplemento Quinta-Feira, Funchal, 22 de Junho de 2006, p. 14.
- CORREIA, Octaviano, «Estou a Crescer... diz Maria do Carmo», in *Jornal da Madeira*, Suplemento Letras a Desconto, Funchal, 18 de Março de 2004, p.IV.
- COSEM, Michel, or., *O Poder da Poesia*, Grupo Francês de Educação Nova, trad. Maria Helena Arinto, Coimbra, Livraria Almedina, 1980.
- COSTA, Isabel Alves, BAGANHA, Filipa, *O Fantoche que Ajuda a Crescer*, Porto, Edições Asa, 1989.
- COSTA, Maria José, *Um Continente Poético Esquecido: as rimas infantis*, Porto, Porto Editora, 1992.
- CRUZ, António Barroso, «A Bruxinha Matilde e o Dragão Cor-de-Rosa de Isabel Fagundes - Crítica Literária», in *Tribuna da Madeira*, Suplemento Tribuna da Cultura, Funchal, 28 de Outubro de 2005, p.2.
- CRUZ, António Barroso, «O Diogo Quer Ser Futebolista de Francisco Fernandes - Crítica Literária», in *Tribuna da Madeira*, Suplemento Tribuna da Cultura, Funchal, 17 de Fevereiro de 2006, p.2.
- CRUZ, António Barroso, «Novas Histórias com História de António Castro e Elisa Brazão - Crítica Literária», in *Tribuna da Madeira*, Suplemento Tribuna da Cultura, Funchal, 28 de Abril de 2006, p.2.
- CRUZ, António Barroso, «Loma, o Lobo-Marinheiro de Maria Aurora Carvalho Homem - Crítica Literária», in *Tribuna da Madeira*, Suplemento Tribuna da Cultura, Funchal, 12 de Maio de 2006, p.2.
- CRUZ, António Barroso, «As Lendas de Misarela de José Viale Moutinho - Crítica Literária», in *Tribuna da Madeira*, Suplemento Tribuna da Cultura, Funchal, 9 de Junho de 2006, p.2.
- CRUZ, António Barroso, «Histórias com Gente Dentro de Octaviano Correia - Crítica Literária», in *Tribuna da Madeira*, Suplemento Tribuna da Cultura, Funchal, 16 de Junho de 2006, p.2.
- DIOGO, António Américo Lindeza, *Literatura Infantil: história, teoria, interpretações*, Colecção Mundo dos Saberes, Porto, Porto Editora, 1994.
- DURKEIM, Émile, *As formas elementares da vida religiosa*, 3ªed., Caldas da Rainha, Martins Fontes, 2003.
- FERREIRA, Manuela Malheiro, *Educação Intercultural*, Lisboa, Universidade Aberta,

2003.

FERRONHA, António Luís, «A Madeira e a República», in *Revista Atlântico*, Funchal, 1989, pp.144-147.

FEUILLET, Michel, *Vocabulário do Cristianismo*, trad. José Francisco Espadeiro Martins, Lisboa, Edições 70, 2002.

FRANÇA, Luísa, «Nos Meandros da Literatura Infantil», in *Origens*, Santa Cruz, nº11, Janeiro de 2005, p.79.

FRUTUOSO, Gaspar, *Saudades da Terra*, Funchal, Typ. Funchalense, 1873.

GIOLITTO, Pierre, *Pedagogia del Medio Ambiente*, Barcelona, Herder, 1984.

GOMES, Alice, *A Literatura para a Infância*, Lisboa, Torres & Abreu, 1979.

GOMES, José António, *A Poesia na Literatura para a Infância*, Porto, Asa, 1993.

GOMES, José António, *Para uma História da Literatura Portuguesa para a Infância e a Juventude*, Lisboa, Instituto Português do Livro e das Bibliotecas, 1998.

HUNT, Peter, ed., *Children's literature. The development of criticism*, Londres-Nova Iorque, Routledge, 1990.

HUNT, Peter, ed., *International Companion Encyclopedia of Children's Literature*, Londres e Nova Iorque, Routledge, 1996.

JANES, Emanuel, «A implantação da República na Madeira, in *Revista Atlântico*, nº18, Funchal, 1989, pp.97-102.

KHÉDE, Sónia Salomão, *Personagens da Literatura Infanto- Juvenil*, São Paulo, Ática, 1986.

KUHNER, Maria Helena (org.) *O teatro dito infantil*, Blumenau: Cultura em Movimento, 2003.

LÈVI, Joel, *Great Encyclopedia of Magical Beings*, Londres, Carroll and Brown Limited, 1999.

LUME, Filomena O. F. de Nóbrega, «O Ensino Primário na Madeira nos Inícios do Século XX: Práticas Discursivas e Quotidianos Escolares», Inspecção Regional da Educação da Região Autónoma da Madeira, in: <http://www.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/297FilomenaLumeAtual.pdf>

MESQUITA, Armindo, coord., *Mitologia, Tradição e Inovação - (Re) leituras para uma nova Literatura Infantil*, Vila Nova de Gaia, Gailivro, 2006.

MESQUITA, Armindo, coord., *Pedagogias do Imaginário - Olhares sobre a literatura infantil*, Porto, Asa, 2002.

- MESQUITA, Armindo, *O Maravilhoso no Mundo da Criança*, Vila Real, UTAD, 2001.
- MONTERO, José, *Psicología Evolutiva y Educación en la fe*, Granada, Ave María, 1981.
- MORA, Dagmar Joyce Damas, *Dona Trabucha, a Costureira Bucha de Maria do Carmo Rodrigues*,
[<http://www.leitura.gulbenkian.pt/index.php?area=rol&task=view&id=8641>]
- MORGADO, Maria Margarida, «As diferenças que nos unem: literatura infantil e interculturalidade», in *Álabe*, Instituto Politécnico de Castelo Branco, nº1, Junho de 2010.
- NARODOWSKY, Mariano, *Infância y Poder: la conformacion de la pedagogia moderna*, Buenos Aires, Aique, 1994.
- NASSTROM, Britt-Mari, *Freyja, the Great goddess of the north*, Suécia, Departamento de História das Religiões, Universidade de Lund, 1995 in: <http://books.google.pt>
- «Página Escolar do Diário da Madeira», in *Diário da Madeira*, Funchal, Julho, 1937.
- PARAFITA, Alexandre, *A comunicação e a literatura popular*, Lisboa, Plátano, 1999.
- PESSOA, Fernando, *Livro do Desassossego*, por Bernardo Soares, Lisboa, Ática, 1982, p.14. PEREIRA, Eduardo C.N., *Ilhas de Zargo*, vol.II, 4ªed., Funchal, Câmara Municipal do Funchal, 1989.
- PHILIP, Neil, *Livro Ilustrado de Contos de fadas*, Porto, Civilização, 1998.
- PIMENTEL, Lúcia, *Introdução à Literatura Infantil e Juvenil*, 2ª ed., São Paulo, Pioneira (Manuais de Estudo), 1991.
- PINTASSILGO, Joaquim, *República e formação de cidadãos: a educação cívica nas escolas primárias da I República Portuguesa*, Lisboa, Colibri, 1998.
- PIRES, Maria Bettencourt, *História da Literatura Infantil Portuguesa*, Lisboa, Edições Vega, 1982.
- RENARD, Jean-Bruno, *A Banda Desenhada*, trad. Conceição Jardim e Eduardo L. Nogueira, Lisboa, Editorial Presença, 1978.
- RODRIGUES, Maria do Carmo, dir., *A Canoa*, Funchal, Eco do Funchal, d3 de Março de 1969 – 2 de Janeiro de 1970.
- ROILBERG, José, *A História do Natal*, J. C. Editora, Brasil, 2000 in: http://jipemania.com/coke/historia_do_natal_V3.pdf
- SALVADOR, José, «Literatura Infantil vende mais e cativa interesses de crianças e

pais», in *Diário de Notícias*, Suplemento Cultura & Espectáculos, Funchal, 2 de Abril de 2007, p. 24.

SCHOEREDER, Gilberto, *Fadas, duendes e gnomos. O mundo invisível*. São Paulo: Hemus, s/d.

SILVA, António Ribeiro Marques da, «Literatura Infantil na Madeira: Em casa da avó Maria Francisca Teresa», in *Isleña*, nº19, Funchal, Jul. – Dez., 1996, pp.108-109.

SILVA, Fernando Augusto da, MENESES, Carlos Azevedo de, *Elucidário Madeirense*, 3ªed., Funchal, Ed. Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal, 1965.

SILVA, Maria Margarida Macedo, *Literatura Infanto-Juvenil*, Barcelos, Educação Permanente 6, Companhia Editora do Minho, 2001.

SILVA, Maria Margarida Macedo, *A Sementeira do Livro*, Educação Permanente 5, Barcelos, Editora do Minho, 1999.

«Suplemento Infantil», in *Diário da Madeira*, Funchal, Maio 1937.

TRAÇA, Maria Emília, *O Fio da Memória: do Conto Popular ao Conto para Crianças*, Porto, Porto Editora, 1992.

VIEIRA, Alberto, coord., *História da Madeira*, colab. Abel Soares, Emanuel Janes, Gabriel Pita, Funchal, SER, 2010.

VIEIRA, Ana Mónica Caldeira, *O Contributo da Literatura Infantil para a Educação Intercultural: experiência em contexto de sala de aula*, Lisboa, Universidade Aberta - Mestrado em Relações Interculturais, 2006.

Sites consultados:

<http://bprmadeira2.blogspot.com/>

<http://www.madeira-edu.pt/tabid/2226/language/pt-PT/Default.aspx>

: <http://www.constanca.lucas.nom.br/Biografia.htm>